



Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Centro de Comunicação, Turismo e Artes - CCTA
Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - PPJ

José Primitivo Leal Neto

Dossiê digital do coco de roda de Gado Bravo - PB

João Pessoa
2021

José Primitivo Leal Neto

Dossiê digital do coco de roda de Gado Bravo - PB

Relatório apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPJ) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Jornalismo.

Área de Concentração: Produção jornalística

Linha de Pesquisa: Processos, práticas e produtos jornalísticos

Orientador: Professor Doutor Luiz Custódio da Silva

João Pessoa
2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L435d Leal Neto, José Primitivo.
Dossiê digital do coco de roda de Gado Bravo - PB /
José Primitivo Leal Neto. - João Pessoa, 2021.
178 f. : il.

Orientação: Luis Custódio da Silva.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo. 2. Webjornalismo. 3. Reportagem em
dossiê. 4. Cultura popular. 5. Coco de roda. 6. Gado
Bravo (PB). I. Silva, Luis Custódio da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 070 (043)



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos vinte e dois dias do mês de julho de 2021, às 10 horas, foi realizada, por videoconferência, através da plataforma Google Meet®, pelo endereço eletrônico <https://meet.google.com/vbx-dsme-asq>, em sessão pública, Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) **JOSÉ PRIMITIVO LEAL NETO**, sob a matrícula 20191000094, cuja pesquisa intitula-se “**Dossiê digital do coco de roda de Gado Bravo - PB**”, para obtenção do título de Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

AVALIAÇÃO:

(X) Aprovado(a) () Reprovado(a) () Insuficiente

As observações sobre o trabalho acadêmico encontram-se no verso desta ata.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof(a). Dr(a). **Luiz Custódio da Silva**
Presidente

Prof(a). Dr(a). **Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho**
Examinador(a) Interno(a)

Prof(a). Dr(a). **Marina Magalhães de Moraes**
Examinador(a) Externo(a) ao Programa

Observação: A presidência da Comissão certifica a presença dos demais membros.

A Deus e ao seu filho Jesus, minhas fortalezas nas tribulações, à Mãinha, Maksandra Aguiar, e a Painho, Petrônio de Brito Leal, que foram e sempre serão minhas fontes de inspiração e apoio, dedico.

AGRADECIMENTOS

Essas pessoas que eu vou citar merecem mais que agradecimentos, mas na falta de uma coisa maior, só me resta ser grato por tudo que fizeram por mim.

Ao meu orientador, professor Luiz Custódio, que me aguenta desde lá da graduação. Um senhorzinho sabido e de coração enorme que saiu de Ingá de Bacamarte para ser inspiração para tantos, inclusive para mim. Ele me encorajou, puxou minha orelha, me deu força e, acima de tudo, me guiou nesse processo de fazer o mestrado.

À Iara Alves, uma amiga que vou levar para toda vida, pelas boas reflexões sobre o jornalismo, a vida e tantos outros assuntos que surgiam durante as viagens de ônibus de Campina Grande a João Pessoa. Sem esquecer também das boas risadas que dávamos com as nossas asneirices.

À minha banca examinadora, as professoras Marina Magalhães e Zulmira Nóbrega, que contribuíram com observações e apontamentos preciosos lá na qualificação e que estão comigo mais uma vez.

Aos personagens e mestres do coco de roda de Gado Bravo, que foram minhas inspirações para a reportagem: Vital de Pipídio, Zé da Veia, Pimbó, Zé de Marina, Chico Pixaim, Noaldo, Didi, Josinaldo, Antônio Onório, Lindalva Sabino, Antônio José, Socorro Brito e Guerreira Virgínia Passos.

A Roberto Faustino, que me incentivou a fazer a seleção do mestrado quando eu ainda era aluno da graduação.

Às professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Glória Rabay, Ana Lúcia, Paula Paes, Patrícia Monteiro, Fabiana Siqueira, Joana Belarmino, Fernando Firmino e Cláudio Paiva. Como eles foram necessários, aprendi muito com todos.

Aos técnicos administrativos, Mary que trabalhava inicialmente no Programa, e a Joercio que veio depois. Eles que auxiliaram tanto os alunos a tirarem suas dúvidas.

À Universidade Federal da Paraíba que, por meio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, me contemplou com um auxílio estudantil de um ano.

Muito obrigado!

Canto dum rubato refinado, estupendamente natural, com rítmica baseada diretamente nos acentos e não nos valores do tempo, esses cocos nordestinos sempre molengos na dicção, sejam afobados ou vagarentos, irônicos malincônicos, alegres, pacientes, saem do caboclo com uma ardência maravilhosa. São ardentes. São profundamente humanos e sociais.

(Mário de Andrade, Os cocos)

RESUMO

Apresentamos neste relatório os caminhos percorridos e as escolhas feitas para a produção da reportagem em dossiê digital denominada “Pelos caminhos do coco de roda de Gado Bravo”. O Município detentor da manifestação que virou pauta da reportagem fica localizado na região imediata de Campina Grande, na Paraíba. O objetivo deste estudo foi narrar a história do coco e de seus mestres e publicar o material produzido na internet. O objeto abstrato desta investigação é o jornalismo como ferramenta de fomento e de difusão da cultura popular e o empírico é a reportagem sobre o coco de roda. A pesquisa é de caráter teórico aplicado, sendo elaborado a partir de metodologias qualitativas. Nesse sentido, empregamos a revisão bibliográfica para elaborar o referencial teórico sobre o webjornalismo, a cultura popular, o dossiê jornalístico, a reportagem, o jornalismo lento e *longform* e o coco de roda. Já para a elaboração da reportagem, utilizamos a abordagem etnográfica, a observação empírica, a entrevista e o diário de campo. Para construir o dossiê, entrevistamos 15 pessoas e fizemos 23 visitas a campo, que aconteceram do dia 22 de março ao dia 08 de junho de 2021, com 28 horas e 15 minutos de duração. Como resultado do trabalho, podemos apontar que a reportagem produzida se torna um registro das músicas, das memórias e das narrativas orais dos mestres do coco e dos brincantes. Nesse sentido, a matéria contribui para a construção da informação local e também para a disseminação da cultura do lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Webjornalismo. Reportagem em dossiê. Cultura popular. Coco de roda. Gado Bravo.

LINK DO DOSSIÊ:

<https://readymag.com/arupema/2917487peloscaminhosdococoderodadegadobravo/>

RESUMEN

En este informe, presentamos los caminos tomados y las elecciones hechas para la elaboración del reportaje en un dossier digital denominado “Pelos caminhos do coco de roda de Gado Bravo.” El municipio que realiza la manifestación que se convirtió en la agenda del artículo se ubica en la región inmediata de Campina Grande, en Paraíba. El objetivo de este estudio fue narrar la historia del coco y sus maestros y publicar el material producido en la internet. El objeto abstracto de esta investigación es el periodismo como herramienta de promoción y difusión de la cultura popular y el empírico es el reportaje sobre el coco de roda. La investigación es de carácter teórico aplicado, siendo elaborada a partir de metodologías cualitativas. En este sentido, utilizamos una revisión bibliográfica para elaborar el marco teórico sobre el webperiodismo, la cultura popular, el dossier periodístico, el reportaje, el periodismo lento y *long-form* y el coco de roda. En cuanto a la elaboración del informe, se utilizó del enfoque etnográfico, la observación empírica, las entrevistas y el diario de campo. Para la construcción del dossier, entrevistamos 15 personas y realizamos 23 visitas de campo, que se realizaron del 22 de marzo al 8 de junio de 2021, con una duración de 28 horas y 15 minutos. Como resultado del trabajo, podemos señalar que el informe elaborado se convierte en un registro de las canciones, memorias y narrativas orales de los mestres del coco y los brincantes. En este sentido, el artículo contribuye a la construcción de información local y también a la difusión de la cultura del lugar.

PALABRAS-CLAVE: Webperiodismo. Reportaje en dossier. Cultura popular. Coco de roda. Gado Bravo.

ENLACE DEL DOSIER:

<https://readymag.com/arupema/2917487peloscaminhosdococoderodadegadobravo/>

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Problema e problematização do tema pesquisado	13
2	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	18
2.1	Observar e pesquisar: um método para aprender	19
2.2	Instrumentos da pesquisa e abordagem etnográfica no jornalismo	21
2.3	Pré-produção – pauta e apuração	29
2.4	Produção – edição e redação	35
2.5	Pós-produção – montagem e publicação	36
3	REFLEXÕES SOBRE O WEBJORNALISMO	40
3.1	Deslocamentos e permanências no webjornalismo	41
3.2	Elementos da reportagem contemporânea	48
3.2.1	<i>Aspirações do jornalismo lento</i>	51
3.2.2	<i>Reportagem longform e o jornalismo de histórias locais</i>	54
3.2.3	<i>Dossiê aplicado ao jornalismo</i>	58
4	CIRCUNSCRIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	62
4.1	Trajetórias, permanências e reinvenção da cultura popular	63
4.2	Ancestralidades, permanências e diversidades do coco	66
4.2.1	<i>Aspectos e trajetórias do coco na Paraíba</i>	70
4.3	Particularidades históricas e culturais de Gado Bravo	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	84
	APÊNDICE A - EXEMPLO DE PAUTA UTILIZADA	93
	APÊNDICE B - DIÁRIO DE CAMPO	95

1. INTRODUÇÃO

A Paraíba é um estado com diversas manifestações culturais, podemos encontrá-las de norte a sul, de leste a oeste, do litoral ao sertão. Independente de clima, de povoação ou do tamanho, cada município tem uma manifestação da cultura popular para chamar de sua. Eles possuem lendas rurais e urbanas, literatura de cordel, festas religiosas/profanas, danças, artesanato, música, poesia etc. Essas manifestações são capazes de tecer as características de muitas localidades paraibanas. Não seria diferente, por exemplo, com Gado Bravo, no agreste paraibano. Apesar de ser relativamente novo e pequeno, tendo sua emancipação política efetivada em 29 de abril de 1994, o município tem fortes vínculos com a cultura popular, principalmente porque sua população é predominantemente rural.

Gado Bravo tem alguns espaços que são significativos para a população. São exemplos disso: a feira livre, que acontece aos domingos, a praça São José, que fica ao lado da igreja católica, o rio Paraíba, que demarca os limites entre Gado Bravo e Umbuzeiro e, mais recentemente, o acesso asfáltico ligando a PB 102 à cidade, que se tornou um local para as pessoas caminharem e praticarem ciclismo e também o Açude Público de Gado Bravo, que é considerado o novo ponto turístico do lugar. Os moradores do local também têm uma relação muito sólida com a cultura da festa, principalmente as de característica religiosas/profanas. É nesses espaços que surgem significativas reuniões entre as pessoas do lugar. Esses encontros se tornam momentos importantes para a perpetuação de costumes da cultura, a exemplo do coco de roda.

De modo geral, o coco é fortemente associado aos períodos juninos, porém, a relação do coco com as comunidades é mais do que somente cultural, é também econômica e, por isso, ele se torna visitado em várias épocas do ano. Quando tocamos na relação econômica, nos referimos ao custo na organização das festas. Elas são feitas com pouco dinheiro, sobretudo aquelas que acontecem nas comunidades rurais, o que impossibilita que sejam trazidos cantores de outros locais. A alternativa é, então, chamar os mestres de coco do lugar para animar as comemorações, escolha que é bem aceita pelas pessoas que comparecem.

Às vezes, a manifestação do coco é um elemento que está circunscrito a uma localidade, aparecendo em forma de grupos de dança ou de canto. No entanto, esse formato não se aplica ao município agrestino, não existe uma localidade específica na qual se realiza o coco, como é o caso, por exemplo, de Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande, ou Gurugi, no Conde. Em Gado Bravo, o coco pode acontecer em qualquer lugar, basta apenas os organizadores das festas convidarem os mestres que moram na região para cantarem. Nesse caso, enquanto os coquistas

tocam e cantam, as pessoas que estão na festa pegam na mão umas das outras e formam uma roda em torno deles e começam a dançar em movimentos circulares, algumas vezes para esquerda outras vezes para a direita. Não existe uma ordem, uma regra ou um número específico de participantes para entrar na roda, basta o interessado se aproximar e pegar na mão de uma das pessoas que está dançando. Caso aconteça de a roda ficar grande, é formada uma segunda roda dentro da primeira e assim vai até as pessoas não aguentarem mais.

À vista disso, o interesse da pesquisa foi utilizar o jornalismo como meio para pesquisar e mostrar para a população local, principalmente para os mais jovens, a importância de um bem cultural como o coco de roda para exaltar os traços culturais da região. Desta forma, o estudo tenta corroborar para o fortalecimento da história cultural do município e, a partir disso, contribuir para a difusão e desenvolvimento da manifestação do canto-dança. Nesse sentido, o estudo se justifica a partir da elaboração de uma reportagem em dossiê digital, cujo intuito foi remontar a história do coco e de seus mestres e mestras, mostrar como a manifestação teve início e como ela está nos dias atuais.

O dossiê digital foi construído levando em conta os preceitos da técnica do jornalismo lento e *longform*. É um dossiê com o texto longo, aprofundado e com vários elementos multimídia, como a fotografia, o vídeo, o infográfico e o slide show. Com isso, o objetivo foi deixar o trabalho com uma narrativa atraente. Essa é uma tentativa de fugir dos modelos usuais da produção do webjornalismo, aquelas produções com o texto curto, fotografia e hiperlinks. Dessa forma, o produto jornalístico produzido tem potencialidade para contribuir tanto com o conhecimento a respeito da cultura popular de Gado Bravo quanto com a narrativa webjornalística.

Já o presente relatório foi estruturado em três capítulos, além da introdução, considerações finais e apêndices. No primeiro capítulo, intitulado pressupostos metodológicos, fizemos uma discussão sobre pesquisa e método, trazendo luz à questão das metodologias adequadas ao jornalismo como um difundidor da cultura popular. Além disso, descrevemos o passo a passo da produção da reportagem, apresentando as escolhas para as pautas, os momentos das entrevistas, as gravações dos vídeos e edições dos materiais.

No segundo capítulo, denominado reflexões sobre o webjornalismo, abordamos algumas questões relacionadas ao fazer webjornalístico, suas características, deslocamentos e permanências. Tratamos também sobre a produção de reportagens, apresentamos nuances de dois movimentos questionadores da produção jornalística contemporânea, que são o jornalismo lento e *longform*, e refletimos sobre as características do dossiê no jornalismo.

Já no terceiro capítulo, chamado circunscrição do objeto de pesquisa, situamos o objeto da pauta da reportagem, refletindo sobre os elementos da cultura popular, do coco de roda na Paraíba e das características históricas e culturais do município de Gado Bravo, apresentando espaços que são significativos para a população local.

1.1. Problema e problematização do tema pesquisado

A cultura ocupa um espaço significativo na vida das pessoas. De certa maneira, enquanto as pessoas estão realizando suas atividades diárias de trabalho ou lazer, elas também estão produzindo cultura. A mesma percepção vale para a cultura popular, componente tão presente no cotidiano. Pouco paramos para pensar e, menos ainda, para problematizar esse elemento tão significativo. É nesse contexto que compreendemos a importância do jornalismo como ferramenta de fomento e de difusão dessas manifestações.

A cultura popular é composta por diversos elementos e muitas vezes eles passam despercebidos pelo nosso entendimento. Nesse sentido, recuperando um apanhado feito por Kashimoto, Marinho e Russeff (2002), podemos considerar dentro do leque da cultura popular as manifestações da culinária, do folclore, da literatura oral, da meteorologia, das religiões, da música e da dança popular, os ditos, as anedotas, as festas, o vestuário, entre outros elementos que, de certa maneira, são uma espécie de assinatura cultural de muitas comunidades. Muitos municípios do Nordeste brasileiro, por exemplo, são grandes celeiros de manifestações da cultura popular. A partir disso, eles são reconhecidos nacional e internacionalmente, recebendo atenção maciça tanto dos média quanto dos turistas. São exemplos disso, Campina Grande/PB, Caruaru/PE e Amargosa/BA, com as festas juninas, e Recife/PE, Olinda/PE e Salvador/BA, com o carnaval.

Contudo, podemos perceber que os locais menores também têm importantes expressões da cultura popular, mas não têm esses traços ressaltados, reconhecidos ou propagados pelos média. O problema é agravado pelo fato de muitas cidades interioranas possuírem poucos ou nenhum meio de comunicação, seja ele comunitário, público, estatal ou comercial. Um levantamento feito pelo Atlas da Notícia v.4 demonstra esse cenário. O Atlas da Notícia é realizado pelo Projor – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. O objetivo do projeto é mapear e estudar iniciativas jornalísticas locais no Brasil. Um estudo publicado em 2021¹ pelo projeto identificou que 3.280 municípios brasileiros estão em desertos de notícias e outros 1.187 possuem apenas um ou dois veículos de informação². São aproximadamente 62,6 milhões de habitantes que estão em desertos ou quase desertos de notícias. Nesse sentido, podemos chamar a atenção para o fato de os habitantes terem pouco acesso à informação sobre o contexto no

¹ ESTATÍSTICAS básicas e consulta do banco de dados do Atlas da Notícia. 2021. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/plataforma/estatisticas/#popula%C3%A7%C3%A3o-em-desertos-1>. Acesso em: 24 jun. 2021.

² O Atlas da Notícia considera desertos de notícia os municípios que não possuem veículos cadastrados e os quase desertos aqueles que possuem um ou dois veículos cadastrados no site.

qual vivem. Os números também demonstram uma lacuna de espaços que poderiam trabalhar as pautas voltadas para cultura popular, incentivando o debate de ideias para o desenvolvimento e propagação das culturas locais.

Esse debate é importante para que as pessoas inseridas em determinados territórios possam conhecer mais a fundo suas expressões culturais. Assim, elas podem criar estratégias para empregar esses bens como forma de desenvolvimento econômico, social e cultural. Nesse contexto, os valores, os saberes e os conhecimentos subjetivos que se encontram nas manifestações culturais de uma comunidade podem promover melhores condições de vida aos seus moradores, por meio do turismo, por exemplo. Essas características também podem ser trabalhadas jornalisticamente em meios alternativos de comunicação, a fim de que as expressões culturais localizadas tenham mais visibilidade.

Atualmente, observamos que a falta de meios de comunicação comunitários nas pequenas cidades é atenuada com a democratização da fala proporcionada pela internet. Esse meio permite, dentro de alguns limites, a criação e veiculação de narrativas dinâmicas e com maior alcance sobre o cotidiano das comunidades. As narrativas podem ser compostas por conteúdos jornalísticos e amadores e podem ser ou não multimídia. Assim, os novos modelos de consumo e as tecnologias têm mudado a forma como o jornalismo se relaciona com o público, com a produção da informação e com a sua divulgação. Antes, o impresso, a TV e o rádio eram os únicos veículos institucionalizados a fornecerem informações, mas com a chegada da internet os horizontes se ampliam e, com isso, entram em cena os blogs, os sites, canais no YouTube e a transmissão ao vivo por meio de redes sociais digitais.

Esses canais também são utilizados por pessoas comuns que vivem em comunidades, a fim de compartilhar informações, ideias, opiniões e conhecimentos subjetivos da vivência local. Isso pode ser um meio de socialização dos saberes de muitos grupos. Marques de Melo (2011, p. 17) aponta que “[...] as narrativas do cotidiano municipal ou o imaginário local quase sempre permanecem circunscritas às fronteiras das próprias comunidades que as motivaram.” À vista disso, acreditamos que os espaços gerados a partir da concepção de canais de comunicação na internet proporcionam novas possibilidades de circulação de informações e conteúdos sobre o local. Assim, há a possibilidade de encontro entre a comunicação institucionalizada com a folkcomunicação³. A partir disso, as narrativas do cotidiano e do imaginário local serão

³ Teoria brasileira da comunicação criada pelo jornalista e professor Luz Beltrão. Nela, Beltrão compreende uma relação estreita entre a comunicação e o folclore. A folkcomunicação é, portanto, as práticas e as ferramentas utilizadas por comunidades marginalizadas para comunicarem suas ideias, opiniões e informações. Ver Beltrão, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos Marginalizados. 1980.

difundidas para além das fronteiras das comunidades. Mesmo com algumas limitações, os blogs, os sites ou os canais de YouTube são capazes de incentivar estratégias para suprir a não visibilidade de costumes culturais que estão circunscritos em determinados lugares. Os canais comunicativos da internet são capazes de mostrar acontecimentos, histórias e a vida cotidiana de comunidades para os seus próprios atores e para outros grupos.

Esta abertura criada com a democratização do acesso à internet fez com que certos locais fossem colocados no mapa da produção da informação. Municípios como Gado Bravo que nunca tiveram um meio de comunicação passam a ter, principalmente blogs e webrádios, meios de comunicação que tratam da informação local — divulgação de eventos, festas, ações da prefeitura etc. Geralmente, esses acontecimentos não são aproveitados pelos veículos de comunicação maiores, seja porque eles estão longe do seu campo de cobertura, seja pela falta de pessoal ou até mesmo pela falta de interesse. Dessa forma, os canais comunicativos criados na internet cobrem essas lacunas.

Nesse contexto de produção informativa na web, é importante ressaltamos que a inserção do conteúdo jornalístico na internet se deu em fases, as chamadas gerações do jornalismo online. Foram elas: a primeira geração, fase em que houve a reprodução do modelo do jornal impresso para a internet; a segunda geração, na qual o texto jornalístico passou a ter adaptações para o online, com a inclusão de links nos textos e um certo grau de multimedialidade; e a terceira geração, marcada pelo fim da periodicidade, pelo massivo uso de hipertextualidade, multimedialidade e interatividade. Nessa geração, a utilização de todas as potencialidades oferecidas pela internet para o desenvolvimento de características natas do webjornalismo é um destaque (CANAVILHAS, 2014a).

Apesar dessas potencialidades, percebemos que certos canais de comunicação criados na internet apresentam deficiências estruturais e de conteúdo. Podemos entender essa expressão como um desdobramento daquilo que Pereira e Adghirni (2011) chamaram de mudanças estruturais do jornalismo. Segundo esses autores, o fenômeno é provocado pelas mudanças socioeconômicas e de inovações tecnológicas, causando transformações estruturais na produção da notícia, no perfil do jornalista e nas relações com o público. Nesse contexto, grande parte dos sites e blogs de informação local não aproveitam as possibilidades oferecidas pela terceira geração do jornalismo online. O conteúdo produzido é pouco atrativo, as notícias não são aprofundadas, a capacidade multimédia não é explorada. Saindo das questões técnicas, enfatizamos também a falta de exploração de pautas relacionadas a temas locais, principalmente sobre a cultura, que poderiam gerar boas reportagens. É compromisso do jornalismo atuar

nesses ambientes, a fim de colaborar para a cobertura de assuntos mais localizados, e é justamente neste ponto que esta pesquisa focou.

Como salienta Assis e Nepomuceno (2008, p. 11), “pensar a cultura como sendo resultado de movimento, multiplicidade, trocas e fusões é indispensável para a compreensão do sistema cultural no mundo contemporâneo e do mesmo modo do universo da cultura popular, hoje muito mais dinâmica e voltada para o mundo que a rodeia”. A partir do que salienta as autoras sobre as trocas e as fusões das culturas na contemporaneidade, é possível compreender melhor o motivo pelo qual alguns costumes culturais estão sendo reinterpretados e ressignificados. Eles são dinâmicos e por isso estão expostos a trocas e fusões.

Nesse sentido, muitas práticas culturais que estão presentes em um local se entremeiam com outras. Podemos perceber isso, por exemplo, na forma como as pessoas dançam o coco de roda em Gado Bravo, que se assemelha com a maneira de se dançar a ciranda. Então, é importante formular meios para manter vivos os processos, as memórias e as histórias que estão no meandro dessas identidades culturais do coco de roda. É a partir daí que o papel do jornalismo é importante, principalmente quando aliado a esses novos espaços proporcionados pela internet. Combinados, eles são formas de contribuir para o registro desse tipo de manifestação, especialmente com relação à reafirmação das culturas locais.

O jornalismo ganha um espaço nunca antes visto com a internet. Esse espaço pode ser apropriado para o desenvolvimento de narrativas que contribuam para o fortalecimento da cultura popular. Com os sítios da web, tanto jornalistas quanto pessoas comuns têm a possibilidade de contar histórias de forma independente. Nesse contexto, apresentamos uma concepção de Motta (2017) para explicar melhor a que estamos nos referindo:

Através das novas tecnologias, o público tomou para si um protagonismo maior do contar. Nunca antes nossas estórias foram tão compartilhadas, tornando mais densa e complexa a rede coletiva de narrativas públicas. Nunca antes fomos tão narradores, e simultaneamente destinatários, de nossas próprias aventuras. A vida contemporânea se desenvolve sob um mar de relatos híbridos e fragmentados que se emendam uns aos outros, entretecendo uma teia virtual de narrativas na qual estamos todos enredados (MOTTA, 2017, p. 49).

Luiz Gonzaga Motta ressalta a perspectiva de protagonismos em contar criada a partir das novas tecnologias. Esse cenário, então, possibilita que conheçamos diferentes narrativas que se entrelaçam, contadas tanto por jornalistas quanto por pessoas comuns. Nesse sentido, os espaços proporcionados pela convergência podem contribuir com o fortalecimento e a propagação da cultura popular. Assim, vamos unir a narrativa jornalística e os ambientes

digitais para contar as histórias que fazem parte do imaginário cultural das comunidades de Gado Bravo. Essa combinação pode ser desenvolvida a partir de reportagens. A questão é trabalhar a narrativa da reportagem em profundidade dentro da internet. Para isso, o uso de diferentes linguagens para a produção e veiculação da reportagem pode ajudar. Dito isso, partimos para os seguintes questionamentos: como trabalhar a reportagem de forma que ela contribua para fomentar a história do coco de roda do município de Gado Bravo? Como o jornalismo pode auxiliar na difusão da cultura popular por meio de inovações sociotécnicas da internet? Qual a importância deste tipo de produção para os moradores de Gado Bravo?

Para tanto, o nosso objetivo geral foi produzir um dossiê digital narrando a história do coco de roda do município de Gado Bravo – PB. Já os objetivos específicos foram difundir a cultura popular por meio do webjornalismo; enfatizar a importância do coco como bem cultural do município; mapear e registrar os mestres, mestras e grupos de cocos do lugar; contribuir com novos formatos para publicação de reportagens na internet e colaborar para a propagação do coco de roda da região.

A partir disso, desenvolvemos uma reportagem em dossiê digital que tratou de uma manifestação cultural, o coco de roda. O material foi publicado na internet. A intenção foi utilizar os espaços criados na web como forma de produção e veiculação de um conteúdo jornalístico que busque contribuir para o fortalecimento da história desse bem cultural local.

2. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Descrevemos neste capítulo as escolhas metodológicas que fizemos para melhor aprontar esta pesquisa. Optamos por desenvolver um caminho metodológico que começasse com alguns esclarecimentos sobre pesquisa e método, porque acreditamos que a compreensão dessas etapas é fundamental para a construção de uma pesquisa. Saber diferenciar, por exemplo, uma atividade cotidiana de uma pesquisa científica é primordial para não se cair em achismos. Da mesma forma, saber o que é e como aplicar o método científico é importante para se obter algum resultado no final da investigação.

Após esses apontamentos, apresentamos os instrumentos de coleta de dados tanto para a reportagem quanto para o desenvolvimento da parte teórica da pesquisa. Junto a esse assunto também expomos e defendemos o uso da abordagem etnográfica como um caminho possível para auxiliar o jornalismo na apuração da informação. Essa defesa leva em conta o afastamento cada vez maior do repórter dos personagens, das ruas e da vivência cotidiana com os acontecimentos, sobretudo no contexto da pandemia do coronavírus.

Em seguida, apresentamos todos caminhos metodológicos feitos nesta pesquisa para realizar a reportagem. Explicamos o passo a passo, da pauta até a publicação do material. Esses apontamentos foram divididos em pré-produção, produção e pós-produção.

2.1. Observar e pesquisar: um método para aprender

O ato de pesquisar perpassa o cotidiano e as áreas do conhecimento, permeia a curiosidade, a necessidade de entender melhor, a descoberta e o conhecer. Rudio (2007, p. 9) conceitua pesquisa como “[...] um conjunto de atividades orientadas para busca de um determinado conhecimento.” A pesquisa está presente tanto nas atividades comuns do dia a dia de uma pessoa, quando ela passa no supermercado para averiguar faixas de preço de uma determinada mercadoria, por exemplo, quanto na vida de um cientista, quando ele tenta comprovar uma teoria, uma hipótese ou uma premissa. De modo geral, o que vai diferenciar esses dois atos é a forma com que ambas as ações serão realizadas. Na primeira, não será usado o rigor científico por ser uma ação simples do cotidiano, ao contrário da segunda, que fundamentalmente deverá utilizar. O que vai determinar o rigor do cientista?

O rigor será determinado pelo uso de um método, o científico. Cabe salientar que esse processo não é específico das ciências, como aponta Lakatos e Marconi (2003, p. 83, grifo das autoras): “a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas *não há ciência sem o emprego de métodos científicos.*” Afinal, o que é um método?

O método é o caminho a ser percorrido, demarcado, do começo ao fim, por fases ou etapas. E como a pesquisa tem por objetivo um problema a ser resolvido, o método serve de guia para o estudo sistemático do enunciado, compreensão e busca de solução do referido problema. Examinado mais atentamente, o método da pesquisa científica não é outra coisa do que a elaboração, consciente e organizada, dos diversos procedimentos que nos orientam para realizar o ato reflexivo, isto é, a operação discursiva de nossa mente (RUDIO, 2007, p. 17).

Ao percorrer atentamente a conceituação do autor, será possível abstrair dois sentidos para a aceção de método: 1) a concepção abstrata, baseada na elaboração de um traçado conceitual que embasará a pesquisa, ou seja, uma reflexão; 2) a concepção prática, baseada no caminho que será feito *in loco* para a resolução do problema de pesquisa, ou seja, a escolha das técnicas metodológicas que serão usadas em campo. A mesma perspectiva é apontada por Peruzzo (2018, p. 35): “[...] método quer dizer via ou caminho de uma investigação. Esse caminho inclui os pressupostos epistemológicos (nem sempre explícitos), o marco conceitual (teorização) e o marco metodológico (estratégias metódicas e técnicas).”

Uma etapa busca orientar a outra. No entanto, devemos salientar que existe a possibilidade de adaptação das referidas etapas durante o caminho da investigação. Isso porque a “ciência, ela mesma, é coisa viva, não se referindo àquilo que já se sabe, mas àquilo que se

está lutando por obter através da pesquisa em ato” (SANTAELLA, 2001, p. 104). Com isso, podemos inferir que, a ciência, por ser uma coisa viva, estará se movimentando, se atualizando e mudando. Portanto, uma possibilidade de um novo enfoque pode surgir quando o pesquisador for para a prática. Devido a isso, é importante que o cientista esteja aberto para mudar certos aspectos e abordagens metodológicas.

Para a elaboração de um caminho metodológico, é preciso uma pesquisa a ser realizada. Rudio (2007, p. 19) exprime que, “na verdade, não se pode fazer pesquisa sem ter um problema, devidamente enunciado, para resolver”. Portanto, os procedimentos metodológicos de uma pesquisa devem ser elaborados de forma que ajude o pesquisador a realizar o estudo pretendido sem muitos percalços. Para tanto, ele deve ser pensado e organizado a partir de um ponto chave de toda investigação, o problema de pesquisa.

Nesse sentido, retornaremos resumidamente ao problema desta pesquisa para, a partir dele, apresentarmos os procedimentos metodológicos que serão utilizados no estudo. O nosso problema desponta da seguinte observação empírica: pudemos observar que muitos municípios paraibanos têm importantes manifestações culturais. No entanto, pudemos perceber também que muitas vezes esses costumes não recebem a atenção dos média, no sentido de propagação das suas mensagens, das suas características intrínsecas e dos seus personagens.

Isso pode ser agravado porque alguns municípios não possuem rádio ou qualquer outro meio de comunicação comunitário. De certa maneira, esses espaços poderiam trabalhar essas pautas. Tais lacunas podem ser minimizadas a partir de iniciativas comunicativas que se utilize da internet como meio de divulgação e memória dessas manifestações. Quando nos referimos às deficiências de cobertura jornalística, é inevitável não situarmos que essas também são algumas das características que envolve o município de Gado Bravo, localizado no agreste paraibano.

A partir dos apontamentos feitos até aqui e observando também o caráter profissional do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, cujo trabalho final sobre o objeto de estudo pode ser tanto dissertação como produto técnico, propusemos, portanto, o desenvolvimento de uma reportagem em dossiê digital. Essa propositura será pautada a partir de uma manifestação da cultura popular, o coco de roda do município de Gado Bravo/PB.

2.2. Instrumentos da pesquisa e abordagem etnográfica no jornalismo

O objeto empírico e o abstrato dessa pesquisa percorrem diversas áreas do conhecimento: o webjornalismo, a cultura popular, a antropologia, a sociologia e a folkcomunicação. O trabalho final do mestrado abrangerá dois processos, um produto técnico (o dossiê digital sobre o coco de roda do município de Gado Bravo) e o relatório final (o material teórico e explicativo sobre o produto técnico), que culminará em uma produção, ou seja, uma pesquisa teórica aplicada. Portanto, cabe explicar que as técnicas de coleta de dados que apresentaremos a partir desse ponto é uma tentativa de melhor desenvolver esse projeto aplicado. Contudo, antes desses apontamentos, vamos abrir um parêntese para mostrar alguns dados obtidos a partir de um inventário no Catálogo de Teses da Capes⁴ sobre o tema da pesquisa. A finalidade da atividade foi conhecer as abordagens já inventariadas por outros pesquisadores sobre o assunto estudado, bem como estudar a estrutura dos trabalhos. O foco foi utilizar uma palavra-chave central para encontrar ao menos dez dissertações ou teses na plataforma.

Assim, com a expressão “coco de roda” e sem especificar um período de tempo encontramos dez dissertações e duas teses nas áreas de estudos culturais, sociologia, educação, ciências sociais, artes visuais etc. Durante a observação, não encontramos teses ou dissertações sobre coco de roda na área do jornalismo ou comunicação. Percebemos que existem pesquisas que contemplam expressões da cultura popular a partir de ancoragens com a folkcomunicação, corrente teórica brasileira, criada na década de 1960 pelo professor pernambucano Luiz Beltrão.

A maioria dos resultados encontrados são anteriores à criação da plataforma Sucupira, ou seja, não apresenta banco de dados concretos sobre elas: resumos, palavras-chave ou orientação. As referidas informações seriam facilmente encontradas pelo link que costa na palavra “detalhes”⁵ do banco da Sucupira. Quando percebemos que os trabalhos eram bem próximos do tema, foi feita uma pesquisa externa na tentativa de encontrá-los nos repositórios das universidades.

Após esses procedimentos, vamos apresentar sete pesquisas que, de alguma forma, se aproximam mais da temática do coco de roda: 1ª) A Festa do Coco das comunidades quilombolas paraibanas Ipiranga e Gurugi: acontecimentos e corponegociações, dissertação em Estudos Culturais, na Universidade Estadual de São Paulo, de Peticia Carvalho de Moraes

⁴ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 25 abr. 2019.

⁵ Palavra que fica abaixo de cada resultado da pesquisa e possibilita, a partir do link agregado na palavra, obter mais detalhes sobre o trabalho. No caso dos trabalhos que foram desenvolvidas antes da Plataforma Sucupira essa palavra não existe, como isso a possibilidade de obter mais detalhes também não.

(2016). Neste trabalho foi estudada as transformações sofridas no espaço onde acontece as festas do coco de roda; as pessoas que participam dos encontros e como acontecem as negociações entre os corpos presentes; 2ª) Coco de Roda Novo Quilombo: da roda ao centro, imagens, símbolos de uma tradição, de Janaína Mendonza Barreto (2017), dissertação em Artes Visuais, na Universidade Federal da Paraíba. A pesquisadora buscou identificar e analisar os aspectos visuais da manifestação, como vestimentas e as formas da dança; 3ª) Tradição e Juventudes em Alagoas: o grupo de coco de roda Xique-Xique, tese em educação, na Universidade Federal de Alagoas, de Telma Cesar Cavalcanti (2018). A tese apresenta a trajetória histórica do grupo de coco Xique-Xique, compreendendo a construção dos processos indenitários dos jovens que fazem parte do coletivo; 4ª) O ambiente cantado e contado pelos brincantes de coco de roda e ciranda da Paraíba, dissertação em Educação, de Sara Divina Melo da Silva (2011), na Universidade Federal de Santa Catarina. A investigação buscou identificar nos contos e nas cantigas de coco a representação do ambiente onde as pessoas moram, estudando para isso as letras de músicas; 5ª) Coco de Roda Novo Quilombo: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade Quilombo de Ipiranga no Conde-PB, de Cícero Pedroza da Silva (2014), dissertação em Educação, na Universidade Federal da Paraíba. O pesquisador fez uma análise da contribuição histórica, cultural, social e política das comunidades onde o coco de roda é muito forte, para a construção de práticas educativas populares; 6ª) O Tempo das Brincadeiras: memória, turismo e tradição em Barra de Camaratuba – PB, dissertação em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, de Gekbede Dantas da Silva (2006). A pesquisa caminhou pela possibilidade de reconstrução da memória das brincadeiras e das festas populares e tradicionais do local, observando as mudanças causadas pelo turismo a essas manifestações, dentre elas, o pastoril, as cantorias de viola, bailes de sanfona e o coco de roda; 7ª) Na brincadeira, me Perdi!: Zambê e outras práticas musicais no ambiente familiar de seu Geraldo Cosme, em Cabaceira – RN, de Jaildo Gurgel da Costa (2011), dissertação em Música, na Universidade Federal da Paraíba. O trabalho estudou o coco zambê, a partir da observação de práticas musicais de uma família da cidade Cabaceiras – RN.

A partir desses apontamentos e tendo em vista todas as leituras possíveis que foram feitas nos trabalhos apresentados, salientamos mais uma vez que a proposta metodológica que vamos apresentar é uma tentativa de melhor compreender a manifestação do coco de roda. Nesse sentido, este estudo se constituirá a partir de duas tipologias qualitativas, a bibliográfica e a etnográfica. A primeira soa até redundante porque toda pesquisa, necessariamente, passa por

esta etapa⁶, ou seja, pela busca e leitura de material publicado e tratado sobre o assunto estudado. Mesmo assim, decidimos trazê-la aqui para melhor explicá-la. “O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa” (KÖCHE, 2015, p. 122). Assim, essa fase da pesquisa auxiliará na coleta de informações e teorias, que por sua vez formará a fundamentação teórica do estudo.

A etnografia, o segundo enfoque metodológico empregado, será usada como ferramenta na construção do dossiê digital e não no relatório. Durante as aulas algumas questões foram levantadas sobre a pertinência do uso dessa tipologia de pesquisa, já que se trata de um método que necessita de mais tempo para ser desenvolvido. No entanto, depois de algumas leituras e reflexões que aconteceram em sala, durante as aulas de metodologia, decidimos utilizá-la.

Talvez, algumas visitas para entrevistas fossem suficientes para colher informações para a redação do dossiê. No entanto, almejávamos obter mais do que informações, queríamos compreender a manifestação cultural e suas personalidades. Portanto, escolhemos o referido método porque ele nos permitiria uma aproximação maior com campo. Não aspirávamos simplesmente entrevistar e ir embora, ansiávamos passar mais tempo com as pessoas. Durante o exercício de pesquisa, Oliveira (1996) enfatiza três etapas para a apreensão dos fenômenos sociais: o olhar, o ouvir e o escrever.

No que diz respeito ao contato com o ambiente vivido pelos personagens, as duas primeiras etapas são mais importantes. Nesse sentido, a etnografia é a metodologia mais pertinente para o máximo aproveitamento dessas capacidades, pois ela exige uma aproximação não só com o campo de estudo, mas com os indivíduos e suas formas de viver.

Evidentemente tanto Ouvir quanto o Olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação. Ambos se complementam e servem para o pesquisador como duas muletas (que não nos percamos com essa metáfora tão negativa...) que lhe permitem caminhar, ainda que tropeçadamente, na estrada do conhecimento (OLIVEIRA, 1996, p. 18).

O autor enfatiza que o olhar e ouvir etnográfico auxilia na caminhada do pesquisador durante o tempo que ele passa em campo. Inclusive, se utiliza da metáfora das muletas como forma de explicar que essas etapas são fundamentais para que o investigador se apoie, visto que ele pode encontrar diferentes dificuldades durante o processo de observação e coleta de dados.

⁶ Como bem salientou a professora Glória Rabay em sala, no primeiro semestre de 2019, durante aula ministrada no Mestrado em Jornalismo da UFPB.

A adoção da etnografia para colher informações é uma tentativa de unir a experiência etnográfica vivida por antropólogos e sociólogos à experiência de campo vivida por jornalistas na apuração de informações. Com isso, uma reportagem, por exemplo, ganha mais vivacidade e fluidez no texto. De certa maneira, essa experiência pode proporcionar ao jornalista formas diferenciadas de visualizar seus personagens e o ambiente no qual eles estão inseridos.

Nesse sentido, “etnografia não é apenas um método, mas uma forma de ver e ouvir, uma maneira de interpretar, uma perspectiva analítica, a própria teoria em ação” (PEIRANO, 2014, p. 3). Podemos compreender que a etnografia pode ser muito mais do que um método ou um tipo de pesquisa. A metodologia é, segundo a autora, uma teoria vivida, ou seja, acontece na prática.

Dentro do jornalismo, a reportagem é o campo privilegiado no qual uma espécie de prática etnográfica pode ser experimentada, embora venha a se parecer mais com uma ‘caricatura’ da etnografia, na qual falta uma preocupação com a ‘totalidade’, com a inserção do acontecimento cotidiano na totalidade das práticas vividas no bairro ou na cidade (GIRARDI JUNIOR, 2000, p. 205).

Podemos encontrar na reportagem uma possibilidade de utilização das técnicas da etnografia. Obviamente que esse tipo textual jornalístico não consegue alcançar a totalidade que um estudo monográfico conseguiria alcançar se utilizando dessa mesma técnica. Nesse caso, não é de responsabilidade da reportagem alcançar a totalidade de um objeto, essa deve ser perseguida, mas nunca alcançada, já que isso só pode acontecer por meio da ciência.

Inevitavelmente, esse processo de inspiração etnográfica será composto de dois momentos. O primeiro será o trabalho de campo, que tem como característica o deslocamento do pesquisador para a comunidade onde vive a pessoa ou o grupo a ser estudado. Já o segundo será a escrita do texto, a reportagem em dossiê digital. Ao mencionar Geertz (1988), Oliveira (1996) divide essas duas etapas em “estando lá”, ou seja, estar no campo e “estando aqui”, ou seja, trabalhar no escritório. Segundo ele, “nesses termos, o Olhar e o Ouvir seriam da primeira etapa, enquanto o Escrever seria parte inerente da segunda” (OLIVEIRA, 1996, p. 22).

Os dois momentos têm igual importância e características complementares. Em resumo, “o trabalho de campo se faz pelo diálogo vivo e, depois, a escrita etnográfica pretende comunicar ao leitor (e convencê-lo) de sua experiência e sua interpretação. É hora, portanto, de levar a sério a linguagem que, afinal, une etnografia e teoria [...]” (PEIRANO, 2014, p. 6). Com relação à escrita do texto, utilizaremos a história contada de modo impressionista como inspiração. “Esse modelo usa abertamente procedimentos literários e de outras artes – como uso de diálogo, descrição elaborada de personagens, descrição evocativas de paisagem ou

ambiência, estrutura narrativa com *flashback* e *flashforward* [e] uso de metáforas” (ANGROSINO, 2009, p. 32).

Com relação ao total do trabalho de campo realizado dentro do mestrado, delinearemos a seguir as ferramentas utilizadas para dar apoio à coleta de dados. No total, empregamos três instrumentos: 1) a observação empírica, fundamentada por Rovida (2015), no artigo “Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica”; 2) a entrevista e 3) o diário de campo, que são respaldados nos encaminhamentos feitos por Benjamin (2017), no texto “Pesquisa em narrativas orais”, e em Weber (2009), no artigo a “Entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?”.

No início do estudo, cogitamos a utilização da observação participante, porque isso justificaria e explicaria o fato do jornalista e pesquisador ser morador do município de Gado Bravo desde criança e, também, porque ela é um instrumento que amplia a coleta de informações em campo. Como o próprio nome sugere, esse recurso metodológico se dá em duas perspectivas: exige tanto a observação quanto a participação do pesquisador. Rovida (2015, p. 78) salienta que o trabalho de campo da etnografia compreende em “ouvir as pessoas e, principalmente, observar para compreender aquilo que se passa; o que nos leva à chamada observação participante. O termo tem gerado algum desconforto e seu uso carece de algumas ponderações.”

Angrosino, 2009; Haguette, 2010 e Silva e Fantinel, 2014 compreendem que, para acontecer uma observação participante na acepção mais pura do termo, deve haver muito tempo de estudo. Além disso, o pesquisador deve participar das atividades das pessoas que está observando – dormir, comer as mesmas coisas, trabalhar nas mesmas atividades, entre outras ações. Analisadas todas essas questões, entendemos que é necessária uma alternativa para resolvê-las. Portanto, como alternativa, usaremos a expressão indicada por Maria Ferreira Rovida: “objetivando evitar o desconforto causado pelo termo ‘observação participante’, tem-se como saída a adoção de expressões como observação empírica ou observação de campo e trabalho de campo” (ROVIDA, 2015, p. 79). Dessa maneira, passaremos a utilizar a expressão observação empírica como alternativa à expressão observação participante.

Com essa escolha, levamos em conta também a questão do tempo que o jornalista tem para fazer uma matéria. Não há valor em uma sugestão que não pode ser cumprida. Nesse sentido, compreendemos que as contribuições que a observação empírica pode oferecer ao repórter no contato com os personagens da matéria são de grande valia. Por isso, ressaltamos que o uso desse instrumento pode ser mais adequado àqueles profissionais que têm *sites* ou blogs e, que por isso, podem usufruir desses espaços com mais liberdade para produção de

reportagens. No entanto, a observação empírica também pode ser utilizada por profissionais de empresas de comunicação. A ressalva é só uma forma de mostrar que, por algumas questões, como falta de tempo, sobrecarga de trabalho, demissão de profissionais e número reduzido de jornalistas, esse tipo de instrumento é difícil de ser empregado, mas não é impossível.

As referidas questões desencadeiam outros problemas, como jornalistas presos nas redações, desenvolvendo o papel do chamado jornalista sentado⁷. Dificilmente, essa combinação não constituirá um jornalismo frágil na apuração e no contato com os acontecimentos. Nesse caso, “uma resposta a esse jornalismo de ritmo frenético e conteúdo superficial pode vir da valorização do trabalho de campo ‘nas ruas’, com a adoção de métodos da etnografia, como a observação participante” (CARVALHO, 2019, p. 61). O autor ressalta, justamente, o uso dos métodos etnográfico pelo jornalismo como forma de resposta ao conteúdo superficial. Cramer e McDevitt (2014) também destacam que a etnografia pode ser uma maneira dos jornalistas conhecerem os grupos invisíveis ou retratados de maneira estereotipada pelas notícias.

Para além dessa técnica, empregamos também a entrevista. Na verdade, não há como fazer uma reportagem sem fazer entrevistas. Nesse sentido, foi imprescindível o uso dessa ferramenta nesta pesquisa. Existem vários tipos de entrevistas: as estruturadas, não estruturadas, em profundidade, compreensivas entre outras. No entanto, neste trabalho utilizamos a visão de entrevista do professor Roberto Benjamin, que não se trata de uma tipologia, são compreensões dele sobre o processo correto para coletar narrativas orais, que são as fontes principais da reportagem.

A entrevista é um momento que exige uma aproximação do jornalista com os personagens, é o tempo em que o entrevistador poderá olhar nos olhos das pessoas e tentar compreender tudo aquilo que observou e que leu sobre. Nesse sentido, Medina (1995) salienta que o ato dialógico de entrevistar não é uma coisa idealista, mas é uma necessidade de entender melhor o outro. O professor Roberto Benjamin se inspirou na caracterização de entrevista apresentada por Maria Isaura Pereira de Queiroz⁸ para propor encaminhamentos para esse

⁷ Segundo Carvalho (2019, p. 61), o jornalista sentado é “um profissional que dificilmente deixa a redação e cujo trabalho é, prioritariamente, reescrever de maneira rápida e sintética textos de agências de notícias ou adaptar conteúdo televisivo para o jornal impresso.”

⁸ A autora utilizou esta concepção de entrevista para coletar os relatos de trabalhadores de São Paulo: 1) Entrevista rigorosamente orientada por perguntas do pesquisador, numa utilização do diálogo, em que falam alternadamente o pesquisador e o informante, este não tendo liberdade de conduzir a conversa, nem tendo a iniciativa de fala; 2) entrevista com roteiro, ou semi-orientada, em que o pesquisador de tempos em tempos efetua uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar; o informante fala mais do que pesquisador, dispõe de certa dose de iniciativa, mas na verdade quem orienta todo o diálogo é o pesquisador; 3) finalmente, entrevista realmente livre, em que o pesquisador, depois de um breve diálogo inicial, limita ao máximo, realmente, suas

momento. Observando as diferentes modalidades conceituadas pela autora, Benjamin (2017, p.147) salienta:

Em nenhum dos casos, o pesquisador pode se dispensar da preparação prévia para a realização da entrevista. É evidente que, para a coleta de narrativas, a entrevista de pesquisa se aproxima do tipo três, mas pelo menos inicialmente, a conduta de pesquisa se aproxima do tipo número dois, isto é, da entrevista com roteiro.

A entrevista do dia a dia do repórter tem início e fim pré-estabelecidos, é muito mecânica, não há muitas possibilidades de fugir disso. Dessa forma, a entrevista como diálogo possível busca quebrar essa mecanicidade e ouvir mais os personagens. Isso não quer dizer que um repórter vai sair para um trabalho sem nenhuma pergunta. Contudo, o que deve guiar esse processo são as respostas do entrevistado. O que se evidencia nesse caso é um cuidado em ouvir. O mais importante é o que o personagem tem a dizer e não o que o entrevistador quer perguntar. Ainda sobre o assunto, Benjamin (2017) salienta a necessidade de uma elaboração prévia de roteiro para saber o que questionar e também ter argumentos para a interação. O autor pontua ainda que não deve existir limite de tempo para as entrevistas, a conversa só deve ser encerrada quando o personagem cansou ou não tem mais o que falar ou a continuidade está sendo inconveniente devido alguma atividade a ser realizada por ele.

Mesmo dentro do campo etnográfico há uma preocupação com a relação entre pesquisadores e personagens, principalmente no que diz respeito ao momento do primeiro ouvir o segundo. Oliveira (1996, p. 20), por exemplo, ressalta que, “a rigor, não há verdadeira interação entre nativo e pesquisador, porquanto na utilização daquele como informante o etnólogo não cria condições de efetivo ‘diálogo’.” O autor compreende que esse problema advém do fato do etnógrafo exercer um determinado “poder” sobre o “informante”. Nesse sentido, essa relação tornará o ato de entrevistar em uma falsa interação. Enquanto o pesquisador/entrevistador só enxergar o nativo como mero informante, não haverá uma verdadeira interação entre eles. A sugestão para superar esse problema de interação é a “relação dialógica” entre ambos. De acordo com Oliveira (1996, p. 20-21) essa relação

Faz com que os horizontes semânticos em confronto - o do pesquisador e o do nativo - se abram um ao outro, de maneira a transformar um tal "confronto" num verdadeiro "encontro etnográfico". Cria um espaço semântico partilhado por ambos os interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela "fusão de horizontes" (como os hermeneutas chamariam esse espaço), desde que o

intervenções, de tal modo que a fita registre um verdadeiro monólogo do informante, ou ainda que a entrevista se aproxime bastante do que seria a fala do indivíduo consigo mesmo, o solilóquio (QUEIROZ, 1991, p. 58).

pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando um diálogo teoricamente de "iguais", sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso.

Nesse caso, o autor entende que o verdadeiro diálogo é um momento de partilhamento de conhecimentos, é um espaço intermediário onde o pesquisador e o nativo se encontram com o intuito de mudar, nem que seja um pouco, o outro. A partir desse momento de trocas, principalmente de experiências, há um diálogo que se torna possível graças à relação de “igualdade” entre entrevistador e nativo. Essas características permitem a quebra de distâncias, nesse momento não há diferença entre entrevistador e entrevistado, ambos estão no mesmo patamar.

Por fim, empregamos também o diário de campo para tentar registrar as dificuldades enfrentadas, as observações feitas e as atividades realizadas durante os deslocamentos a campo. Na realidade, Weber (2009, p. 158) distingue três modalidades de diário: “um diário de campo específico da etnografia; um diário de pesquisa, tal como poderia desenvolver um historiador ou um filósofo; e um ‘diário íntimo’. Nesse último caso, conforme o modelo dos diários autobiográficos em que são depositados os humores e as emoções de seu autor.” Como utilizamos o primeiro formato, vamos apresentar questões pontuais sobre ele. Benjamin (2017) assinala que esse instrumento é individual e deve ser escrito no dia a dia ou nos intervalos entre as atividades realizadas em campo. Com relação ao que registrar, o autor salienta:

O diário de campo é o registro escrito cotidiano da atividade do pesquisador e deve ser o mais detalhado possível, registrando nomes, endereços, tipos de filmes usados, fotos realizadas; todas as informações da observação, descritas minuciosamente, passo a passo; os lugares e ambientes das entrevistas, pessoas entrevistadas e outras presentes que tenham interferido etc.; ideias e opiniões do pesquisador sobre todas as informações que foram anotadas (BENJAMIN, 2017, p. 145).

Sabendo dessas características, fica mais fácil construirmos um diário de campo, já que existe um caminho mais ou menos claro para se seguir. Obviamente que cada experiência tem suas particularidades, suas nuances. Isso faz com que a maneira de registrar mude de um pesquisador para outro e, com isso, alguns desses elementos podem não aparecer. Além desses pontos, Weber (2009, p. 158) evidencia que o diário de campo serve também para “relacionar os eventos observados ou compartilhados e acumular assim os materiais para analisar as práticas, os discursos e as posições dos entrevistados.” Nesse sentido, a autora chama a atenção para o que fazer com os registros realizados, nesse caso, eles servem também para analisar e entender os entrevistados.

Além desses apontamentos teórico-metodológicos, necessitamos fazer também um relato dos passos da produção do dossiê digital. Essa necessidade advém das características deste material, um relatório crítico e reflexivo, que além de pensar teoricamente as nuances da prática jornalista deve descrever as etapas de cada momento da reportagem. Nesse caso, essas são tentativas de deixar claro os caminhos e as decisões tomadas.

2.3. Pré-produção – pauta e apuração

O contato com o coco de roda de Gado Bravo acontece desde a época de criança do jornalista/pesquisador, que é morador do município e brincante de coco, assim como salientamos anteriormente. Já o trabalho de visitação direta aos personagens para a produção da reportagem se iniciou no dia 22 de março e terminou no dia 08 de junho de 2021. Realizamos 15 entrevistas formais, sendo 12 presenciais, duas por ligação telefônica e uma via *WhatsApp*. Entrevistamos os coquistas Vital Costa, Zé da Veia, Pimbó, Zé de Marina, Chico Pixaim, Didi e Josinaldo Marinho, os respondedores de coco Antônio Onório e Lindalva Sabino, os brincantes Antônio José da Rocha, Antônio Costa e Socorro Brito, a ativista cultural Guerreira Virgínia Passos, a Ex-secretária de Educação e Cultura do município Clenia Neri e a Coordenadora Pedagógica da Secretaria de Educação e Cultura Renata Freitas.

Dos coquistas do município, o único que não tivemos sucesso no contato direto foi com Luís Agripino. Ele tem uma série de problemas de saúde, por isso preferiu não dar entrevista pessoalmente. O filho dele, Cláudio, relatou o medo que o pai sentia por conta da pandemia do coronavírus, que surgiu no meio desta pesquisa. Mesmo assim, ele fez questão de enviar um vídeo fazendo um relato e cantando um trecho de um coco. Durante o processo de produção, aconteceram ainda diversas conversas com outros moradores do local, sem caracterizar, necessariamente, entrevistas.

Por conta da pandemia do coronavírus, tivemos uma série de cuidados para não sermos o propagador da doença. Durante o tempo de contato com os entrevistados, fizemos o uso de máscara, álcool e distanciamento social. A maioria das entrevistas aconteceram em um ambiente aberto, onde a ventilação acontecia de forma natural. No entanto, uma delas foi realizada dentro de casa, pelo fato de a gravação ser à noite e a luz artificial fora de casa era precária.

Foram realizadas 23 visitas a campo durante a pesquisa, que tiveram como objetivo, primordialmente, conhecer as pessoas, o lugar onde eles vivem e realizar as entrevistas. Ao

todo, foram 28 horas e 15 minutos entre conversas, entrevistas, observação empírica, gravações de vídeos e capturas de fotos. A finalidade dessas ações foi registrar a memória da manifestação do coco de roda do lugar por meios das narrativas orais das pessoas, principalmente daquelas que estão diretamente envolvidas com a expressão.

Iniciamos a preparação para a reportagem com as leituras sobre o coco, a cultura popular e as metodologias possíveis, mas sobretudo com as primeiras visitas feitas a cada uma das pessoas que foram entrevistadas. Esses deslocamentos iniciais foram muito importantes à medida que permitiu uma aproximação maior com cada personagem. Todos esses cuidados foram tomados a partir das contribuições de Benjamin (2017) sobre a necessidade de uma preparação antecipada para as entrevistas e também para a argumentação que fosse necessária durante esse momento.

Para fazer essas visitas prévias, foi preciso descobrirmos os locais onde os informantes moravam. Os endereços foram surgindo a partir de informações dadas pelos próprios moradores do município. A partir do primeiro encontro, que foi com os familiares do coquista Zé de Marina, os demais domicílios foram surgindo conforme cada deslocamento acontecia. As conversas iniciais com os entrevistados aconteceram apenas com dados sobre a ligação clara com o coco de roda e o local de residência. As informações como, por exemplo, número de celular, nome completo e trabalho só foram obtidas a partir do primeiro contato.

Optamos por não levar câmera, celular, gravador ou caderno para os primeiros encontros. Essa medida foi um cuidado a mais para causar o mínimo de estranhamento nas pessoas. As únicas ferramentas utilizadas nessas ocasiões foi uma folha de papel e uma caneta. Essas visitas tiveram como intuito: fazer um levantamento de informações, apresentação pessoal e profissional do jornalista, propósito do projeto e, principalmente, o convite para a participação dos personagens na reportagem e também para marcação de uma data conveniente para que cada um deles pudesse conversar.

Nesses primeiros contatos foram abordadas questões sobre a pessoa, nome, trabalho e a relação com a manifestação. Surgiram também questionamentos de todas as pessoas com as quais conversamos. Os personagens quiseram saber os parentescos do jornalista, pai ou mãe, o lugar onde morava e se ganharia algum retorno financeiro com a matéria. Durante esse momento dialógico, os indivíduos também recordaram pessoas e lugares que são comuns tanto para eles quanto para o jornalista. Eles tocaram em assuntos que perpassam o cotidiano do lugar, como a falta de chuvas, a alta da ração para o gado, o cultivo de palmas resistentes a cochonilha do carmim e a pandemia do coronavírus e como ela tem afetado suas vidas e participações nas brincadeiras do coco. Essas foram demandas que surgiram durante os primeiros diálogos e não

foram ignoradas. Oliveira (1996) denomina momentos como esse de “encontro etnográfico”, no qual ambos praticam a escuta e a fala, sem medo que haja uma contaminação do discurso do personagem.

Após as primeiras visitas feitas a cada pessoa, veio a elaboração da pauta. Nesse sentido, o seu direcionamento foram os aspectos históricos do coco, as suas características enquanto canto e dança e o lugar dos coquistas no espaço, ou seja, o seu passado, o seu trabalho e a sua relação com a manifestação cultural. Ao abordarmos esses pontos, o intuito foi entender como o coco de roda se manifesta atualmente na cultura gadobravense, a forma de sobrevivência dos coquistas e a continuação do costume nas mãos das novas gerações. No decorrer das entrevistas surgiu mais um eixo que necessitava de uma abordagem na reportagem, trata-se da reclamação, por parte dos coquistas, do não recebimento do apoio financeiro destinado as trabalhadoras e trabalhadores do setor cultural por meio da Lei Aldir Blanc⁹, sancionada em junho de 2020.

A pauta foi organizada da seguinte maneira: um cabeçalho, com identificação do jornalista, retranca, data da realização, tipologia com o intuito da pauta, endereço e nome do entrevistado; logo em seguida veio a síntese geral do assunto, contendo informações sobre o coco de roda; depois veio o direcionamento geral da reportagem, abarcando os encaminhamentos gerais sobre o que deveria ser abordado; após isso, trouxemos uma síntese para a entrevista, abrangendo um pouco da história de vida do personagem que seria contactado; posteriormente, veio o direcionamento para a conversa, com encaminhamentos para serem seguidos durante cada encontro e com sugestões de pontos para possíveis questões e, por fim, os direcionamentos para os recursos multimídia, como, por exemplo, orientações para a captura de vídeo, fotografias e áudio.

Das 15 entrevistas que fizemos, construímos pautas para guiar nove delas, já para as outras seis não as utilizamos. As duas primeiras entrevistas que aconteceram sem pautas foram com o brincante Antônio José da Rocha e o coquista Josinaldo Marinho. Isso aconteceu porque no dia da visita que fizemos ao coquista Didi, os dois estavam presentes. Então não podíamos perder a oportunidade de conversar com eles e pegar seus depoimentos. A outra entrevista que não utilizamos a pauta foi com a brincante Socorro Brito, isso porque ela é conhecida de longa data do jornalista, nesse caso, já havia um vínculo anterior que permitiu um conhecimento sobre a história de vida dela e sua relação com o assunto, com isso não havia um significado na construção da pauta. Também não fizemos uma pauta nos moldes que descrevemos para conversar com o respondedor de coco Antônio Onório, isso porque não houve tempo hábil para

⁹ A Lei Aldir Blanc foi aprovada em junho de 2020 e dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural brasileiro durante o estado de calamidade pública gerada pela pandemia do coronavírus.

tal, foram colocados apenas alguns pontos num papel com orientações para os questionamentos e para a realização dos vídeos. Em seguida, não utilizamos pautas para conversar com a Ex-secretária Clenia Neri e também com Coordenadora Pedagógica Renata Freitas. Nesse caso específico, foi feita uma pesquisa na internet sobre o assunto que trataríamos com elas, a aplicação da Lei Aldir Blanc no município de Gado Bravo.

Geralmente, as pautas são construídas por um jornalista cuja função é a produção delas, e em seguida o documento é entregue ao repórter que o executará. Contudo, para essa reportagem, tanto a pauta quanto a reportagem foram realizadas pela mesma pessoa. De alguma forma, existe o lado positivo, que é não existir conflitos quanto ao encaminhamento da pauta, mas existe o lado negativo também, que a sensação da inutilidade dos guias das pautas, pelo fato do jornalista já conhecer a fundo o assunto e os direcionamentos. Essa sensação também pode ter sido causada pelo fato de escolhermos fazer uma pauta para quase todas as entrevistas feitas.

Com relação ao formato da entrevista, transitamos entre o modelo com roteiro e realmente livre. O próprio entrevistado nos indicava qual escolher na ocasião. Isso porque, ao iniciar a conversa, percebíamos se ele falaria sem nenhuma intervenção ou necessitaria de estímulo por meio de perguntas. Como exemplo, podemos citar a conversa com o coquista Vital Costa, que teve que acontecer por meio do modelo com roteiro de perguntas mais incisivas, pois ele não falava livremente. De certa maneira, foram os entrevistados que definiram também o tempo que passamos com cada um, porque o diálogo só foi encerrado quando eles diziam que não sabiam ou não recordavam de mais nada. Por exemplo, as conversas com alguns deles, como Zé de Marina, Vital Costa e Didi levaram mais de três horas cada. Já com outros, como Antônio Onório e Lindalva Sabino, foram pouco mais de uma hora. Nesse caso, não houve um limite de tempo específico para cada entrevista assim como sugere Benjamin (2017).

A etnografia também preconiza um prolongamento, o que também nos permitiu passar mais tempo em campo e, por conseguinte, mais tempo com os entrevistados. Mesmo ela não acontecendo de maneira participante – dormir junto, comer as mesmas coisas ou trabalhar nas mesmas atividades, houve uma apreensão do cotidiano dos personagens, como o modo de sobrevivência, de diversão, a família, as questões que incomodam no mundo e no próprio espaço onde vivem.

Com relação a isso, vamos apontar alguns aspectos da vida dos entrevistados que podem ser tidos como exemplo. Para contextualizar, vamos relatar algumas experiências etnográficas vividas. Iniciando, o contato com o coquista Zé de Marina aconteceu em três momentos: no primeiro, ele não estava em casa, tinha ido tirar capim para os animais nas terras do irmão dele,

localizadas no sítio Tapuia; no segundo, sabíamos que ele estaria em casa no dia, já que sua filha Janeide havia informado por meio de mensagem. Mesmo assim, ao chegarmos na residência, ele não se encontrava, pois havia ido vender o leite das suas vacas ao vizinho. Zé de Marina só chegou em seguida, após alguns minutos de espera; na terceira visita, então, aconteceu a gravação de músicas de coco de sua autoria, a entrevista com relatos dele sobre as festas de coco que participou, com quem e como aprendeu a cantar coco de roda e a dificuldade em adquirir a primeira caixa para tocar. O coquista também compartilhou as dificuldades que teve para parar de fumar, os problemas que enfrentou ao ser picado por uma serpente ao trabalhar campinando mato no roçado de milho e feijão e como enfrentou um longo processo de recuperação após fraturar uma das pernas. A esposa dele, Maria Salomé, também fez questão de contar sua história de vida. Junto como ele estavam também três dos seus filhos, o coquista Noaldo Marinho, que gravou as músicas junto com o pai, o Ronaldo e a Janeide.

Já o encontro com o coquista Vital Costa ocorreu em duas ocasiões: na primeira, o encontramos trabalhando no curral, ele estava cortando palma para as vacas que cria; na segunda, que foi combinado para uma terça-feira à tardezinha, o coquista também encontrava-se trabalhando, inclusive esperamos por mais de duas horas para que ele pudesse gravar. Antes das gravações das músicas e dos relatos, Vital, com a ajuda de dois filhos, cortou a palma, ordenhou as vacas, deu comida aos porcos, deu ração ao gado e só depois que terminou foi para sua residência para gravar. Lá, ele fez questão de mostrar seu dom para a música.

O contato com o coquista Pimbó também aconteceu em três oportunidades: na primeira, que foi à tarde, ele não se achava em casa, estava trabalhando para um fazendeiro do sítio Rosilha; na segunda, que foi pela manhã, o coquista também não se encontrava, havia ido trabalhar mais uma vez na fazenda. Então, nos deslocamos até essa propriedade para ter o primeiro contato. Encontramos Pimbó aplicando herbicida para eliminar as plantas da lavoura de palma, e ali mesmo conversamos; na terceira, mesmo tendo marcado a visita, ao chegarmos a sua residência, ele já estava de saída para ir pescar no rio Paraíba, que fica próximo à sua casa. Ainda assim, conseguimos, por fim, gravar as músicas, tirar fotos e entrevistá-lo.

Podemos perceber, por meio desses três exemplos, um pouco do dia a dia dos agricultores, que além de serem coquistas, atividade que exercem durante as festas dos santos católicos, aniversários e festas promovidas por políticos e por bares da região, também trabalham na agricultura e na pecuária de subsistência, atividades que exercem mesmo já sendo aposentados. Nas conversas que tivemos com os três, ficou evidente o orgulho de cada um em ser coquista e trabalhador da terra.

Nesse sentido, a etnografia não apenas como método, mas como uma teoria vivida (PEIRANO, 2014), permitiu, por meio do olhar e ouvir, perceber esses aspectos da vida dos três coquistas mencionados. Se não fosse esse tempo a mais que a etnografia recomenda, essas nuances se perderiam. Se tivéssemos utilizado a forma comum de produção jornalística, isto é, uma ligação para marcar dia e hora para a entrevista, teríamos perdido essas descobertas, pois encontraríamos os coquistas em suas casas sentados à espera do encontro.

Com relação aos equipamentos, utilizamos: uma câmera fotográfica DSLR da marca Canon, modelo Rebel EOS t3i, com uma lente EPS 18-55 milímetros, um celular da marca Xiaomi, modelo Redmi note 7, ambos foram usados tanto para fazer as filmagens quanto para tirar as fotografias; dois tripés, um da marca Yunteng, modelo VCT-680RM, com uma altura máxima de 1 metro e 39 centímetros e mínima de 45 centímetros, e outro feito artesanalmente de cano de PVC de 25 milímetros, com altura máxima de 1 metro e 70 centímetros e mínima de 86 centímetros, que deram suporte tanto para o celular quanto para a câmera durante as filmagens; dois microfones da marca Boya, sendo um lapela, modelo BY-M1, omni-direcional, e outro *shotgun*, modelo BY-MM1, cardioide, ambos compatíveis com câmera e celular, eles serviram para captar o áudio com uma melhor qualidade; um adaptador para colocar o celular no tripé; um notebook da marca Samsung, modelo *Book X30*, que foi a ilha de edição de texto, vídeo, imagem e áudio; duas canetas esferográficas da marca Faber-Castell, modelo 032, de cores azul e vermelha, utilizada para fazer as anotações necessárias; uma fita crepe, da marca Adelbras, de 18 milímetros, que serviu para dar apoio as improvisações feitas, as chamadas gambiarras; um caderno de 96 folhas, da marca Cadensil, que foi usado no diário de campo; um bloco de notas com 50 folhas serrilhadas, utilizado para fazer as anotações e também levar os principais pontos das pautas a partir do momento que não era possível imprimi-las; o *Adobe Photoshop Lightroom Classic CC 2019*, que deram apoio nas edições das fotografias; o *Adobe Premiere pro 2020*, usado para editar os vídeos e os áudios; o *Microsoft word*, versão 2014, utilizado para a escrita e edição do texto da reportagem; um refletor led da marca galaxy, com potência 50 watts, usado em momentos que a luz natural já não era mais suficiente e uma motocicleta da marca Honda, modelo *Bross NXR-125*, utilizada para o deslocamento até os personagens.

2.4. Produção – edição e redação

Tendo em vista as potencialidades oferecidas pela internet ao webjornalismo, reunimos um material gráfico, audiovisual e textual que pudesse contar a história do coco de roda de Gado Bravo de forma eficiente. Ao longo da apuração tiramos 94 fotografias, dessas, 36 foram editadas e 21 postadas. Fizemos 52 vídeos entre relatos e músicas, dos quais, 17 foram editados e 13 publicados. Gravamos também 10 áudios que continham as entrevistas e algumas músicas, desses, dois foram postados. Além desse material, tivemos dois vídeos cedidos por pessoas da comunidade, um concedido pelo coquista Pimbó, que retratava uma roda de coco e o outro concedido por Cláudio, que gravou o pai dele, o coquista Luís Agripino, cantando, e uma fotografia postada em uma página de Facebook do município, retratando uma brincadeira de coco de roda no sítio Lagoa dos Marcos.

Mesmo a internet possibilitando muito espaço e várias combinações de linguagens para a reportagem, devemos ter cuidado com a não repetição de conteúdo, não faz sentido usar um texto, um vídeo ou um áudio com o mesmo teor, o ideal é que eles se complementem, apresentem coisas diferentes. Nesse sentido, o primeiro trabalho da produção foi a visualização e a edição dos vídeos, que foi feita no *Adobe Premiere*. O intuito foi mapear e separar temáticas que não poderiam mais ser utilizados nas outras linguagens. Após a seleção das principais partes de todos os vídeos, fizemos um tratamento simples, com correção de cores, tratamento do áudio, adicionamos as artes com os nomes dos entrevistados e os créditos finais e exportamos.

Como o número de coquistas do lugar é grande e eles não formam um grupo único, fizemos a gravação e a edição de pelo menos uma música de cada um e também de algumas falas. Um dos vídeos reuniu depoimentos de quatro entrevistados, esse arquivo foi o mais longo da série de vídeos, contendo seis minutos e 52 segundos. Após a edição, fizemos o envio de todo esse material para um canal já existente na plataforma do *YouTube*, pois isso possibilitaria a utilização dos links desses vídeos no *website* de publicação do dossiê.

Em seguida, escutamos todos os áudios gravados e selecionamos falas e informações para embasar o texto do dossiê. Retiramos desse material também três relatos para compor o conteúdo sonoro, que depois foram postados em uma conta da *SoundCloud*, site para o compartilhamento de sons. A edição desse material também foi muito simples, alguns cortes e redução de ruído, que foi realizada também no *Adobe Premiere*. Inicialmente, pensamos em transcrever todos os áudios gravados, contudo, isso levaria muito tempo, por isso essa ideia foi abandonada.

Posteriormente, elegemos algumas fotografias e fizemos as edições, apenas algumas correções de cores e cortes, que foram feitos no *Adobe Photoshop Lightroom*. Em relação a esse material, sentimos falta de registros das brincadeiras, mas não tivemos a oportunidade de fazê-los, porque no último ano não houve festas de cocos por conta da pandemia. Durante as visitas também tentamos encontrar fotos antigas dos coquistas ou mesmo das rodas de coco, mas não obtivemos sucesso. As pessoas informaram que, no passado, não havia tanta facilidade de fazer fotografias como atualmente. Encontramos alguns arquivos nas redes sociais que retrataram as rodas de coco, mas apenas uma tinha uma qualidade razoável.

Por fim, construímos o texto, que foi digitado no *Word*, programa de edição textual da *Microsoft*. Para a redação, nos inspiramos nos procedimentos das narrativas etnográficas e literárias, trazendo descrições de ambientes, da própria brincadeira do coco, evocações de memórias dos coquistas e dos brincantes. Problematizamos uma questão levantada pelos próprios personagens do coco sobre o apoio da Lei Aldir Blanc. Com isso, além de contar a história relacionada à brincadeira do coco, trouxemos também uma questão de atualidade para o texto. Além disso, criamos um mapa com informações da biografia dos cantadores de coco e os sítios onde eles vivem.

É interessante lembrarmos também do auxílio do diário de campo no apoio dessas etapas de edição e redação. No momento de verificação dos dados obtidos durante as gravações, percebemos que alguns vídeos e áudios gravados não tinham sons. Foram os casos, por exemplo, dos vídeos feitos para coletar depoimentos dos coquistas Noaldo Marinho e Zé de Marina e também o áudio gravado com o coquista Chico Pixaim. Nos dois casos, o excesso de funções exercidas durante a captação do material atrapalhou. Isso porque ao mesmo tempo que devíamos fazer as perguntas, tínhamos também que cuidar dos enquadramentos das imagens e das conexões dos microfones para captação de áudio e, algumas vezes, uma dessas etapas falhavam, levando a perda parcial ou total do material colhido. À vista disso, utilizamos o diário de campo para recuperar parcialmente narrativas feitas pelos personagens para a escrita do texto e também para recuperar paisagens evocadas durante a reportagem.

2.5. Pós-produção – montagem e publicação

Após terminados as explicações sobre as etapas da pauta, apuração edição e redação, vamos abordar agora os aspectos da montagem e publicação do material. Notoriamente, para a publicação da reportagem, necessitávamos de uma plataforma. Nesse sentido, pensamos em

criar um domínio e uma hospedagem para veicular o material. O domínio é um registro de um endereço eletrônico, como se fosse uma patente aplicada à internet. É por meio dele que as pessoas têm acesso a um *site*, por exemplo, uepb.edu.br, campinagrande.pb.gov.br, portalcorreio.com.br entre outros. Já a hospedagem, é um servidor contratado para armazenar todos os arquivos de um site, fotos, textos, vídeos, áudio etc. Contudo, como o nosso projeto é uma proposta para criar uma reportagem e não um *site*, optamos por criar apenas a hospedagem, que será feita em uma plataforma digital.

Na busca por um ambiente que se enquadrasse melhor na proposta do dossiê, encontramos o website da *ReadyMag*, que em tradução livre significa revista pronta. A estrutura permite o compartilhamento de histórias com narrativas criativas, além de ter uma versão gratuita. A plataforma é utilizada por fotógrafos, empresas, jornalistas e por amadores que buscam uma maneira diferente para contar histórias. A *ReadyMag* se autodenomina como uma ferramenta para a criação de novas linguagens visuais para a internet. Segundo o *slogan* deles, “criamos ferramentas para capacitar criadores.”¹⁰

Essa hospedagem dispõe de quatro tipos de planos para os interessados: o livre, que é gratuito; o criador, que custa R\$ 978,70 anualmente; o personalizado, que custa a partir de R\$ 1.957,40 por ano, dependendo das funcionalidades que sejam acrescentadas ao plano; e o profissional, que custa R\$ 3.914,80 anualmente.¹¹ Cada um deles tem um ônus e um bônus, ou seja, os mais baratos têm menos funcionalidades, já os que têm mais funcionalidades são mais caros. Para uma melhor escolha, levamos em conta as necessidades do projeto e as potencialidades de cada assinatura. É visível que os planos personalizado e profissional possibilitam muito mais ferramentas para a criação e edição de qualquer material que queiramos publicar, porém seria um investimento desnecessário.

Dessa maneira, escolhemos o plano livre da plataforma, porque ele não cobra para manter o conteúdo da publicação na hospedagem. É evidente que ele tem suas limitações, como não ser pesquisável nos motores de busca, limite de publicação de apenas um projeto por mês, com até dez páginas por projeto e um único colaborador, enquanto os outros planos permitem publicação e páginas ilimitadas e um mínimo de cinco colaboradores. Nesse sentido, tentamos criar algumas estratégias de edição e de design para superar essas restrições. O *site* também tem a vantagem de ter a possibilidade de responsividade, que é a capacidade de se adaptar à

¹⁰ Disponível em: <https://readymag.com/about/>. Acesso em: 08 maio 2020.

¹¹ É importante ressaltar que esses valores são correspondentes à cotação da moeda do dólar do dia 20 de junho de 2021. Esse valor pode se alterar constantemente por conta da valorização ou da desvalorização da moeda.

diferentes telas. Acreditamos que a plataforma foi uma boa oportunidade para analisarmos e testarmos algumas possibilidades do webjornalismo a partir do dossiê digital.

Ao fazermos uma busca rápida no *Google* pela expressão “reportagem *ReadyMag*”, encontramos algumas reportagens que foram publicadas no *site*. Temos a “Mobilidadeilhada – os desafios do trânsito em Florianópolis”,¹² de Simone Feldmann; “Folclore de pano e barro”,¹³ de Eliza Della Barba; “Filhos do fogo”,¹⁴ de José de Paiva Rebouças, Esdras Marchezan e José Bezerra. De alguma forma, essas e outras reportagens encontradas contribuíram como uma espécie de inspiração, já que mostraram que elementos são comumente utilizados e como eles poderiam contribuir com a narrativa no caso da reportagem sobre o coco de roda de Gado Bravo.

Após a escolha da *ReadyMag*, o próximo passo foi a criação de uma conta, utilizando um e-mail e uma senha. Em seguida, iniciamos a montagem da reportagem, fazendo o envio do conteúdo para o *website*. Apesar de ter uma interface intuitiva, a inexistência de uma versão em língua portuguesa dificultou e deixou o processo de montagem mais demorado. Até existe a possibilidade de tradução automática gerada pelo *Google*, mas, às vezes, a tradução só funciona na página inicial, deixando de acontecer conforme vamos adentrando nas janelas de criação e publicação. Isso dificultou a diagramação e a edição do material no *site*, pois muitas vezes foi difícil encontrar os tipos de fontes e as configurações de texto e adicionar colunas e linhas guias, por exemplo.

Essas barreiras foram sendo vencidas por meio das videoaulas disponibilizadas pela *ReadyMag* no *YouTube*, que mesmo sendo em inglês ajudaram, pois na plataforma de vídeos existe a possibilidade de legenda traduzida automaticamente. Nesse caso, os passos realizados nas aulas junto com a legenda permitiram o melhor entendimento do funcionamento do *site*. Quando essa ajuda não funcionava, recorriamos ao *Google* tradutor para traduzir termos específicos.

Com relação a montagem e a organização do conteúdo da reportagem em dossiê, utilizamos texto, vídeos, áudios, *slide show*, fotografia, infográfico e um mapa de geolocalização. A reportagem foi dividida em três blocos: o primeiro foi iniciado pelo título “Pelos caminhos do coco de roda de Gado Bravo”, abordando os aspectos históricos, as características do coco e do município e também as memórias dos personagens. Essa primeira parte foi montada com uma fotografia de capa e uma ilustrativa, um texto, nove pequenos vídeos, sendo cinco com músicas e quatro com relatos, dois áudios, um deles é uma narrativa e

¹² Disponível em: <https://readymag.com/jorufsc/Mobilidade-Ilhada/>. Acesso em: 05 maio 2020.

¹³ Disponível em: <https://readymag.com/u53927009/folcloredepanoebarro/>. Acesso em: 05 maio 2020.

¹⁴ Disponível em: <https://readymag.com/reporterderua/filhosdofogo/introducao/>. Acesso em: 05 maio 2020.

uma música ao mesmo tempo, o outro é uma explicação de uma historiadora sobre as possíveis origens do coco, dois olhos ou intertítulos, um com uma fala significativa do Mestre Vital e outro com uma contraposição sobre o que é coco de roda, e um infográfico apresentando os instrumentos utilizados pelos coquistas; o segundo intitulamos de “exemplos de vida”, trazemos nele alguns exemplos e histórias de vida de alguns mestres, apresentando um recorte dos modos de sobrevivência. Essa etapa foi montada por um texto, cinco vídeos, dois deles contendo um relato e música ao mesmo tempo, outros dois com falas significativas e um apenas com música, e um mapa de geolocalização apresentando uma minibiografia de cada coquista e os sítios onde eles moram; o terceiro e último bloco foi intitulado de “pandemia”, no qual foi abordado o não recebimento da ajuda financeira pelos coquistas referente à Lei Aldir Blanc. Montamos esse bloco com um texto apresentando e pensando esse problema e em seguida encerramos o dossiê com um *slide show* de fotografias dos personagens do coco, um vídeo com uma música na qual os coquistas improvisam versos sobre a pandemia, um trecho de um cordel escrito por um descendente do coquista Biu Gonçalo, já falecido, e a ficha técnica do material.

Após esses esclarecimentos sobre a montagem da reportagem, temos que explicar algumas decisões tomadas. Ficou evidente a grande quantidade de material visual no dossiê, principalmente vídeos. Pensamos muito a respeito, e sua utilização levou em consideração o número de coquistas e suas músicas. Muitos deles são analfabetos ou semi analfabetos e pouco terão contato com o texto, mas com os vídeos eles poderão absorver o conteúdo facilmente, o outro motivo pela utilização foi a grande quantidade de coquistas, todos eles ficaram muito felizes por estarem gravando um relato ou uma música de coco, mesmo que muitos deles tenham ficado tímidos no momento da gravação. Nesse caso, a opção por colocar muitos vídeos foi para que todos aparecessem cantando ou mesmo contando histórias, afinal eles são os protagonistas da brincadeira do coco. Essa é uma oportunidade para eles se verem, se sentirem valorizados e importantes, como de fato são.

3. REFLEXÕES SOBRE O WEBJORNALISMO

Nos últimos anos estamos acompanhando algumas mudanças sociotécnicas no comportamento humano. Isso tem desencadeado alterações na nossa maneira de ser e estar no mundo. Nesse contexto, a nossa percepção e a forma como realizamos algumas atividades cotidianas também mudam. Dentre essas atividades, está a maneira como consumimos informações, que vem sendo alterada desde que houve o deslocamento de algumas práticas jornalísticas para a plataforma digital. Surgiram diferentes maneiras de acessar e produzir informações.

Há uma abertura maior para a produção e publicação de conteúdos independentes. Essa possibilidade, em parte, é resultado daquilo que Lemos (2009) chama de liberação do polo de emissão, ou seja, a possibilidade de o público também produzir informações. É nesse contexto que podemos, por exemplo, situar a nossa pesquisa. A possibilidade de produção de uma reportagem sobre um bem cultural local sem vínculo com um meio de comunicação só é possível graças à essa liberação do polo de emissão. Todas essas questões dialogam com webjornalismo, fenômeno comunicacional moderno que vem se consolidando cada vez mais ao passar dos anos.

Nesse cenário, faremos algumas reflexões neste capítulo sobre os aspectos que perpassam o jornalismo contemporâneo. Nosso intuito é apresentar um panorama sobre alguns pilares que sustentam a pesquisa, ou seja, o webjornalismo e a reportagem. Nesse sentido, vamos aproximar esses dois eixos do jornalismo para problematizar algumas questões. Ao longo do capítulo discutimos noções e práticas do jornalismo lento, *longform* e de dossiê. Com isso, podemos enxergar melhor as possibilidades oferecidas pelo webjornalismo para a prática da reportagem.

3.1. Deslocamentos e permanências no webjornalismo

Desde que despertou o interesse acadêmico e começou a ser debatido, o jornalismo feito para ou na internet passou a ser denominado por diferentes termos – jornalismo digital, jornalismo eletrônico, jornalismo on-line, ciberjornalismo ou webjornalismo. Assim como Canavilhas, (2014b); Dalmonte, (2009); Mielniczuk, (2003) e Palacios, (2003), também vamos utilizar a nomenclatura webjornalismo para tratar dos aspectos referentes ao jornalismo feito na internet.

O termo webjornalismo é uma espécie de neologismo que simboliza o deslocamento de parte da produção e circulação de notícias de estruturas já consolidadas do jornalismo para novas estruturas tecnológicas. Isso aconteceu após o desenvolvimento e consolidação da internet enquanto meio de comunicação, que se sucedeu mais especificamente a partir dos anos 1990. Contudo, antes disso a internet já se encontrava em um estado embrionário desde dos anos 1960 (SALAVERRÍA, 2014).

Quando nos referirmos ao deslocamento da produção da notícia, estamos expondo as novas formas que foram e são constantemente agregadas para ajudar na apuração, na checagem e na produção de informações para matérias ou reportagens. São exemplos disso: banco de dados on-line para pesquisa, e-mail e aplicativos de mensagens para contatar fontes e fazer entrevistas, celular como suporte de captação de áudio, fotografia e vídeo etc. Já quando nos referimos ao deslocamento da circulação das notícias, estamos discorrendo sobre as novas plataformas que foram e são usadas para a publicação de matérias ou reportagens. Por exemplo: os sites, os blogs, as redes sociais digitais, os boletins informativos enviados por mensagens etc.

Muitos desses aspectos que relatamos não mudou e não vai mudar o cuidado ou a responsabilidade que os profissionais do jornalismo devem ter como a prática jornalística. Pelo contrário, os cuidados devem ser redobrados.

o que não muda no jornalismo, seja na web ou fora dele, é o esquema da produção - do dia a dia ou do minuto a minuto - do noticiário, planejamento da reportagem, a pesquisa do tema, a procura das fontes, das personagens, a apuração, checagem, identificação, captação das informações, a redação, revisão (seja ela feita pelo próprio repórter ou pelo editor) e a edição (PRADO, 2011, p. 48).

Assim como evidencia a autora, todos os cuidados com o processo de apuração e divulgação de notícias concernentes à prática jornalística cotidiana continuam sendo as

mesmas. Não importa se a notícia circulará no jornal impresso, na televisão, no rádio ou nas plataformas digitais, o que importa é o cuidado que vem antes dessa circulação – na hora de planejar, apurar, encontrar fontes certas, redigir, revisar e editar uma matéria ou reportagem.

Assim como destaca Dalmonte (2009, p. 121), “o Webjornalismo é caracterizado não como um novo jornalismo, marcado por ruptura e negação de uma tradição, e sim como a renovação de antigas práticas.” Ou seja, o webjornalismo é mais uma maneira que temos para produzir e circular informação. Evidentemente que essa renovação de antigas práticas trouxe uma série de mudanças estruturais no perfil do jornalista, na forma como é produzida a notícia e também na relação das pessoas com o fazer jornalístico (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011).

Para visualizar o caminho que o webjornalismo vem fazendo desde a década de 1990, podemos recorrer as três gerações que caracterizam as nuances do deslocamento da produção jornalística para a web. Elas identificam o desenvolvimento da estrutura textual e os usos e apropriações das ferramentas da internet pelo jornalismo. A partir de Mielniczuk (2003) podemos compreender alguns elementos que marcaram cada umas delas.

Segundo a autora, a primeira geração é marcada por testes e experimentações. Muitos jornais impressos lançaram suas versões na internet, a partir daí passa a existir uma preocupação constante com a adequação da linguagem ao novo meio. No entanto, o que vai definir essa geração é a mera cópia de conteúdo do jornal impresso para plataforma digital. A segunda geração é caracterizada a partir do final da década de 1990 com desenvolvimento de algumas tendências próprias do webjornalismo, como a inserção de links nos textos das matérias, um determinado grau de multimedialidade e interatividade entre jornalistas e leitores. A terceira geração é marcada pelo grande número de sites jornalísticos e não jornalísticos e também pela possibilidade de máxima exploração das potencialidades da web, mesmo que elas não sejam apropriadas de maneira igualitária por todos os sites de notícias.

A partir do momento que houve uma evolução técnica da internet, que as empresas jornalísticas compreenderam como poderiam melhorar os seus produtos jornalísticos na web e depois que os próprios jornalistas também foram desenvolvendo suas habilidades para trabalharem nesses novos espaços, surgiram características próprias do webjornalismo. Segundo Palacios (2003), essas características refletem as potencialidades oferecidas ao jornalismo feito na web.

Bardoel e Deuze (2001, tradução nossa), por exemplo, salientam que as principais características do jornalismo na internet são a convergência, a interatividade, a customização de conteúdo e a hipertextualidade. Tratando desse mesmo tema, Palacios (2003) opta por personalização em detrimento de customização de conteúdo e acrescenta memória à lista.

Luciana Mielniczuk (2003), que foi orientanda de Marcos Palacios durante o doutorado, adiciona a instantaneidade como mais uma característica do jornalismo na internet. Já no livro organizado por Canavilhas (2014b), aparece mais uma além das apresentadas, trata-se da ubiquidade. Nesse caso, há um total de sete características do webjornalismo. Podemos observar que, no período de 2001 até 2014, houve um aumento no número das características. Possivelmente, resultado de uma evolução gradual na maneira como as pessoas e o próprio jornalismo vêm se comportando no espaço da internet.

Tendo em vista que os estudos realizados no livro “Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença” (2014b), organizado por João Canavilhas, são mais recentes, vamos usá-lo como referência principal para tratar das características do webjornalismo. O texto é o elemento mais utilizado na internet pelo jornalismo. “No que concerne às questões técnicas, deve salientar-se que o texto foi sempre a melhor opção por se tratar de um conteúdo menos exigente em termos de velocidades de acesso” (CANAVILHAS, 2014b, p. 3). O texto foi o primeiro elemento jornalístico transportado do jornal impresso para a web. Isso se deve justamente à baixa velocidade da internet, que impedia tanto o envio por parte da redação quanto o carregamento por parte dos internautas de arquivos mais pesados, como a fotografia, a charge ou mesmo o vídeo.

É exatamente desse elemento que surge a hipertextualidade, primeira característica do webjornalismo. Segundo Canavilhas (2014b, p. 4), “na web, [...] o texto transforma-se numa tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, num hipertexto.” A tessitura informativa descrita pelo autor é o conjunto dos textos necessários para que um internauta compreenda uma informação na sua totalidade, se assim ele desejar. No entanto, quando uma pessoa acessar uma matéria publicada em um site, é evidente que ele terá informações suficientes no texto principal para se inteirar do fato sem entrar em outros blocos de textos. Esse caminho para outros textos é realizado por meio de links, que são colocados no texto principal.

É nesse contexto da hipertextualidade que surgem algumas problematizações sobre o modelo da pirâmide invertida, a regra do jornalismo que diz que as informações mais importantes de um fato devem vir no início de uma matéria. Essas informações são apresentadas por seis perguntas: o que, quem, quando, onde, como e porquê. No contexto do webjornalismo, alguns autores defendem a necessidade de formatos próprios para a veiculação de notícias na web.¹⁵ Alguns modelos foram criados para tentar dar uma resposta a essa questão, todos eles

¹⁵ Ver CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. In: BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: Livros LabCom, 2007. p. 25-40. Disponível em:

buscam se adequar ao uso da hipertextualidade e a melhorar a experiência do leitor de notícias na internet. No entanto, não existe um padrão que caracterize a redação da notícia no webjornalismo, os sites noticiosos são muitos autorais nesse sentido.

A segunda característica do webjornalismo é a multimedialidade. Ela trouxe dinamicidade à narrativa jornalística na web e proporcionou a convergência multiplataforma, mas também propiciou acúmulo de funções, que pode não ser um ponto positivo. Salaverría (2014) nos fornece algumas pistas para entendermos esse contexto. Segundo ele, a multimedialidade deve ser compreendida a partir de três fenômenos: 1) enquanto multiplataforma, que é a cobertura convergente de diferentes meios de uma mesma empresa de comunicação a um fato determinado. Ou seja, equipes do site, do canal de televisão, da estação de rádio, da revista e do jornal impresso se articulam para realizarem uma cobertura jornalística conjunta; 2) enquanto polivalência, que pode ser tanto o acúmulo de diferentes funções jornalísticas – editor, repórter, produtor, fotógrafo, muitas vezes com o salário correspondente a uma única, quanto à possibilidade de trabalhar em distintos meios e em diferentes editorias ao mesmo tempo; 3) multimedialidade enquanto combinações de linguagens para narrar o fato, é nesse contexto que surge a combinação de texto, imagem, som, vídeo, infográfico e outros elementos para compor uma matéria. Com relação a essa possibilidade, Salaverría (2014, p. 30) diz que “[...] todos os conteúdos que contam com pelo menos dois tipos de linguagem associados entre si são, por natureza, multimédia. Dito de outro modo, qualquer mensagem que não seja monomédia é multimédia.” Esse raciocínio é interessante para compreendermos que esse fenômeno não é exclusivo da internet. Se atentarmos ao jornal impresso, à televisão e ao cinema, vamos perceber que esses meios de comunicação eram multimédia antes mesmo da internet existir. O jornal impresso tem texto, fotografia e gráfico. A televisão tem imagem, áudio, ilustração e texto. O cinema tem imagem e áudio. Obviamente que no webjornalismo essa capacidade foi elevada a outro patamar, já que existe uma infinidade de combinações para narrar um fato.

A terceira característica do webjornalismo é a interatividade. Ao contrário do que se pode imaginar, trata-se de um elemento expandido dentro do jornalismo, já que existia um certo grau de interatividade no jornal impresso, mesmo sendo de forma muito incipiente, e também no rádio, principalmente a interatividade entre jornalista e ouvinte. É verdade que ela se torna mais vista, mais fácil de acontecer no contexto da internet. Rost (2014) nos apresenta duas tipologias de interatividade. A primeira é a seletiva, que acontece entre pessoa-plataforma e entre pessoa-

conteúdo. Com relação a esse último aspecto, Díaz Noci (2006) compreende que a interatividade está intimamente ligada com a hipertextualidade, já que a interação acontece, principalmente, por meio dos links. Já o segundo tipo é a interatividade comunicativa, que pode acontecer entre jornalista-pessoa, empresa-pessoa ou pessoa-pessoa. No primeiro caso, um internauta pode conversar, opinar ou questionar um jornalista por diversas plataformas, principalmente por meio dos comentários deixados abaixo das notícias e também por meio das redes sociais digitais. Com relação às redes sociais, o jornalista está mais próximo, já que o público passa a acompanhar a rotina de trabalho e pessoal dele.

Com relação empresa-pessoa, a interatividade acontece por meio de envios de materiais produzidos pelas pessoas, por exemplo, vídeo ou fotografia, para posterior publicação. Um exemplo claro disso foi a campanha “que Brasil você quer para o futuro?” da Rede Globo. A campanha incentivava o público a enviar um vídeo expressando o seu desejo. A esse respeito temos duas pontuações: a primeira é em relação às regras que foram impostas pela campanha. O vídeo deveria ser gravado na horizontal, a pessoa deveria dizer o nome, a cidade de onde estava falando e por fim o seu desejo para o futuro do país, isso em um tempo de 15 segundos. Essas orientações são uma tentativa do canal para conduzir o processo, uma clara demonstração de poder. A segunda pontuação que queremos fazer é em relação ao conteúdo que foi enviado de fato pelas pessoas, muitas delas não enviaram um vídeo com os seus desejos para o futuro, mas enviaram os problemas que os atingiam: os buracos na rua, o lixo a céu aberto, a falta de saneamento etc. Nesse aspecto, houve um desvio de sentido da campanha provocado pelo público, uma subversão das regras estabelecidas pela empresa.

Já a interatividade pessoa-pessoa, acontece nos comentários embaixo das notícias ou nas redes sociais dos jornalistas ou das empresas. Essa interação acontece por meio dos diferentes pontos de vista que são expressados nos comentários alheios naquele espaço. Tudo isso acontece sem intermediação do jornalista ou da empresa, claro que a empresa ou o jornalista podem apagar ou mesmo impedir determinados comentários. Isso quer dizer que esses meios ainda têm muito poder nessa interação.

Os meios jornalísticos tradicionais se deparam constantemente com a questão do pouco espaço para um desdobramento aprofundado de um fato. Nesse aspecto, a memória, a quarta característica do webjornalismo, é uma aliada. Segundo Palacios (2014, p. 95) “para propósitos práticos, as redes digitais disponibilizam espaço virtualmente ilimitado para ao armazenamento de informação que pode ser produzida, recuperada, associada e colocada à disposição dos públicos alvos visados.” Esse aspecto é uma importante contribuição para o jornalismo, já que permite que um fato seja desdobrado ao extremo. Isso pode acontecer a partir de outras

características, como a hipertextualidade e a multimedialidade, que contribuem para que a notícia não se torne enfadonha pela grande quantidade de informações. O armazenamento ilimitado de informações na web também facilita a produção jornalística. Isso acontece porque existe uma série de bancos de dados disponíveis na internet que são alimentados constantemente e que podem ser facilmente acessados pelos jornalistas para a produção de pautas.

A instantaneidade é a quinta característica do webjornalismo, ela tem a ver com a velocidade e a atualização contínua de informações. A velocidade sempre foi uma constante no jornalismo (BRADSHAW, 2014). O primeiro que chegar no local do fato acontecido é o primeiro a noticiar, é o que vai ter a melhor imagem, a melhor fala, e isso vai gerar mais audiência e, conseqüentemente, mais receita. No jornal impresso, no rádio ou na TV isso é uma realidade cotidiana, mas no webjornalismo isso é elevado ao extremo. Por isso, surge a questão da atualização contínua. A partir do momento que se tem as primeiras informações sobre determinado acontecimento, elas são postadas no site para o público. Depois, à medida que a apuração mais aprofundada acontece, as atualizações das informações são feitas. Com isso, as pessoas terão a necessidade de ficar acessando determinados sites para se atualizarem sobre o fato. No entanto, à medida que os internautas não voltam para os sites para se atualizarem sobre uma nova informação, seja por falta de interesse ou mesmo de tempo, pode haver uma interferência no processo informativo. Em casos como esse, o jornalismo não cumpre o seu papel, que é o de informar com exatidão.

A sexta característica que vamos apresentar é a personalização. Segundo Lorenz (2014), o objetivo principal da personalização é criar um produto que não seja uniforme, que atenda a interesses de nichos. Com isso, a necessidade é filtrar e classificar um conteúdo de acordo com os interesses da audiência. O autor divide a personalização em seis graus: 1) resposta – a possibilidade dos sites noticiosos se adaptarem a diferentes tamanhos de telas; 2) alterar com base na hora do dia – há uma personalização no sentido de oferecer certas notícias em determinados horários. Por exemplo, o portal de notícias g1, do grupo globo, sugere no início da noite uma lista com notícias para que o internauta saiba o que de mais importante aconteceu naquele dia ou naquela semana. Inclusive, o site oferece um quiz para testar o internauta sobre o seu conhecimento dos acontecimentos recentes; 3) inteiração significativa – o internauta pode contribuir com uma narrativa, acrescentando dados e informações ainda não conhecidos ou não explorados em um acontecimento. Talvez o nosso maior exemplo disso seja os coletivos alternativos de mídia; 4) ajuda na decisão – são conteúdos ou ferramentas que são criadas para ajudar as pessoas em uma decisão difícil. Por exemplo: o que é mais compensatório do ponto de vista de investimento, comprar um carro ou uma casa?; 5) calibração ou algoritmos – tem

um pouco a ver como o quarto grau, nesse caso a calibração servirá como suporte para a atualização constante de informações dos conteúdos e de ferramentas criadas para ajudar em uma decisão, visto que muitos dados mudam com bastante rapidez; 6) adaptável para mudar – também tem ligação com o quarto e o quinto graus de personalização, já que se trata de uma regra para a personalização, configuração que dá suporte a reconfiguração e atualização de informação.

Personalização também pode significar bolha, porque a partir do momento que uma pessoa opta por acessar notícias de um único site ou de uma única editoria ou apenas das redes sociais, sejam elas digitais ou físicas, ela ficará dentro de uma bolha informativa. Pariser (2012) salienta que essas bolhas são formadas a partir de códigos, que analisam aquilo que aparentemente gostamos e fazemos na internet e depois disso criam uma personalização individual de informações. Isso é perigoso porque, segundo o autor, muda a forma como acessamos e processamos ideias e informações.

A sétima e a última da lista de características do webjornalismo é a ubiquidade. Segundo Pavlik (2014, p. 160), “no contexto da mídia, ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real.” Nesse sentido, podemos dizer que seria possível a qualquer pessoa acessar, produzir e transmitir informações de todos os lugares. Contudo, temos que atentar para os diferentes contextos que vivemos. Por exemplo, se uma pessoa está em uma cidade pequena do interior com um celular, ela até pode captar um fato em uma fotografia ou em vídeo, porém se ela não tiver acesso a um ponto de internet estável, não conseguirá transmitir a informação. Da mesma forma, se ela quiser acessar uma informação na internet, também terá a mesma dificuldade.

Pavlik (2014) aponta quatro consequências possíveis oferecidas pela ubiquidade ao jornalismo, são elas: primeira, emergência do jornalismo cidadão – um cidadão comum sendo capaz de produzir conteúdo informativo, mesmo havendo uma série de questões envolvidas, como a falta de treinamento específico, desconhecimento das responsabilidades éticas e da importância da apuração e checagem; segunda, conteúdo geolocalizado e narrativa imersiva – possibilidade de acessar um determinado ambiente a partir de mapas interativos ou ainda ver um vídeo ou uma fotografia em realidade virtual ou em 3D; terceira, jornalismo baseado em dados – possibilidade de cruzamento de grandes quantidades de bases de dados, que podem orientar uma reportagem investigativa ou mesmo sugerir uma; quarta, declínio da privacidade e vigilância estatal – tem a ver com os programas e agências de vigilância estatal ou privadas que coletam dados públicos ou privados para orientar uma determinada tomada de decisão.

Entendemos que essas características são altamente complexas de serem tratadas, englobam uma série de questões que valeriam a pena serem abordadas. Mesmo assim, buscamos tocar em alguns pontos que mostrassem um panorama das questões que envolvem o jornalismo contemporaneamente. Compreendemos, evidentemente, que a totalidade da produção webjornalística não atinge todas essas características apontadas, e muito menos suas particularidades. Ainda temos muitas barreiras físicas, estruturais e sociais que impedem que usufruamos de todas as potencialidades oferecidas ao webjornalismo ou à produção da informação na web.

Dentro desse ambiente, a questão da reportagem também é um ponto muito importante para abordarmos. Ela é um elemento que perpassa, de alguma forma, as sete características que apresentamos. Principalmente, pela memória, hipertextualidade e multimedialidade, e de maneira dicotômica, pela instantaneidade. Nesse sentido, falaremos sobre esse assunto a seguir, abordando suas características gerais e depois as aplicando ao contexto do webjornalismo.

3.2. Elementos da reportagem contemporânea

A reportagem tem características específicas. Exige muita atenção e dedicação desde a produção até a sua publicação. A pauta desse tipo de produção pode surgir como uma necessidade de desdobramento de um fato, como forma de comemorar um acontecimento histórico ou como forma de problematizar questões sociais, culturais, econômicas e estruturais de uma sociedade. Nesse sentido, a reportagem pode ser um elemento jornalístico aglutinador de discussões públicas, capaz de mudar percepções sobre questões cotidianas.

Edivaldo Pereira Lima recorre a Paulo Roberto Leandro e a Cremilda Medina para situar o contexto no qual a reportagem encontrou desenvolvimento. Segundo Lima (2009), a reportagem ganha importância no final da década 1910, nos Estados Unidos da América. Nessa época, a população norte americana já era bem informada por meio de agências de notícias e jornais. Mesmo assim, é surpreendida pelo surgimento da Primeira Guerra Mundial. É nesse cenário que eles percebem que a imprensa da época focava na divulgação isolada de fatos e ocorrências. Os fatos não eram relacionados a fim de apresentar a população uma contextualização de qualidade, que mostrasse o rumo dos acontecimentos. É nesse contexto que surge a revista *Time*, com objetivo de relatar os bastidores dos fatos e buscar relacionar os acontecimentos de forma aprofundada.

A partir daí, há uma consolidação do fenômeno da reportagem como prática do jornalismo interpretativo. Segundo Lima (2009, p. 19), o jornalismo interpretativo “busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro.” Em outras palavras, busca relacionar os acontecimentos em um contexto amplo, seja por meio de fontes ou de fatos históricos. Nesse sentido, ajuda a compreender determinadas questões, que podem influenciar tanto positivamente quanto negativamente a vida das pessoas.

Muitas vezes, se buscarmos apressadamente diferenças da reportagem em relação a outros gêneros discursivos jornalísticos, vamos ter a impressão que elas estejam no tamanho do texto ou no tempo de apuração. Essa percepção não está totalmente errada, porém, não está totalmente correta.

É preciso buscar um conceito de reportagem que não seja apenas ‘operacional’ para o editor. Quase sempre ela é considerada como uma ‘notícia grande’ ou matéria que exige investigação mais demorada, sem considerações de ordem epistemológica capazes de esclarecer sua essência como modalidade jornalística (GENRO FILHO, 2012, p. 207 - 208).

Nesse sentido, a reportagem deve ser entendida de maneira mais ampla. Os aspectos operacionais, como o tamanho do texto e o tempo de apuração, são importantes, contudo, não são os únicos. Temos a construção da pauta, o enfoque que será dado, a busca de personagens legítimos, entrevistas, pesquisa e agregação de dados etc. Acima de tudo isso e talvez ainda mais importante, uma reportagem pode ser a base para o conhecimento de determinados objetos sociais, histórico e culturais, além de proporcionar reflexão sobre assuntos do passado ou contemporâneos. Nesse cenário, a reportagem é um agente de transformação e de contestação.

Com relação aos aspectos estruturais, Sodré e Ferrari (1986) defendem que a reportagem deve ter predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Dentro desse cenário, porém, defendem que a presença da narrativa é a mais importante. Sua falta acarretaria, inclusive, na descaracterização do material enquanto reportagem. A concatenação de ideias, de fatos, de cenários e de personagens deve ser apresentada em formato narrativo.

Nesse contexto, os autores destacam que, “sem um ‘quem’ e um ‘o que’ não se pode narrar. Na reportagem, estes dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo, de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática narrativa” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 14). Essa humanização só pode ser alcançada à medida que o jornalista sai da zona de conforto e participa do processo do qual está narrando. A humanização do relato

acarretará em identificação por parte do público, porque o jornalista não estará mostrando apenas fatos ou números, mas estará mostrando um quem com nome, sobrenome, profissão, medos e sonhos.

A prática histórica da reportagem, na direção rapidamente apontada – como narrativa densa, profunda e humana das histórias do presente imediato, ou, mais amplamente, da contemporaneidade, aliando rigor, encanto e espanto, razão e emoção –, constitui um campo privilegiado para o exercício de uma racionalidade complexo-compreensiva no universo da informação de atualidade (KÜNSCH, 2005, p. 53).

A partir dessas características defendidas, o autor concebe, portanto, a reportagem como um fenômeno complexo-compreensivo. Um fenômeno capaz de enxergar e refletir, de forma macro, os problemas e questões socioculturais que afetam a sociedade. De alguma forma, essas características contrastam com algumas práticas jornalísticas feitas contemporaneamente. Estamos nos referindo, especificamente, a alguns modelos noticiosos que são adotados por portais de notícias. Muitos deles focam na questão da instantaneidade da informação, com o intuito principal de obter mais pessoas interessadas em seu produto, pessoas que também têm os seus cotidianos afetados pela velocidade no trabalho, no momento de se alimentar, no trânsito etc. O foco excessivo nesse ponto prejudica a abertura para outras possibilidades mais suscetíveis às narrativas humanizadas. No cenário do webjornalismo, os formatos notícias e notas são amplamente utilizados. Evidentemente, esses formatos mais enxutos e voltados para a pirâmide invertida são importantes para tratar da informação diária, mas temos um público desejoso de narrativas mais aprofundadas, assim como vamos mostrar no decorrer deste capítulo.

Essa pressão pela velocidade da informação já existia dentro dos meios tradicionais jornalísticos, puxados pelo tempo máximo de entrega de uma matéria, o conhecido *deadline*, e pela necessidade de maior vendagem e maior captação de publicidade. Contudo, o webjornalismo proporciona outros parâmetros de verificação da audiência. Segundo Bradshaw (2014, p. 132), “as audiências não são apenas medidas em termos demográficos e tamanho – mas em engajamento: quanto tempo empregam lendo ou assistindo conteúdo; quantos ‘pedaços’ leem e se comentam ou compartilham a notícia [...]”. Esse alargamento de maneiras de mensurar a audiência pressiona ainda mais a produção jornalística e a velocidade com que ela deve ser publicada.

Essa pressão pode se tornar um gatilho para erros, assim com salienta Pavlik (2020, p. 23-24): “[...] embora a velocidade constitua um grande valor potencial do jornalismo em geral, ela pode, especialmente em tempos de crise, perder seu valor se as informações transmitidas

forem imprecisas, falsas ou enganosas.” A imprensa pode prejudicar o processo informativo, desencadeando desconfiças por parte do seu público. Em casos assim, o compromisso com a exatidão dos fatos deve ser mais importante do que com a velocidade de publicação. O *deadline* pode ser flexibilizado no webjornalismo, já que a publicação de uma informação pode ser feita ao longo do dia ou mesmo da noite. Então, podemos nos valer dessa possibilidade para a produção de notícias mais aprofundadas e com maior qualidade.

Nesse cenário de rapidez da informação, tanto no que diz respeito à produção quanto ao consumo, surgiram dois movimentos jornalísticos que questionam essas premissas de alguma forma. Estamos nos referindo ao movimento *slow journalism*, jornalismo lento em tradução livre, e ao jornalismo *longform* ou em forma longa, dentro do webjornalismo. Esses dois movimentos convergem em alguns pontos, inclusive, com muitas práticas já consolidadas na produção jornalística, assim como vamos perceber a seguir.

3.2.1. Aspirações do jornalismo lento

A fonte de inspiração para o *slow journalism* foi o movimento *slow food*, iniciado por Carlo Petrini e um grupo de ativistas por meio de um protesto realizado em frente a uma filial do *McDonald's*, em 1986, em Roma. Contudo, o movimento só foi fundado oficialmente em 1989, em Paris. O objetivo inicial do grupo foi defender as tradições e a cultura alimentícia ligadas ao regional, à boa comida, ao prazer proporcionado pela gastronomia e a um ritmo lento de vida. Para essa defesa, o movimento se ampara em três princípios: 1) bom, ligado à qualidade, ao sabor e à boa saúde proporcionada pelo alimento; 2) limpo, ligado à produção sustentável e ao baixo nível de agressão ao meio ambiente e 3) justo, diz respeito ao valor dos produtos alimentícios, que eles tenham preços justos tanto para os produtores quanto para os consumidores.¹⁶

O termo jornalismo lento foi utilizado pela primeira vez por Susan Greenberg em um texto para a revista *Prospect* (LE MASURIER, 2014). Nesse texto, a autora se inspira no conceito “o fim do meio” do marketing e na ideia do *slow food* para comparar o desenvolvimento do jornalismo de não-ficção entre Grã-Bretanha e Estados Unidos. Segundo aponta Greenberg (2007), atualmente, estamos mais suscetíveis à possibilidade de obtenção de bens e serviços de qualidade razoável no mercado sem um custo muito alto. Com isso, surge a

¹⁶ Informações do site Slow Food Internacional. Disponível em: <https://www.slowfood.com/about-us/>. Acesso em: 14 jun. 2020.

questão do fim do meio. O meio, nesse sentido, é entendido como uma parte da totalidade do mercado. Nesse cenário, o meio do mercado perde participação porque as pessoas só irão aceitar pagar mais se tiverem a seu dispor um serviço diferenciado, nas palavras da autora, se tiverem algo “luxuoso” ou “especial”. Por exemplo, o caso do consumo de alimentos de qualidade com o maior valor agregado.

Aplicando isso ao jornalismo temos a seguinte situação: recebemos notícias básicas de maneira barata ou mesmo de “forma gratuita” na web. Com isso, surge o fim do meio que, segundo Greenberg (2007), é o jornal impresso, ele está perdendo espaço no mercado. Nesse caso, as pessoas só irão aceitar pagar mais se tiverem um produto jornalístico diferenciado - reportagens, ensaios ou outras obras de não-ficção. Geralmente, produtos com essas características levam tempo, são histórias de interesse humano, que geralmente passam despercebidas, e são apresentadas com o maior rigor jornalístico. Esses são, portanto, o entendimento da autora para o jornalismo lento. Esse modelo é proposto como alternativa para o sistema de notícias “gratuitas” na web. De fato, o público não aceitaria pagar, assim como fazia no modelo do jornal impresso, por informações que podem acessar livremente na internet. A solução, portanto, é oferecer formatos alternativos.

Essa concepção de jornalismo lento é um movimento questionador da velocidade da informação e de suas consequências. “O termo, como o próprio movimento *slow*, é mais uma orientação crítica aos efeitos da velocidade na prática do jornalismo” (LE MASURIER, 2014, p. 143, tradução nossa). No entanto, não se trata de um movimento que busca se sobrepor a outros processos jornalísticos, ele questiona o exagero pela busca de velocidade. Nesse sentido, ressalta os valores essenciais do jornalismo: qualidade, precisão, profundidade, contexto, análise e opinião de especialistas (PRAZERES, 2018a).¹⁷ Dessa forma, o jornalismo lento tem a missão de desacelerar.

Le Musurier (2015) aponta algumas características que podem ser observadas no jornalismo lento. Segundo a autora, ele demanda tempo para fazer uma reflexão mais aprofundada ou investigação sobre um assunto original; o texto necessita de comprimento, sem ser obrigatoriamente em formato longo; foco na narrativa humanizada, fugindo da narrativa da pirâmide invertida; evita o sensacionalismo e as reportagens de rebanho e é ético no tratamento dos sujeitos e na produção da informação. Todos esses pontos objetivam refletir a lentidão da informação jornalística. Esses atributos também podem fazer parte de outras tipologias de

¹⁷ PRAZERES, Michelle. Por que o jornalismo lento importa. 2018a. Tradução da autora do manifesto da revista *Delayed Gratification*. Disponível em: <https://michelleprazerres.net/2018/10/06/por-que-o-jornalismo-lento-importa/>. Acesso em: 13 jun. 2020.

produção jornalísticas. Como, por exemplo, do *new journalism*, o jornalismo de revista, o investigativo ou ainda o etnográfico, que busca se amparar nas metodologias das ciências sociais para fazer uma reportagem. Essa tipologia é, inclusive, nossa abordagem metodológica.

Nesse sentido, se analisarmos rapidamente o termo, vamos enxergá-lo sob a perspectiva da temporalidade, como se o tempo de apuração, de escrita ou de leitura fossem os únicos elementos que importassem para se praticar um jornalismo lento. No entanto, o termo se refere a muito mais do que a esse tempo. “A lentidão (e seus aspectos) se aplicam também a outras etapas do processo jornalístico e não apenas à recepção: o *slow* pode estar também no processo de produção e em algumas características do produto jornalístico e na sua recepção” (PRAZERES, 2018b, p. 129). Dessa forma, o jornalismo lento perpassa: 1) a produção jornalística – a pauta, a apuração, a observação empírica, as entrevistas e a checagem; 2) o conteúdo final – escrita e organização dos textos, vídeos, gráficos etc. e 3) a maneira como as pessoas vão consumir esse conteúdo.

Existe outro ponto importante do jornalismo lento que merece ser destacado. Inclusive, pode ser a contribuição mais “disruptiva” do movimento. Trata-se da relação com o local e com espaço independente de atuação. Segundo Le Musurier (2014, p. 143, tradução nossa), o trabalho do jornalismo lento

É relevante para uma determinada comunidade, com tendência a se concentrar nas histórias locais. O jornalismo lento não é levado à colher, mas traz um ethos de comensalidade - a mesa compartilhada - implicando uma abordagem não competitiva. Efetivamente, isso significa que esse jornalismo deve ser produzido em um espaço independente ou alternativo, provavelmente em pequena escala, onde esses valores possam ser percebidos.

Nesse caso, o jornalismo lento tende a focar em histórias locais, aquelas histórias que, geralmente, não despertam o interesse dos meios massificados de comunicação, mas são relevantes para as comunidades. Esse modelo foge da competitividade por audiência ou acessos, desenvolve projetos em equipe e são produções independentes apresentadas em espaços alternativos e com tendência a serem demoradas. Esses aspectos trazem à tona a questão dos relacionamentos concernente à atividade jornalística: o relacionamento com os personagens, com outros veículos, com o público, com outros profissionais e com a ideia de hegemonia e contra-hegemonia. Esses últimos, ligados à questão do poder, visibilidade e alcance dos grandes veículos de comunicação. Podemos notar que a ideia de jornalismo lento pode ser também uma leitura para a boa convivência entre essas essências.

Essa percepção de lentidão do jornalismo nos faz analisar e questionar algumas práticas jornalísticas. Nesse sentido, Prazeres (2018b, p. 133) salienta que: “talvez, o jornalismo lento

não seja exatamente um modo de fazer, mas sim um modo de enxergar e de analisar a produção simbólica jornalística que se manifesta em determinadas práticas [...].” Assim, ao enxergar e analisar essas questões, o praticante do jornalismo lento pode propor outras maneiras de narrativas, de relações com os sujeitos, com as comunidades, com iniciativas semelhantes e com as ferramentas do webjornalismo. Apesar de todas essas características e aspectos apontados, não há uma regra que diga que para ser jornalismo lento tenha que seguir todos esses preceitos.

3.2.2. Reportagem *longform* e o jornalismo de histórias locais

Boa parte da narrativa do webjornalismo ainda é caracterizada pela não exploração das potencialidades da web. Se observamos os blogs e sites de notícias locais, vamos constatar isso. Nesse ponto, essa produção ainda está ligada aos primeiros passos dados pelo jornalismo feito para a web. Baccin (2017) salienta que a narrativa inicial do webjornalismo era muito incipiente, não tinha muitas diferenças do formato impresso. A autora aponta também que o jornalismo no ambiente digital ainda está em transformação, ainda está buscando se adaptar às diferentes possibilidades. Isso ocorre à medida que as instituições jornalísticas vão percebendo as novas maneiras de atuar no meio.

O jornalismo *longform* e, por implicação, a reportagem *longform*, certamente são destaques nesse cenário. A produção desse tipo de formato é caracterizada não só pelo tempo de apuração, mas sobretudo pelo aprofundamento do texto, conseqüentemente da narrativa, e também pela necessidade de mais tempo para a leitura (LONGHI; WINQUES, 2015). Esse aspecto levanta algumas questões relacionadas aos formatos noticiosos usuais dos portais de notícias. Nesses espaços, o texto webjornalístico é sucinto, tem pouca quantidade de informações por bloco.¹⁸ Canavilhas (2014b) salienta que essa característica é necessária porque o leitor tende a não gostar de leituras extensas.

Se considerarmos a extensão usual dos textos publicados nos sites noticiosos, a reportagem *longform* é paradoxal. Isso, porque ela é maior e exige mais tempo de leitura. Assim, podemos levantar uma outra questão: as pessoas se interessam por esse tipo de produção? A resposta vem de Longhi (2016). A autora assegura que há público interessado nas narrativas longas. Para isso, ela recorre a alguns profissionais que trabalharam com o gênero.

¹⁸ Por bloco informativo entende-se uma unidade informativa autónoma, independentemente de ser composta por texto, vídeo, som ou qualquer tipo de imagem (CANAVILHAS, 2014b, p. 18).

Entre eles, o jornalista Marcelo Leite, um dos responsáveis pela série de reportagens *longform* da Folha de S. Paulo, a “Tudo Sobre”,¹⁹ e o jornalista Daniel Tozzi, editor do Uol Tab, projeto de narrativas longas do Portal Uol.²⁰ Segundo a autora, as duas experiências obtiveram respostas positivas do público.

Em um estudo sobre a produção da jornalista Eliane Brum no portal da revista *Época*, Martinez (2014) identificou que Eliane se apropria ao máximo do espaço da internet para fazer suas crônicas, entrevistas, perfis e ensaios. Nesse sentido, ressalta que o estudo feito por ela derruba a ideia de que o público teria predisposição para ler textos curtos. Dessa forma, a autora acrescenta: “Tanto que *Testamento Vital*, entrevista realizada com o cardiologista José Eduardo de Siqueira, possui nada menos que 43 986 caracteres somente no corpo de texto – um espaço considerável em qualquer tipo de meio, salvo em livros” (MARTINEZ, 2014, p. 75). Esse exemplo ilustra a defesa que a autora faz sobre o não interesse das pessoas por narrativas longas. A questão de o material estar publicado em um veículo com interesses comerciais também ressalta a aceitação por parte do público, porque se assim não o fosse, Eliane Brum não teria espaço para publicar um conteúdo longo no portal da revista.

Temos que reconhecer que as ferramentas tecnológicas que foram desenvolvidas ao longo desses últimos anos se tornaram importantes para que o jornalismo buscasse se inserir com qualidade na web. Contudo, o leitor é parte essencial do processo jornalístico *longform*. Não basta ser longo, não basta ser bem apurado, não basta ser de qualidade, o jornalismo tem que alcançar o público. Nesse sentido, o jornalismo tem que ter um compromisso com a formação crítica do público, principalmente porque existe uma infinidade de prestação de informações na internet. Por isso, é importante produções webjornalísticas preocupadas em apresentar o melhor material.

A reportagem *longform* é uma espécie de herança da reportagem do impresso, mas ambientada e desenvolvida no webjornalismo.

O formato de narrativas *longform* não é um modelo próprio do ambiente digital, antes já eram feitas narrativas longas em reportagens impressas, televisivas e também radiofônicas. Mas a novidade está também no suporte. Como já destacamos, mesmo com quase 20 anos de jornalismo na web, não era comum a exploração desse modelo narrativo (BACCIN, 2017, p. 93).

Como já apontamos, o usual, o comum nos sites noticiosos são as matérias com narrativas enxutas. Nesse caso, como salienta a autora, a novidade da reportagem *longform* é a ambiência

¹⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tudosobre/>. Acesso em 23 jun. 2020.

²⁰ Disponível em: <https://tab.uol.com.br/>. Acesso em: 23 jun. 2020.

na qual ela é desenvolvida. Longhi (2015) salienta que o jornalismo *longform* é caracterizado por matérias com mais de 4.000 palavras ou por grandes reportagens com mais de 10.000 palavras. No entanto, temos que considerar que essas características não estão, necessariamente, ligadas à questão da qualidade narrativa, já que um texto longo não é sinônimo de qualidade. Sendo assim, o selo de qualidade se deve ao conjunto das características do formato na web.

A reportagem *longform* é um dos resultados da evolução na exploração das potencialidades das linguagens do meio digital. Dentre as características mais comuns, temos os efeitos especiais na transição de um bloco informativo para outro, gráficos interativos, imagem 2d, rolagem vertical ou horizontal do conteúdo e a combinação de texto, fotografia, vídeo, áudio e slideshow fotográfico. É importante destacarmos que essa convergência deve levar em conta a não repetição de informações. Por exemplo, as informações que estiverem no texto não devem ser repetidas nos demais elementos.

Longhi (2015) chama a atenção para três fases de evolução na exploração das potencialidades da linguagem do jornalismo feito na era digital. Segundo ela, temos: 1) a partir dos anos 2000, o *slideshow* noticioso, apresentação sequenciada de fotografias com o relato de informações, e os outros formatos simplificados de publicação de notícias; 2) a partir de 2001, os especiais multimídia, ou seja, as matérias que combinam texto, foto, vídeo e outros recursos dessa natureza; 3) a partir de 2011, a grande reportagem multimídia, que é a precursora do texto *longform* e tem características narrativas próprias.

Nesse contexto, por exemplo, o *New York Times* é considerado como o pioneiro do formato no mundo. A webreportagem “*Snow fall: the avalanche at Tunnel Creek*” é apontada como um dos modelos para o formato longo. Esse material foi assinado por John Branch e foi publicado pelo jornal em dezembro de 2012. Inclusive, o jornalista John Branch ganhou um Prêmio Pulitzer por esta reportagem (CANAVILHAS, 2014a). Já no Brasil, a webreportagem “A batalha do Belo Monte” da Folha de S. Paulo é considerada a desbravadora do formato. Esse material foi publicado em 2013 e foi assinado por Marcelo Leite, Dimmi Amora, Morris Kachani, Lalo de Almeida e Rodrigo Machado (CAMPOS, 2019). Essas e outras experiências semelhantes buscam se apropriar das potencialidades oferecidas pela internet para produzirem jornalismo.

Em termos de narrativa, o conteúdo *longform* se aproxima de algumas características do webjornalismo. Principalmente, da multimedialidade, da hipertextualidade e da interatividade. Esses elementos são importantes porque contribuem para a imersão do público (CANAVILHAS, 2014a). A máxima exploração dessas características na reportagem *longform*

possibilita o maior aprofundamento da informação, a contextualização do tema e a humanização do relato.

Nesse sentido, pensar as produções do webjornalismo enquanto narrativas longas é mais do que focar no tamanho do texto, é proporcionar diferentes opções de relatos para o público. Como vimos, alguns jornais que passaram a atuar na internet já produziram material pensando nessa consolidação do formato longo. No entanto, esses sites não são os únicos a utilizar esse modelo. A esse respeito, Longhi e Winkes (2015) apontam seis ambiências webjornalísticas no qual o formato é utilizado. Segundo os autores, temos: 1) jornais que migraram para a web; 2) os sites jornalísticos nativos; 3) espaços que agregam as narrativas *longform* para serem consumidas posteriormente; 4) projetos por financiamento coletivo; 5) sites idealizados para a publicação de narrativas longas; 6) sites com conteúdo pago.

Essas ambiências são mais algumas provas da consolidação da narrativa longa. Como podemos perceber, já existe uma variedade de espaços preocupados com esse tipo de produção. Nesse cenário, queremos chamar a atenção para o quinto item dessa lista, sites idealizados para a publicação de narrativas longas. Esse destaque que fazemos é devido à pesquisa que desenvolvemos. Em parte, a reportagem que produzimos só pôde ser publicada por conta desses sites. Geralmente, esses espaços contam com modelos pré-elaborados e com interfaces intuitivas para a organização e publicação de conteúdo. Essas características facilitaram o trabalho que produzimos, já que se trata de uma produção independente e, conseqüentemente, com pouco capital.

Podemos recuperar um tópico que abordamos quando discorremos sobre o jornalismo lento. Estamos nos referindo à questão do foco do jornalismo lento em histórias locais, histórias relevantes para determinadas comunidades. Nesse sentido, podemos fazer uma aproximação entre essas características do jornalismo lento, os sites para a publicação de narrativas longas e o nosso objeto de pesquisa. Isso porque sites como esses podem cooperar com os interessados em fazer jornalismo de histórias locais por meio de reportagens.

Esse tipo de pauta pode até parecer desinteressante para grandes veículos de comunicação, mas são importantes do ponto de vista local. Matérias com esse foco podem até ir contra a máxima que diz: se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas se o inverso acontece, ou seja, se o homem morde o cachorro, é notícia (SODRÉ, 2012). Nesse caso, para ser interessante enquanto pauta jornalística, tem que haver uma quebra de rotina. Nesse cenário, reportagens sobre temas locais, como a reportagem proposta sobre o coco de roda de Gado Bravo, não são interessantes. Por isso, recorreremos à percepção da jornalista Eliane Brum sobre a relação homem *versus* cachorro. Durante uma entrevista ao programa Jogo de Ideias durante

a 8ª Feira Literária de Paraty,²¹ a jornalista pontuou que nessa relação se interessa mais pelo cachorro. Ou seja, ela se interessa mais por assuntos cotidianos. Nesse sentido, podemos considerar a pauta sobre histórias locais como o cachorro dessa metáfora.

3.2.3. *Dossiê aplicado ao jornalismo*

O dossiê pode ser utilizado em vários segmentos, por exemplo, no acadêmico, no empresarial e no jornalístico. O termo, segundo consta no dicionário Aurélio digital da língua portuguesa, significa: “coleção de documentos referente a certo processo, a determinado assunto, ou certo indivíduo.”²² No campo das publicações acadêmicas, por exemplo, é comum nos depararmos com as chamadas realizadas por periódicos científicos para publicação de artigos, ensaios, resenhas, ensaios fotográficos ou entrevistas. No cerne desse do processo, a publicação acontece de maneira diferente, há um espaço destinado a textos que discutam assuntos gerais, contudo, dentro do foco e escopo da revista, e há um espaço determinado para a publicação de artigos que, obrigatoriamente, discutirá um determinado tema, o chamado dossiê temático. Esse muda de acordo com a edição da revista, ainda assim continua dentro do foco do periódico.

Já no campo empresarial, o dossiê pode ser técnico e profissional. O primeiro, traz uma reunião de informações sobre um produto, entre elas: matéria-prima utilizada, tecnologias envolvidas, abertura de mercado e custo. Já o segundo, cumpre o papel de agrupar informações profissionais de um determinado indivíduo que busca se inserir no mercado de trabalho. Esse documento pode ser físico ou digital, e é uma maneira diferente e mais completa para a reunião de informações sobre qualificação, formação, experiências profissionais anteriores, projetos já desenvolvidos, línguas etc. A construção desse documento pode ser bem vista pelas empresas, já que é uma maneira diferente de apresentação.²³

Dentro do campo jornalístico, que é o foco desse trabalho, não temos uma consolidação clara do conceito de dossiê, no entanto, podemos encontrar algumas pistas para melhor delinear-lo. No Brasil, temos alguns usos do termo em situações diferentes. Podemos citar, por exemplo,

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=26shR0oQ2Is>. Acesso em: 25 jun. 2020.

²² DOSSIÊ. In: Dicionário Aurélio da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010. Disponível em: <https://editorapositivoaurelio.page.link?apn=br.com.editorapositivo.aurelio&ibi=https%3A%2F%2Feditorapositivoaurelio.page.link&link=https%3A%2F%2Feditorapositivoaurelio.page.link%2Fentry%2F48966>. Acesso em: 23 abr. 2021.

²³ PESSOAS, Soluções de Gestão Estratégica de (org.). **Entenda como fazer um dossiê profissional e porque é importante**. 2020. Disponível em: <https://sertms.com/blog/como-fazer-um-dossie-profissional/>. Acesso em: 25 abr. 2021.

os casos do dossiê Cayman, um conjunto de documentos falsos cujo objetivo era incriminar candidatos do PSDB na campanha de 1998²⁴, e o dossiê contra Zeca do PT, que acusava o próprio governador do Mato Grosso do Sul Zeca do PT e outras pessoas de terem ligação com uma quadrilha de policiais especializada em roubo e receptação de veículos, ambos divulgados pela *Folha de S. Paulo* (KUCINSKI, 2003). As reportagens em dossiê divulgaram documentos e informações com a finalidade de construir e segurar uma narrativa de culpa.

Bernardo Kucinski, no texto “Notas sobre o jornalismo de dossiês”, publicado no Observatório da Imprensa²⁵, pontua uma série de críticas ao jornalismo de dossiês. Segundo Kucinski (2003), o jornalismo de dossiê se apresenta como um novo gênero que tem pouco cuidado com a apuração dos fatos, é uma modalidade de denunciismo, porque está vinculado às disputas políticas e eleitorais, é uma articulação entre o sistema de luta política e a mídia, transforma o material reunido pela polícia, procuradores ou agências do Estado em matérias finais em vez de pautas.

Contudo, outros autores abordam o dossiê no jornalismo a partir de um lugar totalmente diferente. Cordenonssi e Marques de Melo (2008), por exemplo, ao fazerem um estudo dos formatos noticiosos das revistas *Veja* e *Época*, recorrem a uma apresentação do próprio professor José Marques de Melo feita na Umesp, em 2007, para definir o que é um dossiê. Segundo os autores, o dossiê é um formato do jornalismo interpretativo, que é destinado a facilitar a compreensão de determinados fatos. O conteúdo desse formato é apresentado em forma de boxes com informações extras em gráficos, tabelas ou mapas. Essas informações ajudam a narrar um acontecimento por completo.

O jornalista Geneton Moraes Neto também costumava usar a expressão dossiê para se referir a alguns dos seus trabalhos. A expressão foi usada tanto para alguns títulos dos seus livros, por exemplo, *Dossiê Brasil: as histórias por trás da história recente do país* (1997) e *Dossiê 50: um repórter em busca dos onze jogadores que entraram em campo para serem campeões do mundo em 1950, mas se tornaram personagens do maior drama da história do futebol brasileiro* (2013), quanto para o seu próprio blog, Dossiê geral: o blog das confissões.

A partir do livro sobre Drummond, Geneton adota de vez a ideia do ‘dossiê’. Serão mais seis livros marcados pelo termo, que lhe agrada por evocar a ideia de pasta de documentos, de arquivo, de fichário. Também tem a vantagem de

²⁴ ERNESTO, José. **Justiça condena pastor por dossiê contra PSDB em 98**. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2011/11/1013558-justica-condena-pastor-por-dossie-contra-psdb-em-98.shtml>. Acesso em: 27 abr. 2021.

²⁵ O conteúdo foi publicado originalmente na *Agência Carta Maior*, com título o “Jornalismo de dossiê da *Folha de S. Paulo*”

concentrar um determinado assunto, gerando o sentido de unidade temática (FARACHE; CUNHA, 2019, p. 137).

Nos dois livros de Geneton que foram citados, somos capazes de extrair algumas características que podem ajudar a entender o conceito de dossiê. *O Dossiê 50* (2013), por exemplo, é um livro reportagem que traz vários blocos textuais narrando a derrota da seleção brasileira para a seleção uruguaia. Além das entrevistas, o livro tem vários blocos com informações complementares – países que participaram da copa em 1950, o número e os nomes dos jogadores convocados pelo Brasil, número de público e renda do último jogo, anúncios publicados nos jornais no dia do jogo, países participantes, resultado de todos os jogos, lembranças de escritores sobre o evento, notícias esportivas, políticas, culturais e internacionais do dia do jogo, entre outras informações. As reportagens do livro foi fruto de pesquisas documentais e de 14 horas de entrevistas com 11 jogadores do Brasil de 1950.

Já *Dossiê Brasil* (1997), é um livro reportagem sobre parte da história política brasileira. O livro é escrito com base em entrevistas e pesquisas em dossiês secretos trocados entre Grã-Bretanha, Estados Unidos, Canadá e França e suas respectivas embaixadas no Brasil. O livro é subdividido em blocos e boxes, que narram os acontecimentos envolvendo três nomes importantes da política brasileira, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart.

Fazendo um apanhado das características que foram vistas, podemos apontar que a compreensão de Kucinski (2003) sobre dossiê está muito atrelada ao conceito do dicionário e do campo empresarial, isto é, conjunto de documentos referentes a um processo, assunto ou indivíduo. Essa percepção do autor é um reflexo das críticas que ele faz às falhas no processo de apuração e de edição dos matérias dos dossiês Cayman e Zeca do PT, publicados *pela Folha de S. Paulo*. Nos dois casos, a noção geral de dossiê ficou intacta, mas não houve a aplicação total das noções do jornalismo para o processo de publicação das informações.

Dessa forma, a noção de dossiê jornalístico que nos conduziu foram as características apreendidas das reportagens de Geneton Moraes Neto e a compreensão de Cordenonssi e Marques de Melo (2008). Nesse sentido, tentamos evocar, na reportagem, o sentido de dossiê, ou seja, a ideia de pasta de documentos com uma essência de unidade temática, que é a história sobre o coco de roda, e também a construção de boxes informativos com diferentes linguagens.

Atrelado a isso, nos inspiramos também nas problematizações e características do jornalismo lento e *longform* para construir a narrativa. Isso porque as noções de dossiê que visitamos estão ligadas às revistas e livros, no caso, impresso, e o que propomos é um material digital. Recuperando alguns atributos, podemos citar, por exemplo, no jornalismo lento, a investigação sobre um assunto original, o foco na narrativa humanizada, o tratamento ético dos

personagens etc. Já no jornalismo *longform*, podemos apontar o aprofundamento do texto e da narrativa e mais tempo para leitura. Fora isso, ainda temos, nesse formato, as potencialidades da linguagem webjornalística, como, por exemplo, reportagens que combinam texto com narrativas próprias, fotografias, vídeos, infográficos, áudios etc.

4. CIRCUNSCRIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

A cultura popular é resultado, em parte, da forma como o povo se comporta em sociedade. Na verdade, é dele que deve vir a compreensão da cultura popular. Mesmo que haja pesquisas e mais pesquisas sobre o assunto, não podemos nunca deixar de compreender que essa cultura é produzida pelas classes populares, e é nesse ambiente que essas manifestações vão ganhar sua máxima importância e significado. Em outras palavras, os saberes, os fazeres e os valores culturais pertencem à comunidade.

As tentativas de estudos, de mapeamento e de registros dessas manifestações devem estar acompanhadas de alguns cuidados. Primeiramente, não podemos nos eleger enquanto salvadores e patronos de uma manifestação cultural apenas porque a estudamos ou contribuímos em algum aspecto com ela. Segundo, temos que ter em mente que seremos auxiliares no processo, porque o protagonismo é do povo, da comunidade. Nesse sentido, esse capítulo é uma tentativa de esclarecer algumas questões que envolvem a cultura popular para não cairmos nessas armadilhas ao fazermos a reportagem sobre o coco de roda de Gado Bravo.

Tentamos delimitar neste capítulo alguns aspectos referentes ao nosso objeto empírico de pesquisa. O objetivo foi apresentar características e questões sobre a cultura popular, sobre o coco de roda e sobre Gado Bravo. Nossa estratégia foi apresentar inicialmente alguns eixos da cultura popular, problematizando apropriações, atualizações e canais de divulgação sobre o assunto. Em seguida, tratamos das particularidades, as influências e as permanências do coco de roda, no geral e também na Paraíba. Por fim, abordamos alguns aspectos culturais e históricos de Gado Bravo, com o intuito de situar o município no contexto da pesquisa.

4.1. Trajetórias, permanências e reinvenção da cultura popular

A cultura popular é um elemento que sempre desperta o interesse dos segmentos turístico, mercadológico e acadêmico. O termo se refere tanto a um campo de estudo quanto às manifestações culturais de um povo. Quanto ao campo de estudos, é inconcebível falar de cultura popular e não trazer algumas concepções estudadas e desenvolvidas pelo italiano Antônio Gramsci. Ele não trata diretamente da concepção de cultura popular, porém trabalha com ideias próximas ao dissertar sobre o folclore e a literatura popular italiana.

Uma dessas ideias está relacionada à crítica que Gramsci faz à falta de junção entre literatura artística (literatura nacional) e literatura popular. Nesse caso, há uma condenação à separação das duas concepções. Ao falar do contexto italiano, o autor salienta que, “[...] não existe, de fato, nem uma popularidade da literatura artística, nem uma produção local ‘popular’, já que falta uma identidade de concepção do mundo entre ‘escritores’ e ‘povo’; ou seja, os sentimentos populares não são vividos como próprios pelos escritores [...]” (GRAMSCI, 1986, p. 104). De imediato, podemos observar que o autor faz uma crítica aos intelectuais da literatura italiana da época. Isso porque eles não se viam como partes das classes populares italianas e, conseqüentemente, não se inspiravam nelas para produzirem suas obras. Dessa forma, nem havia uma popularidade dessas obras entre os italianos nem havia uma produção local de literatura popular.

As contribuições de Gramsci se tornam ainda mais claras para a cultura popular no ensaio “Observações sobre o folclore”. Esse estudo é apontado como uma obra importante para a pesquisa em cultura popular no Brasil, como destacam Marcos Ayala e Maria Ignez Novais Ayala no livro *Cultura popular no Brasil*: “destaca-se nesta importante obra [Literatura e vida nacional], o ensaio ‘Observações sobre o folclore’, que tem inspirado muitas reflexões teóricas conseqüentes sobre a cultura popular” (AYALA, Marcos; AYALA, Maria, 2002, p. 75). Este ensaio é importante porque, a partir das percepções sobre o folclore, temos algumas noções do que seja cultura popular. Segundo Ortiz (1980, p. 46), “o primeiro significado que adquire a noção de cultura popular na obra gramsciana, é o folclore”. A obra de Gramsci também é uma das inspirações para o próprio Renato Ortiz escrever o livro *A consciência fragmentada* (1980), que também é uma importante contribuição para o entendimento da cultura popular e do pensamento de Gramsci.

As inferências feitas pelo autor italiano no ensaio “Observações sobre o folclore” abrangem alguns pontos interessantes sobre o assunto. Primeiro ponto, o senso comum é o folclore filosófico, isso se justifica pelo caráter não “intelectual” do povo, ou seja, o povo não

tinha condições de produzir a literatura artística sobre seus costumes, mesmo assim, continuava produzindo e adquirindo conhecimento por outras vias. Segundo ponto, a cultura popular é emanada das classes subalternas e instrumentais (GRAMSCI, 1986). A partir desse pensamento podemos ir mais a fundo: o que exatamente significa dizer que a cultura popular é emanada das classes subalternas e instrumentais? Significa dizer que, por não terem acesso à literatura artística (cultura da elite intelectual), o povo desenvolve sua própria literatura (cultura popular). Marcos Ayala e Maria Ayala (2002) compreendem que a cultura popular é uma forma das classes subalternas irem contra a uma outra classe dominadora. Contudo, também apontam que a cultura popular pode absorver traços das classes dominantes.

De acordo com Canclini (1983), podemos citar três perspectivas na qual a cultura popular pode ser compreendida: 1) romântica, 2) mercadológica, 3) turística. Cada uma enxerga a cultura popular de um ponto de vista particular, ancorada em seus próprios interesses. A primeira quer resguardar as produções, os fazeres e os saberes culturais das comunidades, quer manter a cultura longe das influências do capitalismo, como se a cultura popular não fosse uma junção de vários elementos. Já a segunda, enxerga somente os produtos advindos da cultura popular, ou seja, tudo aquilo que pode gerar lucro e que é produzido sob a égide do popular. A terceira vê a cultura popular como oportunidade para venda e compra de objetos de determinadas regiões, eles servem como decoração para casas e espaços de trabalho dos turistas e se tornam símbolos de viagens já realizadas, de lugares visitados.

No entanto, não devemos reduzir a cultura popular a nenhuma dessas perspectivas. Se fizermos isso, estaremos correndo o risco de não a compreendermos de maneira completa, ficaremos presos a uma ou a outra visão e, conseqüentemente, trataremos as manifestações do pensamento cultural de forma romântica ou apocalíptica. Por isso, é importante compreendermos que as manifestações da cultura popular acontecem de forma livre, sem papéis definidos, porque se assim não o for, não estaremos discorrendo sobre cultura popular.

A compreensão de não reduzir a cultura popular ao campo romântico, mercadológico ou turístico é importante porque nos faz compreender os processos de apropriações e influências do qual as manifestações populares estão suscetíveis. Segundo Canclini (1983, p. 42), as culturas populares, forma que ele acredita ser mais adequada, “[...] se consistem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida.”

As manifestações das culturas populares são um desenlace de um acesso desigual a bons salários, à alimentação, à saúde, à educação, a equipamentos culturais gratuitos, a meios

de comunicação etc., mas são também resultado de como as classes subalternas enxergam, interpretam e reagem a essas formas desiguais de acesso aos bens econômicos e culturais. Nesse contexto, as classes subalternas são “forçadas” a elaborarem suas próprias maneiras de lazer, de trabalho e de comunicação. Nesse sentido, as manifestações culturais populares são maneiras que as classes subalternas têm de reelaborarem seus modos de vida e de trabalho e, a partir dessa reelaboração, constituírem suas expressões populares de cultura e comunicação.

O conceito que Canclini (1983) defende para as culturas populares revela e prepara um cenário para pensarmos os elementos formadores dessas manifestações. Isso, porque não basta diferenciar o que é o que não é cultura popular, logo porque poderíamos nos manter em uma infinita discussão. Nesse caso, o importante é: 1) entendermos os significados que cada manifestação tem para suas comunidades; 2) apreendermos como essas expressões se constituem, se são resultados de miscigenação de etnias ou de negação às formas de dominação, se são ritos religiosos ou de trabalhos, se são objetos para a alimentação, se são costumes de afirmação etc. e 3) pensarmos como as classes subalternas se apropriam e compreendem essas manifestações, se fazem parte da sua identidade, se ajudam na complementação da renda ou se são o total dela ou ainda se são formas de promover o entretenimento e lazer.

Não podemos enquadrar as culturas populares a partir de manifestações intrínsecas, como se fosse possível o seu isolamento em uma redoma. Todas as expressões das culturas populares são resultantes de variantes, elas não têm fronteiras definidas com as culturas ditas erudita e de massa, por exemplo. “Elas se reproduzem e atuam como parte de um processo histórico e social que lhes dá sentido no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos significados” (AYALA, Marcos; AYALA, Maria, 2002, p. 52). Com isso, a cultura popular continua existindo, continua se reinventando, mesmo depois que muitos estudiosos decretaram o seu desaparecimento. O caráter popular da cultura está ligado, portanto, às diferentes formas e modos pelos quais as comunidades utilizam objetos e normas presentes no seu meio. O importante nas culturas populares não é mantê-las invioláveis, é saber que elas estão cumprindo o seu papel nas comunidades nas quais foram desenvolvidas.

Nos últimos anos estamos observando um movimento que tende a ampliar os conhecimentos sobre as culturas populares. Com o desenvolvimento constante de ferramentas comunicativas, principalmente aquelas ligadas à comunicação na internet, tem havido uma ampla circulação de manifestações das culturas populares nesse meio. Marques de Melo (2005) argumenta que a circulação desses costumes culturais na aldeia global é importante porque reacende a interação entre várias gerações ligadas a essas manifestações, bem como facilita a retomada de comemorações e rituais que pudessem estar paralisados.

Essa circulação acontece, especialmente, por meio das redes sociais digitais, *Instagram* e *Facebook*, por exemplo, blogs, sites e canais do *YouTube*. Existe uma profusão de coletivos culturais e de ativistas midiáticos²⁶ que divulgam e inserem suas produções culturais e aquelas produzidas por suas comunidades nesse espaço. Essas práticas são importantes formas de registro e de memória dos costumes e ritos das culturas populares. Inclusive, esse cenário pode ser mostrado com alguns exemplos que têm a ver com o coco, pauta da reportagem proposta nessa pesquisa.

No *Facebook* e *Instagram*, por exemplo, é possível acompanhar páginas como: Encontro de Coco de Roda e Ciranda da Paraíba, Grupo Tirinete de Coco, Coco de Roda Novo Quilombo, Grupo de Estudos Abayomi ou Grupo de Estudos Coco Acauã. Esses são alguns espaços entre outros destinados à divulgação das manifestações culturais. Nesse ponto, é possível enxergar o jornalismo como um contribuinte para o fortalecimento tanto dessa divulgação quanto das cobranças por políticas públicas, principalmente se falarmos em uma produção de jornalismo cidadão e local.

4.2. Ancestralidades, permanências e diversidades do coco

As festas são caracterizadas por momentos de transgressão e comemoração. De alguma forma, essas particularidades também são transpassadas para um outro costume da cultura popular, o coco de roda, que também é um elemento presente em muitas festas populares. Momentos como esses são ímpares, sejam em comunidades rurais ou urbanas. “Nenhuma outra dança é mais aberta do que esta, nenhuma outra conserva o mesmo espírito de camaradagem comunitária do Coco” (PIMENTEL, 2004, p. 33). Quando o mestre de coco entoa sua primeira música para anunciar a festa e chamar as pessoas do local para entrar na roda, traz para a manifestação a capacidade de unir tipos diferentes de pessoas - homens, mulheres, crianças,

²⁶ O ativista midiático do sistema folkcomunicacional, aqui observado e analisado, é o que opera nos grupos de referência da comunidade nos espaços rurais, urbanos e rurbanos, nas diferentes práticas sociais, como encadeador de transformações culturais para uma renovada ordem social, nos lugares onde se dão as interações mediadas de conveniências entre o local e o global, nos espaços da casa e da rua, melhor dizendo, no seu ambiente de vivência, de aprendizado que potencializa os seus produtos culturais nos meios de comunicação. O ativista midiático age motivado pelos seus interesses e do grupo social ao qual pertence na formatação das práticas simbólicas e materiais das culturas tradicionais e modernas para o uso da vida cotidiana. É um narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais (TRIGUEIRO, 2006, p. 5).

jovens, adultos, idosos, todos se tornam iguais. Nesses momentos, pouco importam esses rótulos, o mais importante é a diversão, a transgressão.

O coco é praticado em muitas comunidades e regiões. Em muitos locais, o costume é associado às festas do catolicismo popular, principalmente aquelas dedicadas aos santos do mês de junho, Santo Antônio, São João e São Pedro. No entanto, isso não quer dizer que essa manifestação só esteja ligada a esse período, ela pode ser encontrada em outros momentos, sobretudo, em comunidades que têm no coco uma forma de identidade. Como, por exemplo, as comunidades de Ipiranga e Gurugi, do Conde, e Caiana dos Crioulos, de Alagoa Grande, ambos municípios da Paraíba. Em muitos locais o coco também é executado junto a rituais de religiões afro-brasileiros. Por exemplo, a jurema sagrada, que é formada por traços do catolicismo popular, do candomblé, da umbanda²⁷ e por conhecimentos indígenas. Essa inserção do coco no ritual religioso é chamada de pontos de gira (AYALA; SILVA, 2015).

O coco de roda é um ritmo envolvente tanto para se ouvir quanto para se dançar. Afinal, o coco é uma manifestação da dança ou do canto? Luiz da Câmara Cascudo expressa, no dicionário do folclore brasileiro, que o coco é uma “dança popular nordestina, cantado em coro [...]. É canto-dança das praias e do sertão” (CÂMARA CASCUDO, 1999, p. 292). Assim, poderíamos inferir que o coco é tanto uma manifestação do canto, levando em conta que é este o primeiro elemento a aparecer na brincadeira, mas também é dança, como é visto nas várias rodas de coco ou em outras variações. Contudo, se analisamos bem, vamos perceber que o coco é isso e muito mais. O coco envolve uma variedade de configurações devido às características populares.

Os cocos assumem várias feições, podendo se configurar como canto acompanhado apenas por palmas e batidas dos pés; canto com acompanhamento de pandeiro ou ganzá; só texto escrito, quando integra a literatura de folhetos; dança acompanhada de versos cantados ao som de bumbos, ganzá e outros instrumentos de percussão; cantos integrados a cultos religiosos afro-brasileiros (AYALA, Maria; AYALA, Marcos, 2015, p. 18).

Como podemos perceber pelo que evidenciam os autores, o coco é composto e vivenciado de diferentes formas, é canto, é dança e é texto literário. Essas configurações notabilizam as particularidades e as riquezas que podemos encontrar nesse canto-dança junto às diferentes comunidades praticantes. Tais especificidades demonstram que cada local tem uma maneira de

²⁷ Ver AYALA, Maria Inez Novais; SILVA, Marinaldo José da. Da brincadeira do coco à jurema sagrada: os cocos de roda e de gira. In: AYALA, Maria Inez Novais; AYALA, Marcos. Os cocos: alegria e devoção. Crato: Edson Soares Edições, 2015.

brincar o coco, e isso revela a adaptação dessa expressão feita pelas comunidades nos diferentes lugares.

As adaptações também podem significar diferentes classificações da manifestação cultural. Pimentel (2004), seguindo uma construção poética, classifica o coco em repentista e de dois pés. O repentista é subdividido em três categorias: 1) coco de embolada, que caracteristicamente tem total liberdade poética, com variação de números de versos e estrofes. Geralmente, é cantado por duplas no meio da rua, da praça ou em feiras livres. Os cantadores de embolada utilizam o pandeiro e fazem rimas de forma jocosa, insultam o parceiro e os transeuntes do momento em troca de alguma contribuição em dinheiro; 2) coco de quadra, nessa categoria tanto as estrofes do solista quanto as do coro são formadas por quadras.;²⁸ e 3) coco solto, caracteriza-se pela ausência da obrigatoriedade de rimas. Já o coco de dois pés é caracterizado pela fixação das estrofes tanto do solista quanto da resposta do coro.

Segundo o autor, essas classificações são literárias, elas não surgem de passos de dança diferentes, como se fosse uma forma especial de se dançar o coco, mas sim como uma forma de construção poética do canto-dança. Além dessa classificação de Altimar Pimentel, existe outras mais conhecidas junto às comunidades praticantes:

O coco dançado enquanto gênero, também conhecido como coco de roda, samba de coco ou samba de pareia, abrange as seguintes variedades, a depender do local e comunidade participante: coco de praia, coco de zambê, coco de ganzá, coco milindô, coco de sertão e coco de usina. Além do coco dançado, existem ainda mais dois gêneros: coco de embolada e coco em literatura de cordel (ARAUJO; QUEIROZ, 2014, p. 212).

Essas variações de nomes dizem respeito, em muitos casos, ao local no qual ele é praticado ou ao instrumento de destaque que é utilizado, sem implicar, necessariamente, em variação de formas de dançar o coco. Já do ponto de vista temático, Mário de Andrade, responsável por uma importante pesquisa folclórica sobre os cocos no Nordeste, feita entre dezembro de 1928 e fevereiro de 1929, dividiu o material que colheu em seis grupos: 1) Cocos dos Homens, 2) Cocos da Mulher, 3) Cocos de Engenho, 4) Cocos de coisa e de Vário Assunto, 5) Cocos da Terra (subdividido em cocos geográficos, meteorológicos, vegetais e atlânticos) e 6) Cocos dos Bichos (ANDRADE, 2002). Essa divisão levou em conta os assuntos de que tratavam as melodias. Dessa forma, há a possibilidade de uma mesma música se enquadrar em mais de um grupo.

²⁸ Estrofe composta de quatro versos.

Geralmente, a dança do coco é executada em pares, em fila ou em roda. Os principais instrumentos são o pandeiro, ganzá, zambê e bombo (ALBIN, 2002). Sob o ponto de vista musical, o coco é tirado por um mestre e o refrão é respondido em coral. A esse respeito, Andrade (2002, p. 365) enfatiza que, “sob o ponto-de-vista exclusivamente musical, o coco tem um interesse enorme. Das nossas formas populares, é a que tem mais uma importância coral enorme. [...] Na verdade, o importante no coco é a parte coral.” Essa compreensão do autor se dá pela importância desse elemento para apoiar o coquista, tanto do ponto de vista melódico quanto do ponto de vista instrumental.

Essa manifestação da cultura popular também carrega um senso de pertencimento identitário muito forte. Segundo Souza (2016, p. 2) o “coco designa, pois, uma categoria musical performativa no Brasil. Reconhecido na literatura e na prática dos seus adeptos – os coquistas – como definidor de um domínio considerado marcador de identidade individual e coletiva.” É possível perceber que o coco pode carregar tanto uma ideia de identidade individual, como quando ele dá nome ao próprio mestre do coco ou aos seus brincantes, quanto pode carregar uma identidade coletiva, como é o caso do coco de praia ou praieiro, do coco do sertão ou coco de usina.

Quanto à origem desse canto-dança, alguns estudiosos, como Luís da Câmara Cascudo, Altimar Pimentel e Aloísio Vilella, afirmam que ele surgiu em Alagoas, mais especificamente, no Quilombo dos Palmares. No entanto, essa versão é questionada por Ayala (2015). Segundo a autora, essa tese é pouco confiável cientificamente, por apresentar pouco rigor na apresentação das fontes. Para ela, essa abordagem tem um forte viés regionalista, que mais parece especulações para encontrar uma origem dentro da região Nordeste, nesse caso, Alagoas. No entanto, não há discordância quanto à origem regional. O coco é mesmo uma expressão cultural nascida no Nordeste. Podemos encontrá-lo, de forma mais significativa, nos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará e de forma menos pontual nos estados de Sergipe, Bahia, Piauí e Maranhão (AYALA, 2018).

Quanto a sua forma de canto, dança, letra e instrumentalização, o coco é uma amálgama de diferentes costumes culturais. Discorrendo sobre essa expressão, Câmara Cascudo (1999, p. 292) salienta que “a influência africana é visível, mas sabemos que a disposição coreográfica coincide com as preferências dos bailados indígenas, principalmente dos tupis da costa.” O autor chama a atenção para a influência indígena na forma como o coco é dançado, ou seja, em roda ou em filas.

Já Maria Ignez Novais Ayala chama a atenção para outro aspecto do coco para confirmar a influência da cultura negra. Segundo a autora, são características da presença africana nos

cocos: “os instrumentos utilizados, todos de percussão (ganzá, zabumba ou bumbo, zambê ou pau furado, caixa ou tarol), o ritmo, a dança com umbigada ou simulação de umbigada e o canto com estrofes seguidas de refrão desenvolvido pelo solista e pelos dançadores” (AYALA, 2015, p. 31).

Para completar esse panorama de influências sobre essa manifestação, Andrade (2002, p. 347) enfatiza que “o coco ora é dançado ora não. Sob esse ponto-de-vista me parece que ele tem uma ascendência aproximada das rodas coreográficas portuguesas pra adultos. Não dou isto como certo, é apenas uma impressão que tenho.” Todo esse conjunto de influências deixa claro, portanto, a riqueza ancestral por trás do coco.

A ancestralidade cultural do coco, principalmente negra e indígena, caracteriza a áurea de resistência que essa expressão carrega. Acerca disso, Ayala (2015, p. 56) pontua que “a brincadeira do coco é dança de minorias discriminadas”. Entre as condições discriminatórias a autora destaca a condição étnica, a situação socioeconômica, a escolaridade e a profissão. Isso porque o coco é um meio de expressão de muitas comunidades marginalizadas tanto pelo poder público quanto pela sociedade. As comunidades na qual se encontra o canto-dança são formadas por descendentes de negros escravizados e indígenas, que têm como forma de renda principal a agricultura e a pesca.

É interessante destacar que essas expressões do coco nem sempre ficam restritas às comunidades de origem. Já tivemos alguns artistas que despontaram nacionalmente na música. Um exemplo disso é Jackson do Pandeiro, que deu seus primeiros passos na música acompanhando da sua mãe Flora Mourão nas rodas de coco que ela participava como tocadora em Alagoa Grande, Paraíba. Temos ainda os pernambucanos Caju e Castanha, que também têm projeção nacional cantando coco de embolada.

4.2.1. Aspectos e trajetórias do coco na Paraíba

A cultura paraibana contou com uma importante contribuição de Mário de Andrade no que diz respeito à catalogação de melodias do coco. Na verdade, não só a Paraíba, mas outros estados, como Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas, também contaram com essa contribuição. No entanto, como nosso foco é a Paraíba, vamos evidenciar os registros e impressões que o autor teve nesse estado.

Ao chegar a João Pessoa vindo do Rio Grande do Norte, Mário de Andrade faz a seguinte observação: “logo de entrada, pra me indicar a possibilidade de bom trabalho musical por aqui,

topei com sons dum coco. O que é, o que não é: era uma crilada gasosa dançando e cantando na praia. Gente predestinada pra dançar e cantar, isso não tem dúvida” (ANDRADE, 2002, p. 29). Ao ver aquelas crianças dançando na praia, o autor tinha uma espécie de bom presságio sobre sua passagem pela Paraíba. Esse momento que é descrito por Mário de Andrade é significativo porque demonstra a relação do povo paraibano com a cultura do coco. Essa imagem evidencia que essa relação começa desde de criança e se perpetua durante a vida adulta.

Durante a excursão folclórica, que também ficou conhecida como viagem etnográfica pelo Nordeste, Mário de Andrade colheu 245 cocos. Desses, 129 foram obtidos de 16 coquistas de diferentes cidades da Paraíba (entre elas, João Pessoa, Guarabira, Sapé, Areia e Ingá do Bacamarte). Mário chegou à Paraíba no dia 27 de janeiro de 1929 e permaneceu no estado até o dia 08 de fevereiro de 1929, quando seguiu viagem para Pernambuco. Durante esse tempo ele escutou e colheu cocos de Otilic Ciraulo, Manuel Regino, Odilon do Jacaré, Eduardo Medeiros, Acrísio Toscano de Brito, Antônio Francisco Marim, João José Bandeira, Navarro Filho, João José de Oliveira, Odilon Saturnino de Sousa, José Miguel Vicente e Joaquim Francisco Nascimento, João Batista Cabral, Estêvão Cândido de Oliveira, Sra. Adhemar Vidal e Engrácia Maria da Conceição (ANDRADE, 2002).

Dentre os 16 coquistas, o que mais despertou a admiração do estudioso foi Odilon Luís de França, o Odilon do Jacaré, nascido em Jacaré, no município de Guarabira. Dele, Mário de Andrade colheu 23 cocos. Sobre o guarabirense, o autor faz o seguinte comentário: “Odilon do Jacaré não tinha a voz esplêndida de Chico Antônio, mas era muito mais ‘estético’, usando e abusando mesmo de processos de canto, sistematizado com visível intenção de agradar” (ANDRADE, 2002, p. 382). Pela relação que o autor faz entre Odilon Luís e Chico Antônio, é possível apontar a importância artística de Odilon do Jacaré, porque o potiguar Chico Antônio foi considerado um excepcional coquista pelo autor.

Essa pesquisa feita por Mário de Andrade na Paraíba foi uma importante base para outros estudiosos. Entre os mais consolidados, temos: Altimar de Alencar Pimentel, Maria Ignez Novais Ayala e Marcos Ayala. Esses autores, juntamente com outros estudiosos de graduação, de mestrado e doutorado, são responsáveis por expandir os estudos sobre os cocos no estado e, conseqüentemente, ampliar o conhecimento sobre novos locais no qual se pratica o canto-dança. Esses autores descobriram novas melodias e novos coquistas.

Com essas contribuições é possível fazermos uma espécie de cartografia de alguns municípios e comunidades da Paraíba que têm no coco, sobretudo, o de roda, um importante meio de expressão cultural. Quanto a isso, podemos constatar que temos uma maior concentração de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses sobre os cocos presentes

em comunidades de cidades litorâneas do estado. Essa constatação pode ser feita por meio de uma rápida pesquisa nas bibliotecas digitais das universidades públicas do estado.

Na Universidade Federal da Paraíba, por exemplo, é possível encontrarmos alguns trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que abordam o tema. Encontramos 28 trabalhos com uma busca pela palavra-chave “coco de roda” na biblioteca digital e no responsório da instituição. A partir da leitura dos resumos, percebemos que algumas pesquisas nada tinham a ver com o tema, mas entre os que tinham encontramos três TCCs, três dissertações e uma tese.

Os três TCCs abordam o coco enquanto elemento educacional, dois tinham como objeto o grupo Coco de Roda Novo Quilombo, da comunidade do Ipiranga, Conde, e o outro propunha uma aplicação geral da dança em escolas de João Pessoa. Referentes às dissertações, uma aborda aspectos étnicos e culturais quilombolas, entre eles o coco de roda. A segunda aborda potencialidades educacionais do coco e a terceira estuda os aspectos visuais da dança. Os três trabalhos tomam como objeto o grupo Coco de Roda Novo Quilombo, Conde. Já a tese que encontramos estuda a dinâmica da cultura popular a partir de expressões como o coco. O objeto desse estudo foi a comunidade de Barra de Camaratuba, comunidade do município de Mataraca, litoral norte da Paraíba.

Depois de uma busca, também com a palavra-chave “coco de roda”, na biblioteca digital da Universidade Estadual da Paraíba, encontramos quatro dissertações e uma monografia de especialização que pareciam abordar o coco sob algum aspecto. Contudo, das quatro dissertações, três não tinham nada a ver com o tema e uma estudava a memória das experiências culturais vividas por moradores em festas religiosas, tendo como parâmetros o coco de roda e a novena do terno. Já a monografia, estudava o coco de roda enquanto elemento educativo. Nas duas pesquisas, o objeto empírico foi o coco de roda de Queimadas, no agreste paraibano. Com a mesma expressão “coco de roda”, também encontramos, na biblioteca digital da Universidade Federal de Campina Grande, uma dissertação que, ao falar sobre a memória histórica da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, de Alagoa Grande, aborda o coco de roda praticado no local.

Essa explanação sobre algumas pesquisas pode até parecer despreziosa ou irrelevante, mas ela evidencia algumas locais que têm o coco como expressão cultural. Nesse sentido, podemos catalogar os municípios de João Pessoa, Conde e Mataraca, do litoral, e Alagoa Grande e Queimadas, ambas do agreste. Também foi possível percebermos que, das sete pesquisas que abordaram os cocos no litoral, cinco trabalham com o grupo Coco de Roda Novo Quilombo, do Conde. Uma trabalha com o coco de uma comunidade de Mataraca e a outra

trabalha com aspectos gerais do coco nas escolas de João Pessoa. Já quando deslocamos o olhar para as duas universidades do interior do estado, no caso, UEPB e UFCG, vemos que, das três pesquisas, duas estudam o coco de roda de Queimadas e uma estuda elementos do coco da comunidade quilombola de Alagoa Grande.

No entanto, esses dados não querem dizer que não existem expressões de cocos em outros municípios do litoral, do agreste, do cariri ou do sertão do estado. Esses dados demonstram que, mesmo havendo uma limitação nessa pequena pesquisa feita nas bibliotecas digitais das universidades, há uma escassez de pesquisas sobre o coco de outras localidades da Paraíba. Mais pesquisas, nesse caso, significam maior conhecimento sobre a diversidade dessa manifestação, que também é um importante elemento da cultura local de muitos municípios, como é caso, por exemplo, de Gado Bravo, local no qual acontece o coco de roda que estamos pesquisando a fim de produzir o dossiê digital. É possível encontrar, além desses grupos citados, outros grupos, mestres e mestras na Paraíba. Um coletivo cultural, o Grupo de Estudos Coco de Roda Acauã, mapeou 40 mestres, mestras e grupos ativos e inativos de coco e de ciranda em todo o estado.²⁹

Voltando ao assunto das cinco pesquisas feitas junto ao grupo Coco de Roda Novo Quilombo, supomos que a questão da tradição e do tempo podem explicar a grande quantidade de trabalhos realizados junto ao coco da comunidade. Segundo Silva (2014), a comunidade quilombola do Ipiranga, Conde, tem uma das mais tradicionais festas do estado que envolvem o coco de roda. Segundo o autor, já são 200 anos da brincadeira na comunidade e no seu entorno. Dessa maneira, levando em conta o longo período de realização da brincadeira do coco na comunidade, é possível compreendermos que há uma gama de sentidos simbólicos, características étnicas, modos de vida e outros elementos que geram interesses e, por conseguinte, pesquisas.

Maria Ignez Novais Ayala e Marcos Ayala também fizeram uma vasta pesquisa em território paraibano. Os autores, juntamente com uma equipe de estudantes da UFPB, pesquisaram os elementos dos cocos em João Pessoa, nos bairros da Torre, dos Novais, do Alto do Céu e na Praia da Penha, Santa Luzia, Pilar, Mulungu, Guarabira, Alagoa Grande, Cabedelo, Lucena, Santa Rita entre outros locais (AYALA, 2015). De novo, esses dados demonstram a pluralidade de locais que têm expressões de coco, sejam dançados ou cantados.

²⁹ FOLGUEDOS PARAIBANOS. Carta aberta às prefeituras, ao governo do estado e à sociedade civil pela preservação e valorização do coco de roda, ciranda e mazurca na Paraíba. Instagram, 17 de jun. 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBizIFmpzmv/>. Acesso em: 02 jul. 2020.

O coco é um elemento referencial para muitos municípios paraibanos, é uma manifestação muito rica melodicamente e pode ser “encontrada em comunidades urbanas e rurais, nas quais é marcante a presença de afrodescendentes, em remanescentes de quilombos e também em algumas aldeias indígenas” (AYALA, 2018, p. 18). Na fala da autora fica claro que essa expressão cultural não fica restrita a um só espaço, ou seja, campo ou cidade. Os cocos, como a autora prefere chamar por conta das variedades, são oportunidades de encontro, de resistências e de comunicação entre as pessoas dessas comunidades.

Os mestres e mestras de coco enfrentam muitas dificuldades, como a falta de terra, falta de moradia digna ou de renda fixa. Em outras palavras, são comunidades de pessoas pobres, que enfrentam problemas diários em busca de direitos básicos de sobrevivência. Ayala (2015) demonstra por meio de suas pesquisas que encontrou muitos cantadores e dançadores de cocos na Paraíba vivendo em casebres de taipa sem luz, sem água tratada ou utensílios básicos de mobília. Esses problemas prejudicam, de alguma forma, a manutenção da cultura do coco, já que muitos mestres e mestras de coco têm que trabalhar em outras atividades para sobreviverem, porque o ofício de mestre não lhes rende muito.

Podemos vislumbrar no horizonte algumas iniciativas que buscam fortalecer e valorizar a cultura do coco, um entre tantos outros costumes culturais tradicionais paraibanos. Atualmente, temos uma série de pessoas e coletivos que estão se movimentando para galgar reconhecimento e incentivo para o coco, ciranda e marzuca da Paraíba. Nesse sentido, é possível enxergar o uso de canais comunicativos da internet para esse fim. Algumas ações, como debates, divulgação de encontros, cobrança de políticas públicas de incentivo e salvaguarda, encontro entre coletivos diferentes, estão sendo executadas por meio de diferentes redes sociais digitais.

Em maio de 2019, foi realizado o 1º Encontro de Coco de Roda e Ciranda da Paraíba, no Quilombo Ipiranga, Conde. Com isso, o coco paraibano ganhou uma importante contribuição para o seu fortalecimento. Esse encontro também ganhou força, justamente, por conta de um grupo criado em um aplicativo de conversa, o WhatsApp. Um ativista cultural de João Pessoa, Artur Pereira, criou uma comunidade virtual no aplicativo para reunir vários representantes de coco e ciranda da Paraíba. A partir daí, organizou-se esse encontro comemorativo. A festa conseguiu reunir 11 grupos de cocos do estado para celebrar as culturas populares. Entre esses grupos estavam o Coco de Roda da Barra de Camaratuba (Mataraca), Coco de Roda de Forte Velho (Santa Rita), Samba de Coco do Mestre Zé Zuca (Queimadas), Coco de Roda Novo Quilombo (Conde), entre outros (WALLACH, 2019). No dia 15 de junho de 2020, o Grupo de Coco Novo Quilombo lançou no YouTube um disco intitulado “Coco de Roda Novo Quilombo

- Da Brincadeira à Resistência”.³⁰ Esse trabalho, além de um ato simbólico para a comemoração dos 30 anos de existência do grupo é também uma forma de divulgar o coco.

Para encerrar a lista de iniciativas que estão sendo desenvolvidas, lembramos da criação do dia Municipal do Coco de Roda e da Ciranda em João Pessoa. O projeto de lei foi de autoria da vereadora Sandra Marrocos e dos ativistas culturais José Hilton, Artur Costa, Israel Lucena e Gabriela Castro. O projeto foi aprovado no dia 02 de julho de 2020 e instituiu a comemoração para o dia 26 de julho, data representativa para mestres e mestras dessa tradição cultural por ser também o dia de Santa Ana.³¹

4.3. Particularidades históricas e culturais de Gado Bravo

O município de Gado Bravo está localizado no agreste paraibano, na região imediata de Campina Grande. A sede do município fica a 183 quilômetros de João Pessoa, capital paraibana, pelas rodovias PB 132, PB 102, BR 104 e BR 230, e a 147 quilômetros de Recife, capital pernambucana, pelas rodovias PB 132, PB 102, PE 090 e BR 408. Gado Bravo limita-se com os municípios de Queimadas, Aroeiras, Umbuzeiro, Santa Cecília e Barra de Santana. Segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para o ano de 2019, o município possui 8.316 habitantes.³²

A região que hoje conhecemos pelo nome de Gado Bravo já pertenceu a outros dois municípios, primeiramente, a Umbuzeiro, terra de Assis Chateaubriand, e depois a Aroeiras. Efetivamente, a história emancipatória de Gado Bravo começa a se delinear com a emancipação de Aroeiras, que foi elevada à categoria de município por meio da Lei Estadual de n. 980 de 02 de dezembro de 1953, sendo, assim, desmembrada de Umbuzeiro.³³ Gado Bravo, que até então era uma vila, é elevado a distrito judiciário de Aroeiras, por meio da Lei Ordinária Estadual

³⁰ Informações coletadas da descrição do lançamento no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aELmjaF9uzU&feature=share&fbclid=IwAR24XPTFw-34NcyEvU1kAzjh6t-SBituKvIa-st_Y43GUSaBkAExu6YHB_0. Acesso em: 09 jul. 2020.

³¹ JOÃO PESSOA. **Lei Municipal Nº 1724, de 2 de julho de 2020**. Cria o dia Municipal do Coco de Roda e da Ciranda em João Pessoa. João Pessoa, 2020. Disponível em: https://sapl.joaopessoa.pb.leg.br/media/sapl/public/materialegislativa/2020/101597/plo_1724-2020.pdf. Acesso em: 09 jul. 2020.

³² Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/gado-bravo/panorama>. Acesso em: 16 maio 2020.

³³ Informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aroeriras/historico>. Acesso em: 13/05/2020.

3261 de 01 de fevereiro de 1965.³⁴ Alguns anos após, o distrito foi elevado a município, por meio da Lei Ordinária Estadual 5924 de 29 de abril de 1994.³⁵

Podemos elencar dois pontos importantes sobre esse processo emancipatório. Segundo Camelo (2019, p. 91), “a partir da década de 1990, a elite política local iniciou uma luta para conseguir a emancipação política de Gado Bravo, mesmo com a antipatia do então prefeito de Aroeiras José Fernandes de Melo, que era contrário ao processo de emancipação [...]” Como podemos ver, a autonomia política de Gado Bravo encontrou resistência por parte do então prefeito de Aroeiras, que temia a perda de eleitores. No entanto, devido à influência de algumas figuras importantes da política local, como, por exemplo, José Jovino de Farias, João de Brito Lira e Olegário Herculano do Nascimento, Gado Bravo alcançou sua emancipação política. Obviamente, os moradores do local também tiveram um papel fundamental, porque processos dessa magnitude só podem prosseguir para votação na Assembleia Legislativa depois de plebiscito junto à população local.

Antes de ser chamado efetivamente de Gado Bravo, esse local foi denominado por diferentes nomes, que foram dados de acordo com característica ou costumes presentes no local onde se encontra o atual núcleo urbano do município. Segundo Camelo, I. (2019), esses nomes foram: Curtume, devido à existência de um estabelecimento de processamento de couro cru, de propriedade de José Mariano Barbosa, um dos primeiros moradores do lugar; Cruzeiro, que foi dado após o religioso Zé Chico ter construído um cruzeiro de madeira no lugar, local que era utilizado por ele e pelos moradores locais para fazerem orações e prestarem culto a São José; Vila São José, denominação dada após a construção da igreja de São José, que inicialmente era uma capela construída pelo religioso Zé Chico; e finalmente Gado Bravo, denominação inspirada em uma atividade corriqueira entre os vaqueiros locais na época da estiagem, trata-se do deslocamento do rebanho bovino das fazendas até nascentes de água. Durante essa atividade, os animais percorriam o caminho até a nascente de forma dispersa e brigando entre si. Observando esse comportamento, os vaqueiros bradavam a expressão “ô gado brabo”, a partir da qual surgiu o atual nome da cidade e, conseqüentemente, do município.

O povoamento histórico da atual parte rural do município se deu primeiramente nos sítios Salinas, Lagoa dos Marcos, Pedra D'Água e Tapuia (SANTOS, 2019). Esse processo de povoamento foi iniciado por pessoas vindas de Pernambuco, cuja a intenção era explorar essas

³⁴Informação da Assembleia Legislativa da Paraíba. Disponível em: http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/2712_texto_integral. Acesso em: 13 maio 2020.

³⁵Informação da Assembleia Legislativa da Paraíba. Disponível em: http://sapl.al.pb.leg.br/sapl/sapl_documentos/norma_juridica/5607_texto_integral. Acesso em: 13 maio 2020.

terras para a criação de gado, atividade que até hoje é muito importante no município, sendo, inclusive, a principal atividade econômica da maioria da população da zona rural, além de ser a origem do nome do local.

Assim como em outros lugares pequenos, o município tem algumas particularidades com relação à interação entre os moradores tanto da zona rural quanto da cidade. Segundo Prado (1995), os cidadãos oscilam entre indivíduos e pessoas quando estão realizando suas atividades de lazer, de trabalho, de compras ou de casa. Enquanto indivíduo, o cidadão pode passar despercebido, ser anônimo; já enquanto pessoa, o cidadão pode ser identificado por alguma característica. No contexto da cidade grande, um cidadão pode ser indivíduo, ao estar na rua, na praça, na loja, no restaurante; e pode ser pessoa, ao estar em casa, ou seja, ela tem um nome, Maria, José, João, Isabel, tem uma característica determinada que a identifica, é a mãe, o pai, o filho, o avô ou avó. Já na cidade pequena, o cidadão será sempre pessoa, será identificado, independente se está na rua ou em casa, ele será Maria, João ou José, será filho ou filha de Sebastião ou de Josefa, será da família de,.. que mora em... será a professora (o), o veterinário, o borracheiro etc.

No contexto do município de Gado Bravo, podemos elencar alguns elementos das relações pessoais com essas características. Por exemplo, é difícil não encontrarmos alguém que não seja identificado com o nome do pai, Dé de Otávio, Miguel de Biu Capiba, Cida de Jorge; da mãe, Antônio de Inês, Manoel de Benta, Pedro de Terezinha; do esposo, Lúcia de Zequinha, Marluce de Zé Manoel, Nega de Zé Firmino; ou da mulher, o que é mais raro, mas podemos encontrar alguns exemplos como Pedro de Ana e Sebastião de Aninha. Existem ainda aquelas pessoas que são reconhecidas por possuir características familiares de determinados sobrenomes, como os Lucena, os Ricardo, os Brito, os Araújo. Por isso, é raro uma pessoa não ser identificada no contexto de um município pequeno.

Outro costume interessante é a questão das referências aos estabelecimentos comerciais. Mesmo que eles tenham um determinado nome, as pessoas se dirigem a esses locais de acordo com alguma referência, que pode vir do nome do dono ou por conta da localização geográfica. Em Gado Bravo, por exemplo, ninguém faz a feira no mercadinho central, faz a feira no mercadinho de Renato, ninguém compra no shopping da moda, compra na lojinha da Silvana, ninguém compra pão na padaria ki-queijo, compra pão na padaria lá de baixo, ninguém compra medicamentos na farmácia São Sebastião, compra medicamentos na farmácia de Luciano.

Todos esses elementos dizem respeito ao cotidiano e às práticas das pessoas do lugar. À primeira vista, podem até não ser importantes, mas é nesses pequenos detalhes que podemos visualizar a vivência entre os habitantes. Como salienta Carlos (2007, p. 18) “[...] o percurso

reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido, [...] criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar.” São esses laços que demonstram o real sentido de pertencimento que cada prática corriqueira significa, são a partir deles que as pessoas se reconhecem e se relacionam no dia a dia.

Gado Bravo tem outros elementos culturais e identitários que fazem parte do cotidiano da população local e também são muito importantes para entendermos como se constitui o lugar. Primeiramente, destacamos a feira livre da cidade, que faz parte do cotidiano das pessoas desde o dia 05 de setembro de 1937,³⁶ e desde então é realizada aos domingos nas imediações do mercado público central. Juntos, esses espaços são importantes componentes de desenvolvimento econômico local. Na sua gênese, a maior parte dos bancos da feira eram abastecidos por produtos vindos de burro de Campina Grande, como, por exemplo, a farinha de mandioca, o açúcar em torrão, milho, feijão, café em grão, tabaco, entre outros produtos. Ao longo dos anos, a feira livre de Gado Bravo se tornou um ponto de encontro entre os moradores. Não é difícil enxergar pequenos grupos de pessoas conversando em meio aos vários bancos de frutas, verduras, carne, ferramentas de trabalho no campo, louça de barro, roupas, utensílios domésticos, brinquedos e bugigangas eletrônicas. À medida que as pessoas vão chegando e se encontrando no espaço da feira, vemos um aperto de mão, um abraço, um aceno ou um sorriso em forma de cumprimento.

Todos os domingos a efervescência das ruas em torno de mercado público começa às 6 horas da manhã. Vem gente de carro, moto, bicicleta, cavalo, caminhão pau de arara etc. Muitos com o intuito de fazer suas compras da semana, outros com a intenção de beber uma cachaça nos bares do local ou até mesmo só passear por ali. Não demora muito e é possível enxergarmos muita gente com suas sacolas plásticas e sacos de torta de algodão carregados de produtos. A feira, então, é uma das responsáveis por parte do movimento semanal do município.

Outro elemento forte de Gado Bravo é a festa, um costume cultural que acompanha muitos momentos da população ao longo do ano. Podemos citar a festa do aniversário do município, do 07 de setembro, do final de ano do portal Gado Bravo, as festas dedicadas aos santos católicos, às festas juninas, aquelas que acontecem nos sítios ou as promovidas por barzinhos. Dentre essas festas, as mais significativas são as dedicadas aos santos, principalmente aquelas dedicadas a São José, padroeiro da cidade, e à Santa Ana, padroeira do sítio Tapuia.

³⁶ 80 anos da Feira Livre de Gado Bravo-PB. Direção de Azenaldo Neri, José Jeová de Farias, Sebastião P. Barbosa. Gado Bravo: Independente, 2017. (17 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vs8r7mLlXso>. Acesso em: 10 maio 2020.

A festa de São José pode ser compreendida a partir dos seus elementos sagrados e profanos. Eles não podem ser dissociados um do outro, essa separação a qual recorreremos é apenas uma forma de melhor relatar os elementos constitutivos da festa. Do ponto de vista sagrado, a festividade do padroeiro de Gado Bravo começa a acontecer quase um mês antes, com a peregrinação da imagem do Santo pelas comunidades da zona rural até que ela volte para a igreja matriz. Essa romaria é seguida, geralmente, por filas de motos, carros e fogos de artifício, que compreendem elementos profanos, há também os momentos de orações nas capelas dos sítios, principalmente acompanhados pelo Rosário Mariano, que é um elemento sagrado.

Após o fim da peregrinação da imagem de São José, as celebrações religiosas acontecem na igreja matriz. São terços e missas oferecidas às comunidades religiosas, aos vaqueiros, aos comerciantes, aos agricultores, aos motoristas e motociclistas, à juventude, às mulheres etc. Todas essas celebrações acontecem até o dia 19 de março, data que é comemorado o dia de São José. Esse dia é o ápice da festa, quando acontece a missa de encerramento, a procissão com a imagem do Santo, a benção final e a parte profana, que é composta por shows das bandas de música, barracas de comidas, barracas de jogos, pavilhões de bebidas alcoólicas e parque de diversões, montado por ocasião da festa. Evidentemente, muitos desses elementos funcionam muito antes do dia 19. O parque de diversões e as barracas de comidas e jogos, por exemplo, são frequentados tanto pelos moradores da cidade quanto pelo da zona rural antes mesmo do dia 19 de março.

Tão importante e tradicional quanto a festa de São José, temos a festa de Sant'Ana, padroeira da comunidade do Tapuia, zona rural do município de Gado Bravo. Geralmente, essa festividade acontece durante dois ou três dias, contando as celebrações na igreja e a parte profana. Contudo, o dia mais importante é mesmo o dia 26 de julho, data na qual a igreja católica comemora o dia de Santa Ana. Nesse dia, a festividade acontece durante o dia, diferente de tantas outras festas que temos na região. A explicação para esse fenômeno vem dos próprios moradores do lugar. Eles afirmam que, devido à comunidade não ter eletricidade no passado e também por conta do difícil acesso ao local, preferiram realizar a festa durante a luz do dia.

O sítio Tapuia é uma comunidade centenária de Gado Bravo, situada às margens do rio Paraíba, na divisa com o município de Umbuzeiro. O espaço onde acontece a festa está entre as montanhas e o leito do rio. Esse espaço fica lotado de pessoas, de carros, de motos e animais de montaria no dia 26. Podemos dividir o espaço da festa em dois locais. O primeiro é pátio da igreja da comunidade, lugar no qual ficam instalados o palco para as bandas de música e para os políticos locais discursarem, os pavilhões, o parque de diversões, as barracas de comidas, de

bebidas alcoólicas, de jogos de azar, de produtos importados e de brinquedos; e o segundo é o leito do rio Paraíba, espaço no qual os frequentadores da festa ocupam para tirar fotografias, por conta da paisagem, e para se refrescarem nas águas que ficam acumuladas nas pequenas cacimbas do leito do rio.

A festa de Sant'Ana é muito lembrada entre os frequentadores por conta da beleza do lugar e, principalmente, por conta dos fogos e tiros provenientes dos bacamarteiros, que vêm de cidades de Pernambuco para se apresentarem no leito do rio. Já do ponto de vista sagrado, a procissão e a missa de Santa Ana são os momentos mais significativos. Nesses dois momentos, é possível enxergamos várias demonstrações de fé e de pagamento de promessas. Inclusive, tem uma série de ex-votos guardados na igreja que foram deixados por fieis na ocasião da festa.

Dentro desses momentos festivos dedicados aos santos católicos, principalmente naqueles que acontecem nas capelas das comunidades da zona rural, podemos encontrar a atração do coco de roda, uma manifestação da cultura popular que também é muito forte no lugar. O coco de roda é tirado pelos coquistas, mas são as pessoas que participam da festa que dançam, já que os grupos são formados por músicos e não por dançarinos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso deste trabalho abordamos vários aspectos que perpassaram a construção da reportagem em dossiê digital. Procuramos responder as questões sobre como trabalhar a reportagem de forma que ela contribuísse para a promoção da brincadeira do coco de roda do município de Gado Bravo e também como o jornalismo poderia auxiliar na difusão da cultura popular por meio inovações sociotécnicas.

Nesse sentido, apresentamos neste relatório uma proposta metodológica que auxiliou a construção do dossiê, que foi a utilização da abordagem etnográfica para a apuração das informações e a aproximação dos personagens. Nesse ponto, expomos uma discussão teórica sobre o ato de pesquisar, sobre as contribuições do olhar etnográfico do jornalista em relação à pauta, os personagens e o seu ambiente, além de apresentar o passo a passo do trabalho de campo realizado, abordando, inclusive, as escolhas feitas e as dificuldades enfrentadas durante a apuração, edição e postagem do material.

Com relação a essa parte, podemos concluir que a metodologia foi aplicada com algumas limitações, mas ela cumpriu as expectativas. Como vimos no relato sobre o trabalho de campo feito no capítulo metodológico, a etnografia permitiu um contato mais demorado e mais aproximado com personagens do coco. A partir das escolhas feitas durante as visitas aos entrevistados, pudemos conhecer mais o dia a dia de cada um deles.

Se fossemos falar de rapidez e efetividade nas tentativas de contatos, iríamos perceber uma falha, pois foram necessárias mais visitas para conseguir o primeiro contato. Contudo, não foi esse o caminho. Aprendemos muito sobre a vida dos coquistas com cada viagem perdida, tivemos contato com familiares, com o trabalho, com a forma de vida e com a comunidade que mora no entorno.

Desse modo, a abordagem etnográfica foi uma escolha acertada, principalmente porque nos permitiu olhar, por exemplo, as viagens, os áudios e imagens perdidas, como uma possibilidade de aprender algo a mais e observar outras perspectivas que não aquela inicial, que era acertar, cumprir a pauta, o objetivo. Além disso, o processo etnográfico estava ademais do ato de pesquisar, entrevistar e conhecer os personagens, ele significou também a inserção e a familiaridade do próprio jornalista enquanto brincante e morador do município de Gado Bravo.

Além da questão metodológica, refletimos sobre os aspectos do webjornalismo, apresentando suas características e identificando a partir daí as mais adequadas para utilizar durante diagramação e edição da reportagem. Discorremos sobre as particularidades do dossiê,

da reportagem, do jornalismo lento e *longform*, da cultura popular, dos cocos. A partir dessas reflexões, identificamos características técnicas e narrativas para construir o material proposto, levamos em consideração várias possibilidades da abordagem jornalística.

Ao longo do trabalho muitas adaptações foram necessárias, principalmente com relação às mudanças e às restrições que o mundo enfrentou e ainda vem enfrentando no último ano. A pandemia do coronavírus obrigou as pessoas a repensarem ações comuns do dia a dia. O jornalismo também não ficou de fora, atividades que são corriqueiras para o fazer jornalístico, como o contato com as fontes, tiveram que ser adaptadas. No caso desta pesquisa, aconteceram atrasos e incertezas, sobretudo porque propusemos um contato prolongado com as pessoas para fazer as entrevistas e as observações. No entanto, com alguns cuidados foi possível passar por essas etapas. Realizamos quase todos os contatos necessários e passamos um tempo imprescindível com cada entrevistado.

Observamos muitas possibilidades oferecidas pelo o webjornalismo para a difusão da cultura popular, entre elas: a sua característica de multimodalidade, abrangendo uma série de linguagens que podem se combinar para contar uma história, deixando a narrativa mais leve e ao mesmo tempo mais aprofundada e também a oportunidade de acesso por muitas pessoas, desde que ela tenha acesso à internet e a uma ferramenta, como o celular ou computador.

Foi possível concluirmos que o produto jornalístico elaborado durante esta pesquisa conseguiu alcançar seu objetivo, que foi o de narrar a história do coco de roda de Gado Bravo por meio do jornalismo. Esse material poderá ser visto e revisto por pessoas interessadas em conhecer o coco, sobretudo pessoas do município, principalmente os coquistas e seus familiares. A reportagem registrou a memória oral dos cantadores e daquelas pessoas que tinham lembranças relacionada a manifestação. Isso é muito importante ao passo que possibilita criar um banco digital com elementos históricos e memorialísticos sobre a manifestação do lugar. Além disso, a reportagem contribui para a construção da informação local e também para a disseminação da cultura local.

Todos entrevistados falaram das brincadeiras do passado com um tom de saudosismo, eles guardam na memória o que os avós e os pais deles fizeram pela cultura de Gado Bravo. Infelizmente, não houve um registro dessas contribuições. Alguns deles até lamentaram não ter fotografias dos cocos e dos coquistas do passado. Um dos entrevistados, o Mestre Chico Pixaim (como ele mesmo se auto refere) fez o seguinte depoimento: “eu nasci em 1952 e já estou com 69 anos, Gado Bravo nasceu em 1994, e veio um rapaz para dar valor ao coco de roda”. Ele, possivelmente, quis chamar a atenção para o tempo que é cantador de coco e ninguém nunca valorizou sua arte. Nesse sentido, o jornalismo, especialmente o dossiê, cumpriu com a missão

de difundir e divulgar a cultura popular e mostrar a importância da manifestação como bem cultural para Gado Bravo.

Ainda pensando sobre objetivo cumpridos, podemos apontar também para o mapeamento dos mestres de coco de roda do município. Inicialmente, imaginamos que haveria quatro coquistas, Vital de Pipídio, Zé da Veia, Pimbó e Zé de Marina, que eram os mais lembrados pela população. Contudo, conseguimos mapear ainda o mestre Chico Pixaim, também soubemos de coquistas da nova geração, como Noaldo Marinho, Antônio de Zé de Marina, Josinaldo Marinho e Didi. Ainda descobrimos os respondedores de coco Antônio Onório e Lindalva Sabino.

Com relação aos dois últimos personagens, podemos destacar que essa função de respondedor foi criada para melhor definir a função deles, já que nenhum dos dois se consideram coquistas, pois não improvisam no momento da brincadeira. Antônio e Lindalva ponderam que apenas respondem o coco. Nesse caso, eles cantam o refrão do coco que, normalmente, é fixo e decorado. Essa função deveria ser realizada pelo público que dança, mas como em Gado Bravo isso não costuma acontecer, é necessário uma ou mais pessoas para responder cantando o refrão.

Durante a apuração foi possível perceber também outras histórias interessantes, a cada visita concluída surgiam várias pautas e possibilidades de cobertura jornalística na área cultural no pequeno município de Gado Bravo. Os próprios coquistas, animados pelos registros das suas músicas e de suas memórias, pediam que voltássemos para registrar as rodas de coco, que por conta da pandemia não aconteceram mais. Nesse sentido, outros trabalhos são possíveis a partir da reportagem feita, como, por exemplo, documentários, perfis, livros reportagens ou mesmo *lives*, já estamos vendo uma alta de transmissões via redes sociais.

REFERÊNCIAS

ALBIN, Ricardo Cravo. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Cravo Albin, 2002. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/>. Acesso em: 19 abr. 2020.

ANDRADE, Mário de. **Os cocos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artemed, 2009.

ARAUJO, Rivaldo Felix de; QUEIROZ, Sônia. Coco dançado e candombe mineiro: tradições performáticas banto-brasileiras. **Boitatá**, Londrina, v. 2, n. 18, p. 211-233, jul. 2014. Disponível em:

[http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/site/arquivos/revistas/1/12.RIDALVO%20F__LIX%20DE%20ARAUJO%20SONIA%20QUEIR__Z%20COCO%20DAN__ADO%20E%20%20CANDOMBE%20MINEIRO%20TRADI____ES%20PERFORM_-TICAS%20BANTO-BRASILEIRAS%20\(1\).pdf](http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/site/arquivos/revistas/1/12.RIDALVO%20F__LIX%20DE%20ARAUJO%20SONIA%20QUEIR__Z%20COCO%20DAN__ADO%20E%20%20CANDOMBE%20MINEIRO%20TRADI____ES%20PERFORM_-TICAS%20BANTO-BRASILEIRAS%20(1).pdf). Acesso em: 09 abr. 2020.

ASSIS, Cássia Lobão; NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Estudos contemporâneos de cultura**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

AYALA, Maria Ignez Novais. Os cocos do Nordeste. *In*: SESC, Departamento Nacional do. **Na pisada dos cocos**: circuito 2017/2018. Rio de Janeiro: Sesc, 2018. p. 13-32.

AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. **Cocos**: alegria e devoção. Crato: Edson Soares Martins Edição, 2015.

AYALA, Maria Ignez Novais; SILVA, Marinaldo José da. Da brincadeira do coco à Jurema Sagrada: os cocos de roda e de gira. *In*: AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos. **Cocos**: alegria e devoção. Crato: Edson Soares Martins Edição, 2015. p. 189- 219.

BACCIN, Alciane. A narrativa *longform* em reportagens hipermídia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 89-101, out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n1p89/35056>. Acesso em: 04 jun. 2020.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. *Network Journalism: converging competences of old and new media professionals*. *Australian Journalism Review*, Bathurst, v. 2, n. 23, p. 91-103, jul. 2001. Disponível em: <https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeuze%20NetworkJournalism%202001.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 maio 2020.

BENJAMIN, Roberto. Pesquisa em narrativas orais. *In: FERNANDES, Guilherme Moreira et al (org.). Roberto Benjamin: pesquisas, andanças e legado*. Campina Grande: Eduepb, 2017. p. 09-323.

BRADSHAU, Paul. Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. *In: CANAVILHAS, João. Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros Labcom, 2014. p. 111-136. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 19 maio 2020.

CÂMARA CASCUDO, Luiz da. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CAMELO, Antônio Nilson Luciano. A relação com Aroeiras. *In: CAMELO, Ivanilson Luciano. Entre o passado e o presente: um pouco da história de Gado Bravo*. Campina Grande: Gráfica Marcone, 2019. p. 81-140.

CAMELO, Ivanilson Luciano. O que é uma cidade. *In: CAMELO, Ivanilson Luciano. Entre o passado e o presente: um pouco da história de Gado Bravo*. Campina Grande: Gráfica Marcone, 2019. p. 11-41.

CAMPOS, Tamara de Souza. Pensando o *longform* à luz das sete características do webjornalismo: um estudo de caso de uma série de o globo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 157-167, jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2019v16n2p157/41764>Tamara de Souza Campos. Acesso em: 06 jun. 2020.

CANAVILHAS, João. A reportagem paralaxe como marca de diferenciação da Web. *In: REY, Paula Requeijo; PISONERO, Carmen Gaona. Contenidos innovadores en la Universidad Actual*. Madrid: McGraw-Hill Education, 2014a. p. 119-129.

CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. *In: CANAVILHAS, João. Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros LabCom, 2014b. p. 3-24. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 19 maio 2020.

CANCLINI, Néstor García. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARVALHO, João Noé Alves de. Possíveis contribuições da etnografia para o estudo e a prática do jornalismo em tempos de crise. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 60-71, 24 set. 2019 Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.211.07>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CORDENONSSI, Ana Maria; MARQUES DE MELO, José. Jornalismo interpretativo: os formatos nas revistas Veja e Época. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 13., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2008. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0320-1.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2020.

CRAMER, Janet; MCDEVITT, Michael. *Ethnographic journalism*. In: IORIO, Sharon Hartin (ed.). **Qualitative research in journalism: taking it to the streets**. New York: Routledge, 2014. p. 03-264. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781410609557/qualitative-research-journalism-sharon-hartin-iorio>. Acesso em: 20 nov. 2020.

DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo**: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência. Salvador: EDUFBA, 2009.

DÍAZ NOCI, Javier. *La interactividad y el periodismo online: una aproximación teórica al estado de la cuestión*. **Diálogos Possíveis**, Salvador, v. 2, n. 5, p. 7-28, jun. 2006. Disponível em: http://fba.unlp.edu.ar/lenguajemm/?wpfb_dl=61. Acesso em: 25 maio 2020.

FARACHE, Ana; CUNHA, Paulo. **Geneton**: viver de ver o verde mar. Recife: Cepe, 2019.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 2012.

GIRARDI JR, Liráucio A reportagem como experiência etnográfica. **Anuário de jornalismo**, São Paulo, v.2, n.2, p. 198 - 213, 2000.

GRAMSCI, Antônio. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GREENBERG, Susan. *Why doesn't Britain have a culture of serious non-fiction journalism like the US?*. 2007. Disponível em: <https://www.prospectmagazine.co.uk/magazine/slowjournalism>. Acesso em: 14 jun. 2020.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KASHIMOTO, Emília Mariko; MARINHO, Marcelo; RUSSEFF, Ivan. Cultura popular, identidade e desenvolvimento local: conceitos e perspectivas para regiões em desenvolvimento. **Interações**, Campo Alegre, v. 3, n. 4, p. 35-42, 2002. Disponível em: <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/575>. Acesso em: 06 jul. 2019.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação a pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2015.

KUCINSKI, Bernardo. **Notas sobre o jornalismo de dossiês**. 2003. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/notas-sobre-o-jornalismo-de-dossis-2/>. Acesso em: 28 abr. 2021.

KÜNSCH, Dimas Antônio. *Compreendo ergo sum*: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística. **Communicare**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 43-54, jan. 2005. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/07/Communicare-vol.-5.1.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LE MASURIER, Megan. *What is Slow Journalism?* **Journalism Practice**, [s.l.], v. 9, n. 2, p. 138-152, maio 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/toc/rjop20/9/2?nav=tocList>. Acesso em: 29 set. 2019.

LEMOS, André. Cibercultura como território recombinate. *In*: TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson. **A cibercultura e seu espelho**: campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa. São Paulo: Abciber; Instituto Itaú Cultural, 2009. p. 38-46.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Barueri: Manole, 2009.

LONGHI, Raquel Ritter. *O turning point* da grande reportagem multimídia. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, fev. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660/12569>. Acesso em: 16 maio 2020.

LONGHI, Raquel Ritter. **Longform, a qualidade como protagonista**. 2016. Disponível em: <https://jornalismomonobrasilem2017.com/longform-a-qualidade-como-protagonista-f9f9f3c39332>. Acesso em: 22 jun. 2020.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do *longform* no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian Journalism Research**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 110-127, set. 2015. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/issue/view/38/showToc>. Acesso em: 25 maio 2020.

LORENZ, Mirko. Personalização: análise aos 6 graus. In: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 137-158. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 19 maio 2020. Marcos. **Cocos: alegria e devoção**. Crato: Edson Soares Martins Edição, 2015. p. 189-220.

MARQUES DE MELO, José. **Cidadania glocal, identidade nordestina: ética da comunicação na era da internet**. Campina Grande: Latus, 2011.

MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação na era digital: a comunicação dos marginalizados invade a aldeia global. In: BIENAL IBEROAMERICANA DE COMUNICACIÓN, 5., 2005, Monterrey. **Conferência**. Monterrey: Instituto Tecnológico de Monterrey, 2005. p. 1-26. Disponível em: http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/magis/Marques_demelo2.pdf. Acesso em: 09 jul. 2020.

MARTINEZ, Monica. O jornalismo-autor em ambientes digitais: a produção da jornalista Eliane Brum para o portal da revista época. **Comunicação Midiática**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 56-77, jan. 2014. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/197/198>. Acesso em: 28 jun. 2020.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MIELNICZUK, Luciana. Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Edições Gjol; Calandra, 2003. p. 37-57.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**: um repórter em busca dos onze jogadores que entraram em campo para serem campeões do mundo em 1950, mas se tornaram personagens do maior drama da história do futebol brasileiro. São Paulo: E-galaxia, 2013. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/vcs1>. Acesso em: 06 jun. 2020.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê Brasil**: as histórias por trás da história recente do país. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013. Disponível em: <http://www.more.ufsc.br/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. *In*: SOSTER, Demétrio de Azevedo; PICCININ, Fabiana Quatrin. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas**: perspectivas epistemológicas. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. p. 47-63.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, jun. 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ORTIZ, Renato. **A consciência fragmentada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

PALACIOS, Marcos. Memória: jornalismo, memória e história na era digital. *In*: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 89-110. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 19 maio 2020.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, continuidade, e potencialização no jornalismo on-line: o lugar da memória. *In*: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Gjol; Calandra, 2003. p. 13-36.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PAVLIK, John Vernon. Ciberjornalismo: muito mais do que notícias no formato digital. **Esferas**, Brasília, v. 17, p. 18-26, jan. 2020. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/11708>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PAVLIK, John Vernon. Ubiquidade: o 7.º princípio do jornalismo na era digital. *In*: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã:

Livros LabCom, 2014. p. 159-183. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 19 maio 2020.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 2, p. 01-11, out. 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 14 abr. 2020.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 24, p. 38-57, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/19208/12362>. Acesso em: 13 maio 2019.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em comunicação no Brasil. **Comunicação e Sociedade**, Braga, v. 33, n. 2, p. 25-40, jun. 2018. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/article/view/1053/1033>. Acesso em: 12 abr. 2019.

PIMENTEL, Altamar de Alencar. **Coco de Roda**. João Pessoa: FIC/PB, 2004.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRADO, Rosane Manhães. Cidade Pequena: paraíso e inferno de personalidade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 31-56, 1995. Disponível em: <http://ppcis.com.br/wp-content/uploads/2018/09/Cadernos-de-Antropologia-e-Imagem-4.-A-cidade-em-imagens.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

PRAZERES, Michelle. Jornalismo lento: mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais. **Paulus: Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 125-140, jul. 2018b. Disponível em: https://www.academia.edu/39167215/Jornalismo_lento_Mapeando_tens%C3%B5es_entre_velocidade_e_comunica%C3%A7%C3%A3o_em_ambientes_digitais. Acesso em: 16 jun. 2020.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. *In*: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 53-88. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 19 maio 2020.

ROVIDA, Mara Ferreira. Etnografia e reportagem jornalística: aproximação possível para uma metodologia de pesquisa empírica. **Líbero**, São Paulo, v. 18, n. 35, p. 77-88, jan., 2015. Disponível em: <http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/71>. Acesso em: 21 maio 2019.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. *In*: CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014. p. 25-52. Disponível em: <http://labcom.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 19 maio 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

SANTOS, Valquíria Gomes dos. Índícios de presença indígena no município de Gado Bravo-PB. *In*: CAMELO, Ivanilson Luciano. **Entre o passado e o presente: um pouco da história de Gado Bravo**. Campina Grande: Gráfica Marcone, 2019. p. 41-68.

SILVA, Alfredo Rodrigues Leite da; FANTINEL, Letícia Dias. Dilemas e implicações do uso da observação enquanto técnica em detrimento da etnografia. *In*: ENANPAD, 38., 2014, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2014. p. 01-16. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2014_EnANPAD_EOR2340.pdf. Acesso em: 18 nov. 2019.

SILVA, Cícero Pedroza da. **Coco de Roda Novo Quilombo: saberes da cultura popular e práticas de educação popular na comunidade quilombola de Ipiranga no Conde-PB**. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4820/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do esclarecimento**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

SOUZA, Fernando Antônio Ferreira de. **Joga o coco na gira de mestre: religião, ação humana e identidades no litoral pernambucano**. 2016. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Musicais, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/20283>. Acesso em: 04 set. 2018.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O Ativista midiático da rede folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Ponta Grossa, v. 4, n. 7, p. 01-13, jan. 2006. Disponível em: <https://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/536/370>. Acesso em: 30 maio 2020.

WALLACH, José Carlos dos Anjos. **Conde realiza 1º encontro de coco de roda da Paraíba.** 2019. Disponível em: <https://correiodaparaiba.com.br/cultura/conde-realiza-1o-encontro-de-coco-de-roda-da-paraiba-programacao-tera-11-horas/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 32, n. 15, p. 157-170, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/ZqxMGvJtb5f79JCFzBwcNnz/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 29 mar. 2021.

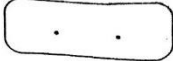
APÊNDICE A – EXEMPLO DE PAUTA UTILIZADA

PAUTA MULTIMÉDIA
<p>Produção/reportagem e edição: José Primitivo Leal Retranca: Coco de Roda/Pimbó/Coquista Data: 11/04/2021 Tipo: Entrevista para reportagem Endereço: Sítio São Bento, s/n, Gado Bravo, em frente à Igreja Pentecostal do Amor de Jesus. Entrevistado: José Agostinho, Pimbó, coquista, telefone: (83) 981579251</p>
SÍNTESE GERAL DA REPORTAGEM
<p>O coco de roda é uma manifestação do canto e da dança tipicamente nordestina, praticada em comunidades urbanas e rurais. Essa expressão cultural está presente tanto em grandes quanto em pequenos municípios. Na Paraíba, por exemplo, temos manifestações no Conde, João Pessoa, Santa Rita, Alagoa Grande, Queimadas, Gado Bravo entre outras. Estudiosos como Câmara Cascudo, Maria Ignez Ayala e Mário de Andrade apontam que os cocos tem influências indígenas, africanas e portuguesas. Dependendo do local, a manifestação tem variações no nome e também na maneira como é praticada. Ela pode ser realizada apenas com canto e acompanhado por palmas e batidas dos pés, em roda acompanhada por canto e instrumentos musicais como ganzá, caixa, bumbos etc., em cultos religiosos afro-brasileiros ou em desafio. Em muitos lugares o coco pode ser chamado de praieiro, de usina, de roda ou de embolada. Em cada local, a expressão tem sua importância e visibilidade.</p>
DIRECIONAMENTO GERAL DA REPORTAGEM
<p>Os guias dessa pauta são os aspectos históricos do coco de roda no município, suas características enquanto canto e dança, a relação dos moradores locais com a expressão cultural e seus cantadores. Com relação a esse último eixo, deve haver uma abordagem do lugar dos mestres de coco no espaço, ou seja, o seu passado, o seu trabalho, a sua relação com a manifestação e também a relação da sua família com a expressão. Ao abordar esses pontos, o intuito é entender como o coco de roda se manifesta atualmente na cultura gadobravense, a forma de sobrevivência dos coquistas e a continuação do costume das mãos das novas gerações.</p>
SÍNTESE PARA A ENTREVISTA
<p>José Agostinho, também conhecido por Pimbó, é um agricultor, trabalhador rural e coquista do município de Gado Bravo. Atualmente, mora no Sítio São Bento. Ele herdou a arte de cantar e tocar coco de roda do seu pai Agostinho. Assim como Vital e Zé da Velha, é um dos mais antigos mestres de coco da região. Ele já se apresentou em eventos em Campina Grande e Aroeiras representando Gado Bravo.</p>
DIRECIONAMENTO DA ENTREVISTA
<p>A conversa com seu Pimbó pode abordar aspectos da sua vida e também do seu trabalho. Além, é claro, da ligação dele e da família com o coco de roda. Questões relacionadas aos espaços que ele frequentou enquanto coquista também devem ser lembradas.</p> <p>Sugestões de motes para possíveis perguntas:</p>

Os coquistas do passado;
 A origem e influências do coco de roda;
 Dificuldades para adquirir e aprender os instrumentos musicais;
 Tipos de espaços (eventos) que tocam o coco de roda;
 Memórias sobre as festas e os cocos dos quais já participou;
 Saldos positivos e negativos de ser coquista (coisas boas e ruins que aconteceram na sua vida);
 Modo de sobrevivência no passado (trabalho);
 Os companheiros do passado e do presente.

RECURSOS MULTIMÉDIA		
VÍDEO 1	Breve relato da vida	Unir com os relatos dos outros personagens
VÍDEO 2	Uma ou mais músicas	Separar e colocar em momento específico do texto
VÍDEO 3	Fala sobre o coco	
VÍDEO 4	Fala sobre o trabalho, se possível no ambiente que remeta à atividade	
VÍDEO 5	Fala com uma apresentação – nome, idade, onde mora e o que é	Unir aos dos outros coquistas
ÁUDIO 1	Uma música de autoria dele	Para ser selecionada posteriormente e ilustrar a reportagem no site
ÁUDIO 2	Alguma lembrança emotiva ou engraçada sobre o trabalho	
TEXTO 1	Tudo relacionado ao texto será pensado posteriormente	
FOTOGRAFIA 1	Do coquista com um instrumento musical	
FOTOGRAFIA 2	Apenas os instrumentos	
FOTOGRAFIA 3	Escanear algum arquivo pessoal	
INFOGRÁFICO 1	Infográficos também serão pensados posteriormente	
LINHA DO TEMPO	Também serão pensados depois de todas as entrevistas	

APÊNDICE B - DIÁRIO DE CAMPO



Diário de campo referente à observações
etnográficas da reportagem sobre a História
na oco do modo de vida de Gado Bravo - PB.

José Primitivo Leal Neto

impunção e resultados da primeira ida a campo

data: Segunda-feira, dia 22 de março de 2021
 Quantidade de horas realizadas: 14h30 a 16h20

Desde criança eu ouvia falar sobre loco de roda, meu primeiro contato com a expressão foi, justamente, quando eu era menino. Aqui perto da casa dos meus Pais, em Lagoa do Marcos, havia uma boate, um bar. Um determinado dia que eu não lembro mais, houve um loco de roda lá, fiquei muito pai is, mas como eu era muito pequeno meus Pais não queriam me levar. Eles foram e meus Tios, Francisco e Maria José, ficaram comigo. Ainda lembro muito bem da sensação de tontura, eu chorei muito na ocasião, minha tia Maria José ao observar, me prometeu que ficaria no batente da porta da Cozinha junto comigo para ouvir a cantoria, para não bastava eu parar de chorar. Eu lembro que ficamos uma boa tempo sentados lá no batente da porta da Cozinha ouvindo o baulho e os músicos dos Coqueiros.

Estou fazendo esse relato porque quando eu me apresentei para ir visitar alguns mestres de loco por aí fora, me lembrei disso tudo, inclusive, foi esse e outros contatos que me fizeram pensar em associar um mestre do em jornalismo com a possibilidade de fazer uma reportagem sobre a história do loco.

Na realidade, me foi um bom pensamento que passaram pela minha mente. Desde o 1º mês de janeiro eu vinha adiando minha ida ao campo devido à pandemia do coronavírus, no entanto, como vim percebendo que a tendência de números de casos não só aumentou, tomei coragem e comecei a planejar as primeiras visitas aos mestres do local de roça aqui de Gado Bravo.

Então, hoje às 14h30 me animei - tomei banho, coloquei uma roupa, o relógio, uma máscara de tecido do tipo 3D, uma caneta na gola da camisa e uma balha de papel e um frasco de álcool gel no bolso e fui fazer as primeiras visitas aos personagens da reportagem. Usei uma motocicleta Honda Bros como veículo de transporte.

~~Por conta da proximidade dos sítios,~~
Por conta da proximidade entre os sítios Lagoa dos Menores (onde eu moro) e Umburanas (onde mora o dois personagens), eu escolhi começar as visitas por ele. Optei por não levar celular, câmera, gravador ou caderno, minha intenção com isso foi causar o mínimo de estranhamento na primeira visita.

O intuito foi me apresentar e expor a ideia da reportagem para eles. Nas primeiras visitas, assim como foi em de hoje, não pretendo elaborar pautas, colher entrevistas. A pretensão é explorar o terreno, já que eu conhecia os personagens, mas não tinha contato direto com

eles. A primeira casa que eu visitei foi do
 Coquista Zé de Marina. Após percorrer alguns
 quilômetros, aproximadamente três de estrada
 de terra, cheguei a casa dele. Como eu já
 conhecia a comunidade de Umburanas, não tive
 muitas dificuldades, na verdade só pedi infor-
 mações em uma casa antes de chegar ao destino.
 Quando eu me aproximei da sua residência,
 avistei uma moça apanhando roupas do varal.
 Depois que parei a moto fui recebido(a) por
 uma cachorinha da raça poodle. Foi infor-
 mado pela moça que ela era mansa. De fato,
 logo que desci da moto ela estava toda abaje
 pulando em cima de mim. Me apresentei à moça,
 lhe desejei boa tarde e por fim, com firmeza, perguntei
 se ali morava Zé de Marina. Ela disse que sim
 e logo depois perguntou o que eu queria. Expliquei
 que estava lá porque pretendia fazer uma repa-
 ragem no eixo do lado de trás do Gato Branco
 2. Portanto, queria conversar com ele. A moça,
 que depois eu descobri se tratar da filha dele e
 tinha por nome Zaneide, disse-me que Zé de
 Marina não estava, tinha ido até a casa de
 seu irmão dele, que mora no sítio Tapuia,
 apanhar café.

De alguma forma eu senti um pouco de
 desconfiança por parte de Zaneide, então
 tentei trazer mais referências sobre mim.
 Disse-lhes, pois a mãe dela estava na colheita
 de café, que era filho de Petronio e sobrinho
 de Antônio de Primitivo, e morava em
 Lagoa dos Marcos.

A esposa de Zé de Maria diz-me que conhe-
 ceu meu tio. A partir daí eu percebi uma absten-
 na maior por parte deles. Já me convidaram
 para sentar em uma cadeira de balanço que
 estava na calçada, logo me sentei e começa-
 mos a conversar. Foi nesse bate-papo inicial
 que eu descobri que existe um folheto de
 cordel sobre o caso do município. Perguntei
 a Janiele onde eu poderia conseguir o folheto,
 ela me explicou que tinha uma cópia dele no
 celular, mas que tinha perdido por conta de
 uma formatação que tinha feito no aparelho.
 Logo em seguida disse que conhecia uma
 mulher, de nome Rosineide, que era sobrinha
 do autor do cordel. Então, ela entrou em
 contato com Rosineide para perguntar se
 ela ainda tinha a cópia do folheto. A
 mulher disse que talvez não tivesse mais, mas
 que ia entrar em contato com tio pedindo
 uma cópia digital. Depois de pegar o contato
 de Janiele para combinar uma outra visita,
 e também o telefone de Rosineide para arti-
 cular a aquisição do cordel permaneci sen-
 tendo conversando com a filha de Zé de
~~de Maria~~ Maria. Foi nesse momento que soube que
 um filho de pai de Maria também contava
 com. Ela disse-me que o irmão, Naldo, morava
 ali próximo. Continuamos conversando e tocamos
 em nomes de ex-colegas de escola dele que eram
 parentes meus, já que o município é pequeno,
 outra que a maioria das pessoas tendo
 contatos íntimos.

Depois de me despedir de Janiele, fui à casa de Antônio de Seu Onório para pedir para conversar com ele sobre o caso de racha. Ele não é oficialmente um coquista, mas sempre acompanha o Ze e de Marina nas festas, e é ele quem responde, quem costura os refêns da música. Antônio também não estava em casa, eu conversei com sua esposa e combinei com ela de voltar outra hora para conversar com o seu marido. Saindo dali fui na casa de Nataldo, filho de Ze e de Marina, para explicar minha intenção de fazer uma reportagem sobre a expressão do caso, mas ele também não estava em casa. Foi atendido pela sua esposa, que explicou-me que ele estava na casa de Frison, em Lagoa dos Martins. Também combinei com ela que voltaria outra hora.

Em primeiros momentos, eu até acreditei que talvez essa abordagem não funcionasse. No entanto, percebo que ela pode ser a mais adequada, mesmo eu tendo que fazer várias visitas, mas tenho em vista que eu proponho uma abordagem etnográfica, esta é mais uma oportunidade de me aproximar dos personagens de forma aberta e com menos resistência tanto por parte deles quanto minha.

Para encerrar o relato desse primeiro dia, eu consegui uma cópia do Cardêl sobre o caso de racha de Gado Bravo. Ao iniciar-me passou por whatsapp as fotos do folheto.

Minha surpresa foi descobrir que o corolelista que fez o folheto era Antônio Costa, masão no sítio Romilha, aqui mesmo na região que hoje é Caço Branco. Inclusive eu já tinha outros contatos dele, que eu havia comprado em Campana Grande, também estava articulando uma entrevista com ele, mas essa vai ter que acontecer de forma remota, já que ele reside em Natal, Rio Grande do Norte.

impressões e resultados da segunda visita
a campo

data: terça-feira, 23 de março de 2021

Quantidade de horas realizadas: 15h a 16h53

Hoje foi minha segunda ida a campo, desta vez fui visitar outro personagem do Caco de Roda de Gado Bravo. Foi conhecer Vital Costa, também conhecido por Vital de Pipidão. Pelas conversas informais que eu tive com alguns amigos e familiares, ele é o coqueiro mais antigo da região. Vital mora na sede do município, no bairro conhecido por Vila. Apesar de ser considerado sede do município, o local já um pouco afastado dos prédios da região central.

Mais uma vez eu fui fazer a viagem de moto. Antes de me deslocar aqui do seto Lagoa dos Marcos, para Gado Bravo, eu passei na casa de Lêta, minha tia. Há algumas semanas eu tinha comentado com ela sobre um livro que conta a história de Gado Bravo, como ela ficou interessada em comprar, então como o autor e organizador do livro Entre o Passado e o Presente - um pouco da história de Gado Bravo, morava na cidade, eu fui pegar o dinheiro para adquirir o livro para ela.

Depois de passar na casa de Lêta, eu fui à casa de Vital Costa. Primeiramente, parei em frente a uma mercadinho para pedir informações precisas de localização da casa de Vital. O dono do mercadinho

do mercedinho me mostrou uma coisa branca mais à frente e disse-me que a amarelinha do coquiota era após ela. O problema ^{era} a dita coisa branca era na esquina da rua, e o que eu fiz foi ir na casa errada, mesmo sendo depois da casa que me mostraram. Fiquei uns cinco minutos batendo palma e gritando "Ó de casa", como ninguém me atendeu, achei que não havia sorte ali. Minha sorte foi que uma mulher ia passando na rua, começamos um carinho de mão com água. Então, eu perguntei se ali morava vital de Pi Paólio. Foi aí que ele me informou que não era aquela casa que pertencia a vital, mas a segunda da sua da frente. Eu lhe agradei e fui, finalmente, até onde morava o personagem. Mais uma vez, comecei a bater palmas e gritar "Ó de casa", mas ali ninguém também não estava me atendendo. Foi aí que a mesma mulher que tinha me dado informações instantâneas antes, deu para ir para a porta da cozinha, pois a dona da casa era manca (tinha perna razoável da audição). Eu lhe agradei mais uma vez e fui até a porta da cozinha. Chegando lá, bati palmas e chamei a dona da casa várias vezes, percebendo que a demora para alguém atender, comecei a observar a cozinha. O espaço tinha um verde desbotado, um fogão à gás ao lado direito da porta, nele, um panela de alumínio com água fervente e molho dentro, provavelmente o molho era para fazer cus-cuz. Era e um

costume do nordeste, já que esse procedimento
 ajuda a amolecer e facilitar a moagem do
 grão. Ao lado do fogão tinha um janela
 aberta, ao lado dela uma pia para lavar
 os pratos. Mais adiante, na parede que fica em
 frente a porta tem uma mesa de madeira
 com forro. Enquanto observava essas coisas, con-
 tinuava a chamar, mas ninguém me ouvia.
 Depois alguns minutos, se aproximou uma
 mulher com um lata de água na cabeça e
 me perguntou o que eu desejava. Respondi que
 estava querendo falar com o senhor Vital. Ela
 disse-me "Papai está no curral". Então eu
 expliquei para ela que iria fazer um trabalho
 sobre o caso de João e procurava da ajuda do
 pai dela. A mulher me mostrou o caminho
 para chegar no curral, então eu perguntei
 seu nome, disse-me ela "Lurdirina", o pai lhe
 agradece e fui até o local onde estava o
 personagem. Chegando lá olhei a moto na
 porteira de madeira que estava em um círculo de
 cimento e fui até uma casinha de alvenaria que
 estava próxima do curral. Quando ia chegando
 perto um senhor apareceu na porta, eu lhe
 disse boa tarde, me apresentou e disse que estava
 ali porque iria fazer uma reportagem sobre
 a história do caso do Galo Branco. Perguntei
 se ele era Vital Costa, o senhor me respondeu
 prontamente: "sou eu mesmo, então para cá
 para a gente conversar, se quiser saber sobre
 o caso, está perguntando a pessoa certa".

Então eu entrei na casa, que era utilizada como galpão para guardar os utensílios caseiros. Na vida do Compo. Mais uma vez, seu vital disse "entra aí que eu vou cortar uma palmeira aqui". Ele foi logo pegando um saco velho que estava jogado no chão, amarrado para o seu pequeno tamborito. Sentou-se, abriu o saco e começou a cortar a palmeira, pegando folha por folha de um amontoado que estava junto da parede do quarto.

Enquanto estava ali me contou algumas das suas histórias com o coco de coco, de como no passado trabalhou algumas para sustentar a família. Me contou que aprendeu a tocar coco com o pai e os tios, e que cantava muito nas fogueiras de São João, época de política, ou então quando alguém chamava para contar em uma festa. Ele indagou sobre suas letras de coco, como fazia para compor seu vital logo me respondeu: "É tudo improvisado, faço os versos na hora, o amontoado das letras é sempre de acordo com a ocasião. Se for na fogueira de São João, é sobre São João que eu conto". Depois de uns quarenta minutos de conversa, Vital me perguntou "Quando é que tu vem?" Ele disse que poderia voltar segunda-feira, e completei qual o horário o senhor Pafel? "Vem de tardinha, que o pessoal está lá e vê também, agora não venha segunda-feira não, porque é um dia sábado. Nesse caso, combinamos para eu

Voltei lá na terça-feira, dia 30 de março.
Eu lhe disse que iria trazer uma câmera para
gravar as histórias, e iria tirar
alguns fotos dele também. Em um momento de conversa,
eu me despedi dele e ~~deixei-o~~ contendo
palmas. Agora eu vou montar uma pasta para
colocar no papel os passos que eu não posso
deixar de abordar nessa primeira entrevista.

impressões e resultados da terceira visita a campo.

Nome: José Primitivo Leal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

data da atividade em campo: 30 de março de 2021

Quantidade de horas realizadas: 15h57 a 19h27

Hoje é 30 de março de 2021, 19h27min, eu acabei de sair da casa de Vital Costa, também conhecido como Vital de Pipidão. Essa foi a minha terceira visita que foi feita a campo e a segunda a Vital. Nela, o intuito foi conversar com o personagem, observar um pouco do seu trabalho, fazer alguns vídeos e fotografias e gravar alguns depoimentos e músicas.

Cheguei no local de trabalho de Vital às 15h57, uma casa feita próximo ao canal dos seus varões e da poçeira. Esse espaço é uma espécie de galpão que serve como abrigo para as ferramentas de trabalho do cidadão e como depósito para guardar parte do alimento do cachorro e dos porcos. Quando avistei o personagem, lhe desejei boa tarde, pedi licença para entrar no galpão e lhe expliquei que tinha voltado para observar um pouco do seu trabalho e fazer algumas fotos e vídeos.

- Boa tarde, Seu Vital, como entrar?

- Boa tarde! Podé, venha para cá.

- Com licença, como o seu hor está, tudo bem?

- tudo Bem, e como é que está?

- tudo, bem, graças a Deus.

Após esse diálogo, eu senti um acalmar que estava roscado do lado de uma parede, tirei a mochila das costas e coloquei-a no chão. Seu vital logo me recomendou pegar um baquinho de madeira que estava no canto. Abri a mochila e comecei a montar o equipamento para tirar algumas fotos e gravar pequenos vídeos.

Como da outra vez que lhe visitei, vital estava cortando palma para as vacas no chão do salão. Tirei algumas fotos e fiz uns vídeos dele, tudo isso acontecia enquanto conversávamos. Ele me dizia que eu tinha chegado muito cedo, e que ia ter que esperar porque ele ainda iria tirar o leite das vacas e terminar de cortar aquela palma. Me ofereci para ajudá-lo, mas ele não aceitou. Nesse momento também havia um filho dele o ajudando a cortar a palma, mas seu vital estava lá orientando que fosse apertar um saco de grama que ainda faltava, mas ele parecia muito interessado no que eu estava fazendo. De vez em quando ele falava, olha papai está tirando foto, Pose para a câmera. Depois que terminou de cortar uma garrafa de palma, Nimim, o filho do personagem foi apertar o saco de grama.

Naquele momento eu já havia terminado de fazer alguns vídeos e tirar umas fotos, com isso que fiquei recioso de continuar porque comecei a perceber que seu vital estava um pouco desconfortável. Então, a partir daí parei a apenas conversar e observar o que ele fazia.

Falamos da Pandemia e do aumento de casos que estava havendo naquele momento. Seu Vital, então comentou comigo que ~~em~~ Caçoal Bravo estava com cento e poucos casos, ele dizia que era tudo mentira, que o povo estava inventando para fazer medo. Então eu lhe expliquei que aqueles casos aos quais ele se referia se tratava do total de casos que tinham havido em Caçoal Bravo desde o início da Pandemia. lhe expliquei que este município o município tinha oito casos ativos, ou seja, oito pessoas que estão doentes, e um total de 183 recuperados e mais quatro mortes. Acabamos de mudar de comentários, e ele me perguntou se eu não sabia se alguma pessoa de Langoa dos Marcos estava vendendo palmeira, disse-me que a que ele tinha comprado já estava se acabando e ele precisaria adquirir mais. Então eu lembrei que poucos dias antes tinha conversado com minha madrinha Socorro e ela havia me contado que tinha palmeira para vender.

Parei uma informação para ele, disse que Socorro estava vendendo uma Palmeira oleosa, por conta e que estava custando 1500 reais. Seu Vital ficou interessado, então me perguntou onde Socorro morava, lhe expliquei que ela morava no povoado do Macho do olho d'água, bem próximo a Zé de Medeiros. Foi uma referência porque tinha descobido ~~em~~ pelo Próprio Vital, na visita anterior, que ele era primo de um vizinho meu, e também porque ele conhecia a região de Caçoal

dos Marcos, pois já tinha trabalhado para criadores de Gado da Região. inclusive, tinha me olido naquela mesma ocasião que tinha trabalhado para Orestes, Leal, Dada de Tibiu, Cícero Marçal e outros. todos esses nomes foram familiares para mim, já que se tratavam de parentes. Seu vital me perguntou se a Palma era boa, mas lhe falei que não sabia a porque não conhecia. Ele disse que iria lá. Ainda para registrar, ele ainda me contou que tinha trabalhado junto com o esposo da minha madrinha no sul corfanho Cana de açúcar. contou que eles conheciam o esposo de Socorro por João coranquejo, um apelido que ele não gostava.

Terminando de cortar a palma, seu vital me pediu ajuda para encher um saco de torta de alho-plão com parte daquela palma. Então, eu segui a boca do saco enquanto ele jogava com uma pá o alimento do Gado dentro. Depois disso ele foi preparar uma ração que servia de complemento para os vacas. Fiquei assistindo na porta e observando como ele fazia a atividade. O Coquista pegou um recipiente de borracha e, depois, jogou dentro um pouco de bagaço de cana, que foi resultado de um moinho, farelo de milho, farelo de milho e cevada seca, depois misturou tudo e dividiu em outros recipientes. Enquanto ele fazia isso conversava e mostrava uma ração de cevada molhada que havia comprado, disse-me que tinha se arrependido de ter adquirido porque aquela ração criava boubos e feria muito.

Dizia também que a sorte era que aquele
 galpão não era a casa dele, porque imaginou
 o mau cheiro que tinham que aquecer. Enquan-
 ta conversávamos sai de onde estava e parou
 a observar o que tinha em volta, do meu
 lado esquerdo estavam os sacos plásticos
 com cereais molhados, a minha frente esta-
 vam os sacos dos farelos de milho e trigo, a
 esquerda dele e a casa de açúcar também em
 sacos. Do lado direito tinha um botião
 plástico com água. No lado para o lado
 esquerdo havia uma janela, ao lado dela tinha
 uma mesa coberta de pano de algodão,
 na parede acima dessa mesa havia duas ima-
 gens de São José, postas com pregos que estavam
 tortos para dar uma melhor sustentação. O
 interessante é que essas imagens não de papel,
 na verdade se tratava de dois panfletos da
 festa religiosa dedicada a São José em 2021,
 o padroeiro do município. Eu olhei também
 pela janela e vi que havia uma porta divi-
 dida em três partes, e do lado dela havia uma
 chiqueira de madeira. Em dois locais ao lado de seu
 Vital há os porcos para engorda.

Ao terminar de preparar a ração do gado,
 seu Vital pegou um balde, uma corda e um
 dos recipientes que ele tinha colocado a mistura
 de cana de açúcar e farelos e foi para o curral tirar
 o leite. Um outro filho dele também foi
 ajudá-lo, enquanto Vital usou foi para
 um local, o filho dele foi para outro.

Apartir daí eu observei de longe, já que os animais Poderiam ficar assustados com a minha presença ali, inclusive seu Vital já tinha me pedido para não me aproximar porque se não os vacos não deixariam tirar o leite. Todos os vacos deram o leite ~~ao~~ como o leite a ração preparada por ele anteriormente. Após terminar a ordenha dos vacos, seu Vital foi alimentar os porcos, com um alimento que ele preparou em um balde - farelo de trigo, de milho e água. Enquanto ele dividia a comida para cada animal, ele me contava que aqueles porcos eram para pagar garantias, e mesmo que utilizasse para se referir a dividas. Após terminar ele pediu para um dos filhos lavar as vasilhas que foram utilizadas para ordenhar os vacos. Foi aí que ele explicou que nem podia ficar doente, já que nenhum dos seus filhos faziam nada para sua orientação.

- Se caso eu adoece, tenho que ficar aqui olhando para o gado e eles como fazer as coisas. Depois de terminarmos de organizar tudo por ali, um dos filhos dele levou o leite em um coninho de mão para casa, o outro ficou com os fechos e o galpão, de pois de tudo fechado, saímos em direção à casa dele, que não era longe dali. Como eu estava de moto, olhei para a seu Vital e disse que voltaria para buscar seu outro filho, mas ele não me deixou voltar depois que chegamos em casa.

Ao chegarmos à sua casa, ele me trouxe um boquinho de madeira para sentar. Então eu fiquei aguardando ele fora, depois que ele voltou sentou-se a minha frente e me perguntou se eu queria tomar um café, lhe respondi que não se preocupar com isso e que eu não queria o café. Pedi a ele para montar os equipamentos, enquanto isso ele pediu para um dos filhos me auxiliar dentro de casa e ficou do lado de fora da casa fumando um cigarro.

Então em casa, complimentei sua esposa, dona Izabel, lhe expliquei que estava ali para gravar uma entrevista com seu vital sobre o caso de Roda. Ela mandou eu ficar à vontade. Então eu abri o tupi, instalei a câmera nele, depois lixei uma extensão na tomada e nela coloquei uma lâmpada com um bocal que tinha uma rigidez dentro, mas a lâmpada foi uma tentativa para melhorar a luz, já que tinha escuridão, posicionei também um celular do lado esquerdo do lugar que o personagem iria se sentar, já que a câmera como foi estava posicionada de modo que ficasse a sua frente. Depois que tudo já estava posicionado, chamei seu vital, ele chegou e fez logo uma observação: É muita coisa negro, espera um pouco que vou chamar seu Zé Olímpio para ver. Ele foi lá fora e chamou algum dos seus vizinhos. Logo depois, alguns deles chegaram. Contarei que

estava apavorado por conta da pandemia, de não ficar uma aglomeração de pessoas ali. Por sorte, todos que não eram o lu-
isa estavam de máscara, inclusive eu. Conversamos sobre a origem do seu caso, em que ele trabalhava, seus músicos e seus amigos enquanto conquistava.

Naquele momento que terminou a gravação, percebi que devia ter gravado apenas alguns trechos da conversa e não toda ela, como eu fiz. Percebi em alguns momentos que seu viral ficava inibido por conta de todo aquele equipamento. Tive também grandes dificuldades por conta da luz, a imagem que foram feitas estavam muito escuras, mas aquele horário era o único disponível do personagem, já que ele trabalha na diáspora de São Paulo. De forma que eu quis me adaptar ao seu horário e não ele ao meu. No geral, foi uma boa experiência, agora é só continuar e ir corrigindo os erros em demais conversas.

impressões e resultados da quarta visita a campo

Nome: José Primitivo Beal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data da atividade: 03 de abril de 2021

Quantidade de horas realizadas: 15h30 a 17h23.

Hoje é 03 de abril de 2021, São 18h17. Fiz mais uma visita a campo, na verdade foi mais uma visita a seu Zé de Marinha, já que a última visita que havia feito à casa dele não o encontrei. O intuito dessa ida foi para marcar uma data para a realização da entrevista e também para me apresentar a ele.

Este relato que Polo agora neste diário está sendo um pouco diferente, nem tanto o relato, mas a forma como eu guardei as informações para ele. Recentemente estava buscando artigos sobre diários de campo para fazer umas leituras, foi então que encontrei um vídeo da Debora Diniz no qual ele fala sobre a maneira dele fazer um registro daquilo observável em campo. Nesse vídeo ele faz uma sugestão, que é gravar um áudio o mais rápido possível com um relato das observações. Essa é uma estratégia para guardar as impressões sem ter que colocar tudo no papel imediatamente. Explicado isso, retornarei a transcrição do áudio.

Eu cheguei na casa de Zé de Marinha às 15h30 e lá permaneci até as 17h23. Ao chegar lá, fui atendido por Janilde, ela me informou que seu Pai ainda não tinha chegado. Ele tinha saído para entregar o leite a um rapaz que passa de moto ali próximos.

O rapaz é o luteiro contratado de um criador vizinho ao qual Zezé da Marina vende o leite de suas vacas. Eu já sabia disso, mas a vista que eu tinha mandado mensagem para o WhatsApp de Januê e ela tinha me falado.

Enquanto esperávamos a volta de seu Zezé da Marina, ficamos conversando na varanda da casa. Depois de um tempo, Dona Maria Salomé chegou e ficou ali também. Logo ficou preocupada porque eu estava sentado ao sol. Então, ela nos pediu para irmos sentar no alçô da casa, pois lá havia sombra. Lá, continuamos a conversa, Dona Maria me perguntou mais uma vez onde eu morava, provavelmente ela não lembrava-se mais. Eu falei que morava em Lagoa dos Morcos, até mostrei a localização da minha casa, já que as comunidades são vizinhas dava para ver minha casa de lá.

Maria me contou que não gostava de morar ali no sítio Urubunas, achava que era um local muito inquieto, movimentado e ela gostava de silêncio, paz. Ela também me explicou que a parte na qual ela mora não é tão movimentada pois só quem mora por ali são os filhos dela. No entanto, o desejo dela era morar em lugar mais calmo ainda, para ela esse local seria o sítio Tapuia, sua comunidade de origem. Foi nesse momento que Dona Maria me contou sobre uma história que se passa com ela. A história se passa com uma das suas gravidezes, ela contou que em determinadas dias foi pescar junto com uma amiga no Rio Paraíba. Era uma

época da cheia do rio, e por isso havia muito peixe nos águas. A pesca era feita por meio de jerecê, um objeto circular feito com rede para pescar, uma armadilha para prender os peixes. Em dois movimentos que fazia com a mão dentro das águas do rio para direcionar os possíveis peixes para dentro do jerecê, perdeu a aliança de casamento. Ela ficou desesperada, mas ainda assim teve uma ideia, começou a mergulhar nas águas e espurar a areia do fundo dentro do jerecê. Como o objeto flutuava para o lado, ela tinha a ajuda da mãe para levantar e chocarhar o jerecê para que a areia visse e deixasse apenas os sedimentos maiores. Dona Maria fazia isso numa tentativa de 'pescar' a aliança numa terceira tentativa a aliança apareceu na armadilha. Foi então que ela colocou a aliança dentro da soca que depositava os peixes pescados, afim de não perdê-la mais. Após isso continuou a pescaria, ela só não esperava que haveria de acontecer outro acidente, desta vez mais grave. Em um determinado momento no qual ela mergulhava o braço para direcionar os peixes para o jerecê, sentiu um fisgada no braço, quando ela puxou o braço da água, percebeu que havia uma cobra grudada. Foi então que ela pediu ajuda ao pai, que estava próximo, ele a orientou a chacoalhar o braço, depois de algumas tentativas a cobra soltou o braço. Apesar de muito preocupado, alguns de seus parentes disseram que não seria necessário procurar o médico, pois a cobra não era

peco onheita. Contudo, um tempo depois dona Maria começou a sentir calafrios, então ela procurou um médico. Foi, então, até a cidade de Umbuzeiro para se consultar. Na época ela estava grávida, com uma gestação de cinco meses. O médico lhe falou que aquilo que ela estava sentindo possivelmente seria devido ao calor da mordida da cobra, disse também que poderia haver alguma alteração no feto, e se isso acontecesse seria culpa dela, já que a dona Maria não tinha procurado ajuda médica antes. No entanto ele pediu que Maria esperasse para ver o que iria acontecer. Infelizmente, aconteceu o que o médico previu, sua criança nasceu morta e com apenas cinco meses e dez dias de vida.

Dona Maria me contou também que só veio morar no sítio Umbuzeiras porque a avó de seu Zé de Maria, que era do lado, pediu para o seu esposo morar perto. A conversa girou por vários assuntos, família, o momento que vivemos por conta da pandemia. Dona Maria lamentava porque não se podia fazer uma reunião com todos os convidados para fazer uma festa e poder gravar.

Foi nesse momento que seu Zé de Maria chegou, então me apresentei a ele, falei do meu trabalho e do desejo de fazer uma reportagem sobre a história do caso de rã de lado bravo. Ele disse que eu estava ali para conhecer um pouco mais sobre tudo isso e por isso que queria lhe ouvir e gravar um vídeo e um áudio.

Ele demonstrava felicidade e disse-me que ajudaria
 nas que fosse possível. Após isso, ele puxou ~~um~~ um
 baço de máquina que Janival estava seu fa-
 da e acomodou. Ali ele começou a contar
 algumas coisas sobre a trajetória dele como
 coquista. Disse-me que antes saía muito para
 contar ~~nas~~ ladeiras e nas casas das pessoas.
 Sempre saía junto com Vital de Pipidão, Pimbo e
 Agostinho, pai de Pimbo. Ele me contou que apre-
 ndeu a contar coco assim, observando os coquistas
 mais antigos. Ele foi autodidata. Disse que as
 músicas dele são improvisadas. Seu Zé também
 disse que quando ele era mais jovem, seu pai
 chamava Zé Gonçalo, Pipidão e Agostinho
 para contarem na casa dele. Ali todos os
 vizinhos participavam. Ele começou a contar
 como adquiriu sua primeira caixa, disse que
 achou-a no lixo na casa do seu pai bioló-
 gico, em Queimadas, município vizinho. Foi então
 que ele foi lá dentro e trouxe a caixa e ganhou
 para contar algumas coisas para eu ver. Ele tocava
 a caixa e contava e sua esposa dona Maria
 Salomé falava o ganho. Ele contou quatro
 músicas, mas depois se mostrou muito ofegante
 depois do esforço repetido. Uma coisa interessante
 é que ambos se mostraram muito preocupados
 por estarem tocando e contando coco, porque
 segundo eles os vizinhos podiam achar que
 eles estavam fazendo festa e denunciar a
 polícia, isso por conta das restrições impor-
 tas pelas autoridades devido a pandemia do

coronavírus. A falta de ar depois de contar é dividida à Problemas em seus pulmões, segundo contou ele. E realmente é perceptível como ele fica cansado depois do esforço. Dona Maria salome me disse que tinha sido a primeira vez que tinha tocado sanza, então eu lhe elogi e lhe disse que ia fazer alguns vídeos dela também. Ela não e me disse que não lhe lembrava mais não. No geral foi uma tarde bem agradável, eu percebi que eles estavam bem a vontade comigo ali em sua casa. É tanto que tocamos em assuntos sobre família, parentes que são conhecidos por ambos. Mere, Ponto, acredito que é um ponto positivo ser o local das entrevistas, porque isso nos aproximam de alguma maneira. Obviamente eles não me conheciam, mas quando eu falo que sou de Lagoa dos Mercos, sobrinho de fulano, primo de cicrano, tudo fica mais aberto, essas relações ajudam a quebrar a barreira que surge entre nós devido a não intimidade.

Após me despedir de seu Ze de Marina dona Maria e Janide, fui até um bar que há próximo à casa deles, onde Noaldo, filho de Ze de Marina, estava, para chamar ele para gravar uns vídeos e ouvir algumas histórias dele no dia 04, que seria o próximo dia, isso no horário da tarde. E me apresentei em março em entrevista em específico porque Janide havia me dito que Noaldo era viçoso para ficar a trabalhar. Então seria minha oportunidade para gravar com a família junta. Combinamos isso e eu fui para casa.

impressões e resultados da Quinta visita a campo

Nome: José Primitivo local Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data da atividade: 04 de abril de 2021

Quantidade de horas realizadas: 16h30 a 19h40

Em é mais um relato para descrever minhas experiências durante o processo da reportagem. Hoje foi o dia para gravar algumas coisas sobre o coqueira José Mariano, seu Zé de Marina, e também conversar com ele sobre sua história e envolvimento com o caso de rodar. Hoje eu não tive a possibilidade de levar a pauta impressa, porque eu não tenho impressora, mesmo caso para uma impressão eu teria que me deslocar para a sede do município para fazer isso. Como eu havia combinado com ele no dia 03 de abril que iria fazer essa entrevista com ele no dia 04, não dava tempo fazer todo esse processo, já que Gabriel Bravo ficou um pouco distante de onde eu moro. No entanto, eu levei anotado em um caderno os pontos principais da pauta, como os encaminhamentos e pontos-chaves para as perguntas. De forma que depois eu anexo essas anotações na pauta.

Quando eu cheguei a casa de seu Zé de Marina, que um pouco distante da estrada central, lá avistei algumas pedras sentadas no alto da casa, esse local ao qual chamamos aqui é o lado da casa que fica para o lado leste, o ponto cardinal no qual o sol nasce. Em toda casa

ao entender ficar sombreado porque o sol já está baixo no Ponto Central Oeste. Por isso, é costume local a reunião neste espaço para conversas. Ao me aproximar reconheci que se tratava do próprio Ze e de Marina, sua esposa Maria Salomé, Noalbo, grande e um vizinho. Quando desci da moto, cumprimentei todo mundo. Depois que me aproximei, também me disse que Noalbo já estava me esperando. Eles me trouxeram uma cadeira para eu sentar, me ofereceram docinhos de amendoim que todos estavam comendo, inicialmente eu recusei, mas eles insistiram, principalmente dona Maria Salomé, então eu decidi aceitar. Como eu estava fazendo uma etnografia, me permiti aceitar o doce e também porque aqui as pessoas são muito agradáveis e seria uma disputa muito grande para uma pessoa que tenta se aproximar deles, fazer.

Depois que terminamos de comer o doce, expliquei mais uma vez o que eu iria fazer, disse que estava ali para pegar depoimentos deles para fazer uma reportagem sobre o caso de toda Noalbo me perguntou se eu era filho de Severino, mas eu expliquei que não, eu era filho de Petrosino, irmão de Severino.

Para começar a gravação, eu comecei a desmontar a mochila e tirar os equipamentos de dentro. Montei tudo ali no terreno da casa, inclusive foi um momento de muita descontração, porque seu Ze e a Marina fez uma observação que provocou muitos risos. Quando ele viu um dos microfones com a proteção contra o vento, disse até um saquinho ele

trouxe. Além dos Penos iniciais que estavam lá, chegaram três netos do Coquista, que ficaram observando tudo que era feito. Como os filhos de Seu Zé de Marina moram próximos ao pai, os filhos deles ao ouvirem vieram ver aquela movimentação. Um dos netos, o pequeno Rian, já obviamente tem talento para a arte de coquista, porque quando estávamos gravando, ele estava balançando o ganzá e batendo o pé no chão, tentando imitar os passos do Coço. Aí nós tentei gravar esse momento dele, mas quando eu apontei a câmera para ele para gravar ele saiu correndo.

O processo de gravação desta vez foi diferente do momento com Vital Costa. Na ocasião da gravação com seu vital, eu gravei toda conversa em vídeo, inclusive tive problemas com a bateria da câmera, já que ela descarregou e eu tive que terminar com o celular. Com o processo de gravação com o Coquista Zé de Marina foi diferente, eu gravei algumas músicas e alguns relatos em vídeo e o restante só em áudio. Isso aconteceu porque eu não fiquei sem bateria e as gravações ficaram melhores. O erro maior foi fazer os vídeos antes e por último a gravação do relato de Seu Zé. No entanto, isso era necessário já que Noalbo precisava sair, inclusive eu não tive uma conversa aprofundada com ele.

No total, eu gravei em vídeo três músicas, uma com Noalbo e Zé de Marina e mais

duas com a participação de dona Salomé, que participou tocando sanza e respondendo. Foi uma gravação especial, haja vista que aconteceu um encontro entre pai, mãe e filho. Após essas gravações, também gravei umas falas de Zezé de Marina e de Naldo. Falas que remontam o contato deles com o lolo e com os instrumentos musicais. Depois que terminamos a gravação dos vídeos, Naldo foi embora. Então eu lhe agradeço a paciência e a disponibilidade dele, peço desculpas por ter deixado ele esperando.

A partir daí eu coloquei o microfone ligado no meu celular, deixei-o um pouco distante de Zezé de Marina, mas para não deixá-lo inibido e comecei fazer a gravação. Permanecemos um tempo conversando, a esposa dele também se aproximou e contou um pouco da sua história de vida, ela é uma pessoa muito aberta, feliz, de muita fé, gosta de conversar.

Após o término da gravação, eles insistiram para eu entrar e comer alguma coisa. Até aquele momento eu ainda não tinha entrado na casa deles, todo processo de conversas e gravação aconteceu fora da casa. Então, eu não poderia me negar e não aceitar o convite, dona Salomé me ofereceu refrigerante com pão, eu lhe agradeço e tomei aquele lanche.

Depois desse momento, eu fiquei assistindo seu Zezé de Marina tocando sanfona. Ele é multi-instrumentista já que ele toca a caixa, sanza, triângulo

e a sanfona. Então eu fiz uns vídeos dele
 tio Gonçalo, fiz com o celular mesmo, porque eu já
 tinha quebrado o instante dos equipamentos.
 De novo entramos no assunto do coco e eu
 perguntava ele como eu poderia chegar na
 casa de Pimbo, Seu Ze me explicou que ele
 morava no sítio São Bento e me disse como
 eu teria para chegar lá. Endeuenia lá na esta-
 ção com sentido ao tapuia, só que depois
 do sítio cabloco eu entraria na estrada que
 vai para o Zé Velho, passaria em quatro escolas,
 mais a frente encontraria um entroncamento
 com duas estradas, uma delas iria para o
 Zé Velho, a que tem uma porteira de madeira
 e a outra, à esquerda iria para o São Bento, a
 casa de Pimbo seria a segunda, próximo a
 uma igreja evangélica. Seu Ze de manhã
 até se ofereceu para ir comigo, eu aceitei e dovei,
 mas não deu para conversar.

Aproveitei também para perguntar sobre
 Luíz de Picaó, que Vital Costa tinha me falado,
 só que eu ainda tinha dúvidas se ele era coquista
 ou contava outros estilos. Seu Ze então me explicou
 que ele tocava e contava coco e também o
 coco de embolacha.

Nós continuamos a conversar e tocamos no
 assunto da ciranda. Ele me explicou que é diferente
 um do outro, eu então gravei com o celular
 ele contando uma ciranda. Após isso ele
 me contou sobre uns problemas de saúde, sobre uns
 crises de pulmão que ele tem e ficou quase sem ar.

Ele contou que era fumante, mas que havia
deixado de fumar por conta das crises. Disse
que teve dificuldades para tirar o vício, mas
no final tinha deixado. Após esse momento,
eu me despedi dele e, na sala, me
falou que Deus estava guiando meus passos, que
eu tivesse fé que eu venceria na vida. Seu zé de
maneira pediu desculpas por qualquer coisa, então
eu lhe interrompi e disse que ele é quem tinha
me obrigado por qualquer coisa e disse tam-
bém que tinha sido uma tarde muito agradável.
Por fim, eles disseram que a casa estava
aberta se eu quisesse voltar.

Impressões e resultados da sexta visita a campo

Nome: ~~xx~~ Primitivo Leal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data da atividade: 06 de abril de 2021

Quantidade de horas realizadas: 13h20 a 13h27

Hoje foi dia de mais uma visita, fui até a casa de seu Pimbo, um dos coqueiros daquele de Gado Bravo. Ele mora no sítio São Bento, próximo ao Sítio Tapuia. Eu estava meio apressado com essa visita porque só tinha ido uma única vez nessa comunidade, na verdade foi só uma passagem ~~para~~ por lá. Eu ainda era moleque e o carro que eu ia para Festa do Tapuia foi por lá. Na época estava chovendo e o motorista não quis ir pelos estrados do Tapuia porque corria o risco do caminhão ficar atolado.

Entfim, só havia ido lá uma vez, mas como seu Zé de Moura tinha me indicado o caminho e tinha me dado referências e eu ao menos sabia qual a entrada do sítio, ficou fácil para eu encontrar a casa. No entanto, assim que eu cheguei próximo ao grupo escolar que ficava a entrada para o sítio, fiquei apressado logo decidi pedir informações em uma casa que havia próxima a estrada. Bati palmas algumas vezes e logo saiu um rapaz, lhe perguntei se ali era mesmo o São Bento e como eu faria para chegar na casa de seu Pimbo. Ele me disse que sim e que para chegar na casa dele

eu deveria ir em frente. só tivesse cuidados que
 mais a frente a estrada ia se dividir em
 duas. Para eu ir até a casa de Pimbo eu devia
 pegar a estrada a esquerda, que a outra ia
 para sítio Ze Vêho. Para eu saber a diferença,
 era só ver que a estrada que vou para o
 Ze Vêho tem uma porteira de madeira. Eu
 lhe agradeço e fui em frente. De lado, fui como
 o rapaz tinha me informado, assim que eu vi
 a porteira, segui pela esquerda. Logo cheguei a uma
 casa, e logo percebi que era a de seu Pimbo,
 porque logo à frente havia uma igreja evangélica.
 Eu parei a moto, desci dela, comecei a bater
 palmas e a chamar. Enquanto ninguém apareceu
 eu fiquei observando. Havia um curral de gado
 ali próximo, a casa era rodeada de alpendre e
 nele havia alguns objetos, cadeiras, uma estante velha
 na qual havia uma galinha botando ovo,
 galinhas, objetos para pesca, lixos, cadeiras e objetos de agricultura.
 Mais acima da casa dele havia outra casa, foi
 neste momento que eu olhava para cima que
 eu vi uma criança se aproximando. Eu acenei
 para ele e disse tudo bem rapaz? Seu Pimbo
 mora aqui? Ele disse tudo bem, mora sim. Então
 eu perguntei se ele estava em casa e perguntei o
 nome dele e o que ele era do coqueiro. Ele
 disse meu nome é Vitor, sou neto dele, vô vô não
 está em casa não. Perguntei se ele sabia onde
 era que ele estava, o espaço disse que não. Então,
 eu expliquei que eu era de Lagoa dos Morcos, que estava
 ali para conversar com o avô dele sobre o caso de rapta.
 Pedi para ele falar isso para seu Pimbo e dizer tam-
 bém que eu voltaria outra hora.

impressões e resultados da sétima visita a campo

Nome: José Primitivo Beal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data da atividade: 07 de abril de 2021

Quantidade de horas realizadas: 10h20 a 11h13

Hoje é 07 de abril de 2021, uma quinta-feira. Esta foi a sétima vez que eu saí para campo, a fim de produzir a reportagem sobre o coco de roda de Gado Brabo. Mas uma vez, eu fui visitar seu Pimbo, o Severino. Dia 06 eu tinha ido lá na hora dele, mas seu Pimbo não se encontrava. Nesse sentido, eu fui um pouco mais cedo para tentar encontrá-lo em casa. Inclusive, nesta segunda visita eu tomei um trajeto diferente. No dia 06, eu havia ido pelo Sítio Lagoa da Cascaull, depois Rasilha, depois Caboclo e por fim São Bento. Nesta segunda tentativa eu fui pelo Sítio Umburanas, depois Caboclo e por fim São Bento. No geral, essa última vez foi mais rápida para chegar lá. O bom é que eu consigo conhecer vários caminhos que eu ainda não tinha pensado.

Ao chegar na casa, percebi que ele estava absentear. Eu bati palmas e saiu um rapaz. Então, eu lhe cumprimentei, me apresentei, disse que onde eu era e disse que estava procurando seu Pimbo. Ele então me disse que seu Pimbo não estava em casa, quando ele chegou em casa seu Pimbo já não estava lá. Esse rapaz é filho do coqueiro, e se chama Everaldo.

Lhe Perguntei se eu encontraria o seu Pai ali
 Por perto, se ele estaria trabalhando nas melon-
 ozeiras. Então, Evaldo me explicou que, Provavel-
 mente, seu Pai estaria trabalhando na terra
 propriedade de Vanildo de Alca, morador do Sítio
 Rosilha, porque no dia anterior, dia 06 de
 abril, ele trabalhou lá. Então eu expliquei a
 Evaldo que estava procurando seu Pimbo
 Para conversar sobre o caso de moda e que
 esta Produzindo uma reportagem sobre o assunto.
 Expliquei também que tinha vindo ali
 no dia anterior e pedi para que ele falasse
 Para o Pai que eu havia passado lá. Agrade-
 ci a ele e fui embora.

saindo dali, eu fui até a casa de Vanildo
 Para tentar falar com o personagem. Como eu
 sou residente no município, se torna mais fácil
 Para eu encontrar as casas. A de seu Vanildo, por
 exemplo fica às margens da estrada principal
 do sítio Rosilha, uma casa verde, com alpendre
 e um terreno amplo. Ao parar a moto no
 terreno bater palmas, fui atendido pelo seu
 esposa. Deixei bom dia e perguntei se seu Pimbo
 estava trabalhando ali, expliquei que estava
 procurando-o Para conversar sobre o caso de
 moda. Ela me disse que sim, então me mostrou
 onde ele estava. Do terreno da casa, dava para
 enxergar seu Pimbo trabalhando em um terreno
 próximo ao lago. Então eu perguntei se eu poderia
 ir até lá Para falar com ele e como eu faria para
 chegar. Ela me disse que eu poderia ir lá e me

ensinou o caminho até onde o personagem
 estava. Eu agradei as informações e fui
 até moto, até determinado ponto, ~~o~~ Antes de
 chegar lá, encontrei Seu Vanilão, então eu parei
 a moto e lhe disse que estava indo falar com
 Seu Pimbo. Ele disse: "pode continuar, lá mais
 frente tem uma porteira, tu desce a moto lá
 na estrada e segue à pé."

Então, eu segui, deixei a moto na estrada
 e fui até o coqueiro. Ao me aproximar, percebi
 que ele estava aplicando herbicida no mato verde
 que estava nos anos com as últimas chuvas. Esse
 costume começa a ser comum entre os pequenos
 criadores locais para deixar a Palma livre de
 ervas. O que me deixou preocupado foi a forma
 como ele manuseava os equipamentos e o venen-
 o, sem quase nenhuma proteção. Ele vestia camisa
 e calças compridas e sapatos.

Ao chegar perto de onde ele estava, me
 apresentei, disse que estava ali para conhecê-lo
 e também marcar um momento para conver-
 sarmos sobre o uso de rodal, que estava sendo
 um assunto para uma reportagem. Seu Pimbo
 então me disse "Por que tu não para lá em
 casa"? Ele achava que eu queria falar com ele
 ali mesmo, então eu lhe expliquei que seria
 em outro momento, que eu queria marcar um tempo
 para conversar com ele em sua casa, disse
 também que vinha da casa dele naquele
 momento, que eu tinha falado com o filho
 dele e ele disse que Seu Pimbo está

va trabalhando ali. Lhe perguntei o dia que eu poderia ir lá. Seu Pimbo me disse que poderia ser o domingo, ^{mas} que era o único dia que não iria trabalhar. Nesse dia, ele também iria à feira, mas chegava cedo em casa, após as 11h. Em seguida eu lhe informei que fazia um vídeo, gravava um áudio e fazia umas fotos.

O personagem me contou que já tinha ido outras vezes falar com ele sobre o local e sobre a presença indígena em Cabo Branco. Uma delas pessoas foi a filha de Margal, Valpúria Araújo, licenciada em História e moradora do sítio Bonitas. Ficamos ali, no meio a natureza, conversando por mais um tempo. Foi neste momento que seu Pimbo me relatou que era filho de coqueiros, seu pai era Agostinho, de quem, inclusive, ele herdou o sobrenome e o nome, já que ele se chama José Agostinho Souza. Em seguida, o personagem me conta que o local de toda tem influência dos índios, que eram conhecidos na região de "Cabo Branco". Ele acrescentou inclusive, que o sítio Capoto e Tapuia era de origem indígena. Explicou que, no entanto, a forma da dança chãna dos indígenas, mas que havia influência dos portugueses na poesia dos músicos, nas rimas.

Essa fala dele foi muito significativa porque me lembrei de alguns estudiosos, como Câmara Cascudo, Mário de Andrade e Maria Izabel, que

dependem essas influências, inclusive mais uma, que é a aficena. Contudo eu não perguntei aos personagens sobre isso, fiquei isso para o olá da conversa.

Ele continuou contando que para contar coco tem que ter talento e ser bom no que faz. Entendo, não necessariamente faz um poeta, porque tem muitos advogados que não sabe fazer rima. Ele me explicou que rimar é complicado, tem que ter ritmo para fazer, mas são todos a palavra que dão rima. Contou também um exemplo, o caso de "Cosa" e "Cinza", que apesar de ter os mesmos sons não dá rima.

Seu Pinobó continuou me explicando que no Passado o coco era mais valorizado, havia muita gente que era contador nessa região. Contou, com sarcasmo, que no Passado costumava ir nas casas dos vizinhos com uma turma de amigos para contar coco e ali ficavam até pela manhã. Ele, aliás, relembrou de uma vez que foi convidado a contar coco no salão católico, de uma cidade de Pernambuco, junto com outros 14 amigos. Lá, a festa durou a noite toda, mas quando voltavam para casa, de Passagem por outras comunidades, tinham que parar para comer ou beber alguma coisa, ~~que em cada lugar tinham que fazer um coco quando faziam isso, tinham que fazer um coco em cada local a pedido dos donos dos estabelecimentos. Nesse dia eles pararam tanto que só foram chegar em casa à noite.~~

Seu Pimbo também me relatou que já havia cantado em alguns lugares fora de Gaúcho Bravo. Um deles foi Campina Grande, em um evento organizado pela Emater. Foi um encontro no qual foram levadas representações culturais de vários municípios e a Emater de Gaúcho Bravo levou os Coquitos. Esse encontro foi apresentado por Juscelino Amaral. Segundo ~~ele~~ Seu Pimbo, os Coquitos fizeram muito sucesso, foi tanto que no final o apresentador pediu para eles cantarem mais uma vez, fora os pontos que estavam presentes durante esse. Ele me disse que também já cantou em Arroios, também representando Gaúcho Bravo. Ele disse que já cantou e tocou muito no próprio município, principalmente nas festas de Padroeiros. O personagem lembrou-me de uma festa do padroeiro da cidade, São José, na qual eles cantaram até as 11h, que seria o horário da banda começar a tocar. Eles cantaram na praça que fica próxima à igreja, numa ocasião, participaram tantas pessoas que tiveram que fazer três rodadas em volta deles. Ele ressaltou que sente que o uso de roda não é muito valorizado pelos políticos locais, já que eles preferem trazer um banda de fora do que os próprios Coquitos locais. Disse que hoje em dia os quadrilheiros juninos são bem valorizados, e isso que não é bom mas que o uso também em termos que são valorizados.

Em relato já foi feito eu perguntei se me
 esperaria dele e reafirmava que iria
 visitá-lo no domingo, 11/04.

Segundo ele, eu voltei pelo sítio Umburanas
 para conversar com Antônio Omório, um senhor
 que costuma frequentar os cursos e também
 responder os cursos, ele faz o papel do curso.
 Ao chegar na casa dele, me apresentou, disse
 que era o filho dos Marcos e filho de Petrópolis,
 que eu estava ali para conversar com ele
 sobre o curso de nata para uma reportagem.
 No início, ele estava com um pouco de medo
 e receio de falar, argumentando que não sabia
 muito sobre o assunto, que costuma apenas
 responder o curso, que era bom eu conversar com
 os co-quêntos mesmo. Então eu lhe expliquei que
 estava conversando com ele, que não se preocupasse
 com coisas técnicas sobre o curso, que eu queria
 ouvi-lo para saber das histórias das festas
 que ele foi e um pouco sua relação pessoal
 com a manifestação. Combinamos que eu lhe
 faria uma visita no sábado, dia 20 de abril.
 Então me despedi dele e fui embora.

Impunções e resultados da oitava visita a campo

Nome: José Primitivo Beal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data da ativ. de field: 10 de abril de 2024

Quantidade de horas realizadas: 15h00 a 16h03

Mais uma vez eu fui até o sítio Umburanas, dessa vez fui com o intuito de entrevistar seu Antônio Onório, responsável por responder parte dos casos que são realizados em Gado Bravo. Hoje foi um dia chuvoso neste município de Lagoa dos Rios e Umburanas, por isso havia um pouco de lama nos estrados.

Ao chegar na casa do entrevistado, eu bati palmas e ele falou lá dentro. Eu disse que era o rapaz que tinha lhe dito que vinha para conversar sobre o caso. O senhor Antônio então me pediu para entrar, pediu para abrir a porta e por dentro, já que a chave estava parada. Lhe pedi licença, ~~abrir~~ abri a porta, deixei o chinelo fora da casa e entrei. O personagem estava sentado no sofá da sua casa, estava ali também Dona Maria Onório, sua esposa.

Depois, coloquei a machila que eu estava no sofá e comecei montar os arcos. Enquanto fazia isso, ele explicava que primeiro eu conversaria com a gravadora a conversa em áudio e depois eu pediria para ele repetir determinadas histórias.

Após tudo montado, começamos a conversar.

Ele me contou sobre a paixão que tinha por Coco ole roda contôia, alôio e tonô. ~~Me~~ falou sobre as experiências que teve com a manifestação entre outras coisas. Ao todo, conversamos por cerca de 17 minutos e ele disse tão bom eu não sei de nada mais não. Eu vi, e lhe disse mais estava bom. Depois gravamos um vídeo dele contando as histórias dos festas dos casos. Durante esse momento passou um canno da pamonha, e nós rimos. Comentamos que iria aparecer na gravação. Então, paramos um pouquinho e reiniciamos.

Uma gravação eu tive um pouco de dificuldade porque eu tive que regular a lâmpada para iluminar o ambiente e colocá-la para gravar. É tanto que a primeira rodada de vídeo o personagem ficou com parte da cabeça cortada, isso porque eu estava distante da câmera e não vi que quando o personagem se reponcionou, saiu do enquadramento. Com isso e acerto, terminei todas as gravações, arrumei minhas coisas e saí. Em seguida, eu agradeço a disponibilidade dele, sua paciência para com o meu projeto. Agradeço também a Dona Maria e fui embora. ~~Elas~~ Eles me desejaram sorte e se despediram.

impressões e resultados da nona visita a campo

Nome: José Primitivo Beal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

data da atividade: 17 de abril de 2021

Quantidade de horas realizadas: 15h40 a 17h51

Hoje foi o dia combinado para a entrevista com José Agostinho Souza, também conhecido por Pimbo. De todas as visitas feitas até aqui, esta foi a mais que mais eu tive dificuldades. Essa pessoa tem costume trabalhar seis dias por semana. Nesse caso, só havia o domingo livre. É como eu não queria atrapalhar a rotina de atividades dele, preferi não marcar para os dias de trabalho. Dessa forma eu teria que ir mesmo nesse dia. No entanto, foi um dia de chuvas por aqui. Havia muita lama nos estrados, que são de terra.

Meu pai, que é muito apressivo com viagens pessoais, quis que eu não fosse, deixasse para outra data, mas eu só teria aquele dia ou então o próximo domingo. Como eu não tenho muito tempo até a finalização do estrado e tendo em vista o atraso causado pela pandemia, decidi ir mesmo com a lama e o risco de mais chuvas.

Então, anexei meu equipamento na mochila, coloquei uma sacola plástica para isolar a mochila como envelope, botei o alco gel nos bolsos e a máscara no resto e fui embora.

Na primeira porteira que eu pouse para abrir para tirar a moto da estrada, já fiquei com os pés sujos de lama. Foi o olia que eu fiz bastante exercício com os braços e pernas para sustentar a moto e não cair na lama. Nesse dia eu estava tão apressado para sair de casa que até esqueci de levar dinheiro para o caso de uma emergência com a moto, por exemplo, pneu furado ou peço quebrado.

Entre troncos e troncos, cheguei na casa de Pimbo. O bom foi que eu cheguei no momento que ele saía para o rio Paraitinga para pescar. Até me ofereci para ir com ele, mas ele não aceitou e voltou comigo até a sua casa.

Chegando lá, ele me convidou para entrar, mas eu preferi ficar no alpendre da casa, porque era um lugar arejado e seria mais seguro tanto para mim quanto para ele. Expliquei a ele como seria a gravacão, ele sentiu em uma câmara que havia lá e começamos a conversar. A primeira etapa eu gravei apenas o áudio dele, depois tirei algumas fotografias e fiz uma gravacão, porque eu percebi que ali estava desbloqueado para gravar.

No path que eu via iniciar o vídeo, percebi mais uma falha minha. Eu havia esquecido a bateria da câmera comum que eu uso para gravar. A sorte que eu estava com o celular e com um microfone lapela. Então, usei uma ferramenta para tirar os fotos e gravar o vídeo.

Seu Pimbo também havia me mostrando quais vídeos que estava em seu celular, mostrando ele

e outro coqueiros tocando e contando em uma roda de coco. Eu fiquei muito feliz quando vi, porque será um vídeo mostrando uma Povoação como é o coco na prática. Essas imagens eu não via a conseguir fazer por conta da pandemia.

Após o término das gravações, ainda ficamos conversando por um tempo. Falamos de coisas relacionadas tanto ao coco quanto a história de vida do personagem. Pós gravação sempre há mais alguma coisa para contar, por isso que eu continuo a conversa com os personagens.

Pimbo me falou, por exemplo, que nasceu no Sítio Lagoa dos Marcos, a comunidade que eu moro. Eu do Gabariti. Ele contou que nasceu em antiga casa que havia perto do Riacho Olho d'Água, por violência, o tempo que ele morou foi do tio do meu Pai, oestes legal. Ele me contou que depois de Lagoa dos Marcos, o pai dele foi morar em Fava do Cheiro e logo depois no rio finto e só então voltaram para Gado Bravo, especificamente no sítio São Bento.

Ele me apresentou a família, sua esposa Teresinha, sua filha Eunice e os netos. Acabamos também entrando em assuntos relacionados a pessoas conhecidas que temos em comum. Ele falou que conhece um casa velha de taipa que havia em Lagoa dos Marcos quem lhe mostrou foi Sômo Buto, que por acaso é minha máquina de cinema. Ele me disse que essa máquina juntamente com Paulo Afonso tem muita vontade de

realizar um cow tá na casa de Paulo Afonso, o senhor que Pimbo mencionou também é conhecido meu, ele é primo dos meus Pais. Foi ele, inclusive, que organizou a ida de um grupo de coqueiros para tomar um encontro de família em Campina Grande. Esse Encontro é uma festa que reúne descendentes de um casal, imácio trovão e Maria Sant'Ana Rêgo, que moraram em Lagoa dos Morcos na época do Brasil Império.

Falamos sobre os desdobramentos políticos do município de Gato Branco. Como eu também sou do lugar, acabo que conhecendo vários assuntos que permeiam o lugar. Então, mesmo que o tema não dig respeito a reportagem. Seu Pimbo também me orientou para que encontrasse a casa de Chico de Zé de fonte, Francisco José, outro coqueiro da região que mora no sítio Fada de Chico.

Após muita conversa, eu me despedi da família de Seu Pimbo. Sua esposa ainda me convidou para esperar um a comemoração de aniversário de uma neta dela que acontecerá naquela noite. Eu agradei muito o convite, mas disse que não poderia ficar porque já estava noite e eu morava longe.

Impressões e resultados da décima visita à campo

Nome: José Primitivo Beal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data da atividade: 13 de abril de 2021

Quantidade de horas realizadas: 7h a 7h38

Nesta terça-feira, 13 de abril, eu fui visitar mais uma personagem do COCA. Fui até o sítio Fava de Chirio para ter um primeiro contato com Francisco José da Silva, seu Chico de 2 e tonhe. Dos locais que eu já visitei para conversar com os coqueiros, Fava de Chirio foi o único local que eu nunca tinha visitado. Fiz duas visitas ao lugar nessa mesma data, já que na primeira, feita pela manhã, não encontrei seu Chico em casa, ele estava trabalhando na roça às margens do Rio Paraíba. Quem passou essa informação foi sua esposa, Dona Severina. Ela disse também que ele só estava em casa à tarde.

Queria abrir um parêntese para relatar minha experiência até chegar à comunidade. Eu já havia pedido a amigos indiciais para conseguir chegar à casa de seu Chico, especificamente, como encontrar a Fava de Chirio.

Eu fiquei um pouco apreensivo, tendo em vista que nunca tinha ido lá, mas com as informações que me passaram eu fui explorar até encontrar o lugar. Me falaram que uma das entradas para o sítio era pelo sítio Rosilha, a mesma estrada que dá na casa

de Otávio Brito, ao menos eu sabia onde era a casa desse senhor, que é primo da minha avó. Assim que tive acesso a estrada, encontrei um rapaz de moto, então eu parei ele e perguntei se eu estava de fato indo para Fava de Cheiro por ali. Ele me respondeu que sim, que eu continuasse em frente e que virasse à esquerda após observar uma ladreira alta que havia a frente. Agradeço ao rapaz e segui. O que me chamou bastante a atenção foi que grande parte dos estrados que dão acesso ao sítio Fava de Cheiro, são constituídos em propriedades particulares, daí para perceber por conta da grande quantidade de porteiros que existe ao longo do caminho. Embora nenhuma esteja fechada, eles existem por ali. Outro aspecto do lugar é a grande quantidade de rios e também de árvores. Nessa viagem, pelas estradas, ainda parei mais uma vez para pedir informações. Depois disso ficou fácil encontrar o sítio Fava de Cheiro.

Para encontrar a casa do personagem foi bem mais fácil. Ao chegar na comunidade, encontrei um funcionário pública, uma merendeira da escola local, então perguntei a ela se sabia onde morava Zéico Zezé de Funchal. O Engenheiro me disse que a mulher me indicava a casa que estava a frente. Foi a partir daí que descobri que o personagem não estava em casa. Me despedi das pessoas que estavam ali e fui

embora. Com pai havia sabido tudo acima, à tarde
 eu voltei ao Sítio Fava de Cheiro. Dessa vez o
 personagem estava em casa, ele estava um pouco
 televisivo com uma esposa. Eu gostei de termos ela
 sua casa e disse que procurava falar com ele.
 Seu Chalo me pediu para entrar, eu fui até ele
 e lhe disse que tinha vindo pela manhã para falar
 com ele. Lhe disse quei que estava ali para conversar.
 Com ele sobre o uso de toda me apresentei, disse de
 onde era e de quem era filho e disse quee estava
 fazendo uma reportagem sobre o coco e por isso
 queria voltar à casa dele para gravar uns vídeos,
 tirar umas fotos e gravar um áudio dele falando
 sobre o coco e sobre sua história de vida. Ele ficou
 muito feliz com isso, me contou que já conta
 logo desde os 7 meses de idade, aprendeu a tocar
 e tirar coco com vital de pipico e zo da vida.
 No Paraná já havia contado muitas coisas
 em Garcho Bravo, hoje é mesmo, ele é mais
 chamado para tirar coco no município de
 Santa Glúria e Umbuzinho, que são divida com
 o Sítio Fava de Cheiro. Segundo ele, os coqueiros
 de Garcho Bravo não gostam de chama-lo para
 participar das noites de coco porque ele conta alto.
 Pelo relato dele, existe uma certa manjeira
 dele sobre os outros coqueiros, por esta possível
 exclusão. Ele me disse que antes contava muito para
 políticos, mas hoje em dia preferi não contar, porque
 sempre há confusão, sendo em vista que tem uns
 coqueiros que não gosta de determinar os condi-
 ciones e não gostam de contar para eles.

Uma referência que o personagem faz é relacionado
às campanhas para Prefeito que acontece durante
as eleições quadriênais.

No final da conversa, eu combinei com ele de
ir voltar lá no domingo, dia 19 de abril, a
partir da 75h. Antes de me despedir, seu Chico
ainda me perguntou pelo meu tio Antônio,
lhe disse que ele havia morrido em 2019. Ele
lamentou e disse que meu tio era um grande
homem. Eu me despedi dele e de sua esposa e
fui embora, já era noite quando voltei para minha
casa em Lagoa dos Morcos.

impressões e resultados da décima primeira visita a campo

Nome: José Primitivo Leal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 16 de abril de 2021

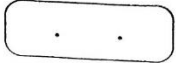
Quantidade de horas realizadas: 15h a 15h30

Minha décima primeira visita a campo foi realizada nesta sexta-feira, dia 16 de abril de 2021. Foi até sítio Santana para conhecer e combinar um dia para conversar com Ze da Velha, José Costa Silva, cozinheiro municipal de Gado Bravo. Ze da Velha é do sítio Bonilha, mas atualmente mora no Santana, comunidade rural que está situada na divisa de Barra de Santana e Gado Bravo.

Eu já havia ido ao local algumas vezes, mas tive dificuldades de encontrar a casa do personagem, isso porque existe muitas estradas de acesso ao lugar. Ao me aproximar do sítio, pedi informações a um senhor que estava na estrada carregando uma lata de água. Ele me disse que a casa de Ze da Velha ficava após o riacho do Santana, marco que divide os municípios de Gado Bravo e Barra de Santana, na estrada que vai ao Campo Alegre. Eu agradeceu a ajuda e fui embora. Continuando, eu passei pelo local chamado do açucareiro de casa que existe no sítio Santana e segui por uma estrada de terra. Como eu achei o local desconhecido, olhei por um lado em uma casa na qual havia um mulher

tirando roupa do varal. Disse-lhe boa tarde e a
 ela e perguntei se Ze Olá Velha morava
 por ali. Ela me disse que não, então chamou
 pelo seu neto para saber se ele sabia me
 dizer. Então eu expliquei que estava à procura
 da casa de Ze Olá Velha, e ele então me disse
 para voltar, entrar a direita e quando chegar
 na quadra de esportes entrar mais uma vez
 a direita, depois que eu passasse o riacho do Santa-
 na, a primeira casa à esquerda seria a dele.

Mais uma vez agradeço e continuei procurando
 a casa do personagem. Ao chegar na casa após
 o riacho, fiquei observando para ver se encon-
 trava alguém. Havia ali muitas galinhas e Perus
 no terreno. Antes de eu bater Palmas para cha-
 mar alguém, vinha um senhor com uma
 macho no ombro, em objeto é utilizado na
 agricultura para capotar o mato da lavoura.
 O senhor estava de vermelho, com calças longas
 e um chapéu. Eu lhe dissei boa tarde e pergun-
 tei se Ze Olá Velha morava por ali. Ele, então,
 deu uma risada e apontou para si próprio e
 disse está falando com ele. Então eu expliquei
 para ele que estava conversando com todos os
 locustos de Gato Bravo para fazer uma reportagem,
 um trabalho sobre o caso de toda de Gato Bravo.
 Dessa forma queria conversar com ele também
 para saber um pouco da sua história de vida.
 Ele pediu para marcar um dia, que ele sempre
 está em casa. Naquele momento não poderia
 conversar comigo porque ainda limpar o mato



Olo acabou que havia colocado. disse que Santa
 de trabalho. Então eu combinei de voltar
 na casa dele no dia seguinte, no sábado,
 dia 17 de abril, às 15h. do mesmo mesmo
 mês nos despedimos, ele foi para o trabalho
 e eu fui para minha casa em Laguna dos
 Marcos.

Impulsos e resultados da de uma segunda visita a campo

Nome: José Primitivo Brasil Neto
 Instituição: Universidade Federal da Paraíba
 Data: 17 de abril de 2021
 Quantidade de horas realizadas: 15h10 a 17h21

Mais uma visita concluída, dessa vez eu fui até a casa de Ze da Velha, para entrevistá-lo. Ele tinha ido à casa dele ontem, dia 16, e combinado para voltar lá hoje, dia 17, às 15h. Para chegar onde ele mora, eu passei pelos Sítios Lagoa da Cascavel e Campo Alegre e por fim sítio Santana.

Ao me aproximar da casa os personagens perceberam que havia muitos pessoas na calçada da casa, todos familiares dele. Quando parei a moto, me anunciaram para Ze da Velha: "o rapaz do Geo chegou Seu Ze". Disse oi boa tarde a todos que estavam ali. Montei os equipamentos, câmera, tripé, microfone e celular. Depois de terminando eu expliquei o que eu iria fazer, gravei a conversa com o celular e depois gravei um vídeo com ele contando e dando um depoimento.

Enquanto eu fazia isso, ele permaneceu sentado em uma cadeira à minha frente. De vez em quando ele comentava: "é coisa para o plano". Como fui solícito, conversei comigo por um longo período. Contou como aprendeu o Geo, falou dos familiares que também contavam. Comentei sobre

o trabalho no campo, sobre o motivo de ter mudado de moradia. Segundo ele, lá onde morava, sítio Bonilha, não se sentia seguro. Contou que faz 87 anos que mora no Santana e ali se sente feliz e seguro. Me falou sobre seu aniversário de 78 anos, no dia 01 de maio.

Comentei sobre a peregrinação que ele e os amigos faziam para visitar o caso, iam do São Bento do Catolé de Cosmópolis-PE. Me falou que quem iniciou a doação do caso aos seus antepassados foi um tal Janjão e go, contudo não soube explicar detalhes. Essa informação eu vou tentar confirmar com os próximos entrevistados.

Após a conversa com o personagem, eu gravei dois vídeos, um dele com fotos e outros de um relato. Fiz algumas fotografias e terminamos por ali mesmo. Depois quando eu voltar lá para mostrar tudo quando estiver pronto. Havia um rapaz lá na casa dele que me questionou sobre a data que o vídeo estaria disponível no youtube. Eu lhe expliquei que aquele tudo fazia parte de um trabalho da universidade, tratava-se de uma reportagem, e que nem todo conteúdo estaria em vídeo. Expliquei também que, se tudo desse certo, final de maio estaria tudo pronto e disponível na internet.

Aproveitei para perguntar-lhe a localização

da casa de dona Lindalva Sabino, que não é coquista, mas faz parte do coro do Celo. O rapaz me explicou a casa dele, que já fica na parte pertencente ao município de Banca de Santana. No entanto, dona Lindalva morava no sítio Campo Alegre.

Me despedi de todo mundo e fui até a casa de Lindalva, tive uma certa dificuldade de achar, mas no final acabei encontrando após sair perguntando de casa em casa. O local que a personagem mora é um obstituto de Banca de Santana, por isso só tem calçamentos de para de lá para cá. Ao chegar na casa dela, encontrei com sua filha. Me apresentei a ela, disse que estava procurando dona Lindalva para conversar sobre o caso de toda. Falei que estava fazendo uma reportagem sobre o assunto. A mulher que me atendeu foi chamar dona Lindalva. Ao me ver, ela me perguntou: "é o quê?". Eu lhe expliquei tudo a ela e me apresentou. No início ela se mostrou relutante, disse que era evangélica agora, que por isso não cantava nem frequentava mais Celo. Eu lhe expliquei que era só uma conversa sobre o assunto, que ela não precisava contar se ela não quisesse. Ela então me chamou para entrar, ficamos na área de visitas que antecede a sala da casa. Ali conversamos bastante, ela me contou que era obaida por Celo de toda. Eu lhe mostrei alguns dos vídeos que tinha feito com os outros coquistas, como ela ficou feliz com isso. No final, ela me pediu para ir outro dia que ela falava comigo.

Segundo ela, seria melhor que porque estaria
mais preparado. Eu não discuti, peguei o contato
deba para ligar e combinar uma data para
fazer outra visita. No final, ele que estava relutante
e mostrou super aberto. Me contou algumas
coisas sobre o ~~caso~~ e sobre a vida dele. Me disse
que estudou com uma mulher no Atis
Laguna das Marés, por consuetudinária, a mulher
que ele falou era prima da minha avó Patrícia.
Eu mostrei a fotografia da professora que ele teve.
Como ele ficou feliz por ver a sua professora
e ainda saber que ele ainda era viva. Ao sair,
dona Lindalva veio me acompanhando até a calçada
e enquanto isso eu puxamos mais conversa.
Quando eu já estava na moto para ir embora,
ela me disse: "vá se embora meu filho, eu estou
conhecendo de mais, vai chorar". Eu me despedi
dela e fui embora.

impressões e resultados da última terceira visita a
Campo

Nome: José Primitivo local Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 19 de abril de 2024

Quantidade de horas realizadas: 15h38 a 17h43

A visita de hoje foi feita ao personagem Francisco José da Silva, também conhecido pelo apelido de Chico de Ze e de Tonhe. O intuito da visita foi a gravação de mais conversas sobre o caso de roda de Galo Bravo. Sai de casa às 14h50 e cheguei a residência do personagem às 15h38 minutos. Dessa vez, levei mais tempo do que o necessário para chegar a casa dele, isso aconteceu por conta das condições que as estradas se encontram. Após as últimas chuvas, as estradas estão muito esburacadas, impedindo uma velocidade maior de deslocamento.

Ao chegar a casa de Chico de Ze e de Tonhe, havia um carro, um caminhão vendendo frutos e verduras. Ele estava lá, fazendo suas compras. Ele pediu para esperar que já iria conversar comigo. Eu lhe disse boa tarde e falei que não tinha pena, que ele ficasse à vontade. Então, eu fiquei sentado na moto até que ele me chamasse para dentro. Depois que ele terminou as compras, me convidou para entrar e me disse para sentar e ficar à vontade.

Eu fui para a cozinha guardar as coisas que

Comprou e eu fiquei na sala montando
 os equipamentos. Após ele voltar, eu expliquei
 o que eu faria. Então ele me disse que não
 não queria gravar contos, porque havia
 morrido uma sobrinha dele e ele não queria
 tocar. Eu lhe disse que estava tudo bem, que
 eu poderia voltar outro dia para gravar,
 que faríamos apenas os folios e a gravação
 em áudio. ~~Para quem não é dessa terra~~
~~talvez~~ Para quem não é da região rural não enten-
 de, mas é comum não ouvir música, assistir à
 televisão ou ouvir rádio em dias que morre
 ou é enterrado algum familiar. No entanto, eu
 percebi que seu Chico de Ze de noite estava inseguro
 para gravar, haja vista que quando chegou um
 rapaz que toca pandeiro para lhe acompanhar, ele
 disse que não gravar. O rapaz era o Flávio
 Adrenaldo de God, como ele se faz se chamando.
 Me disse que não sabe tocar violão, já até tocou
 em noite de louco, mas não costuma cantar,
 a não ser se beber ingerir bebida alcoólica.
 Me disse que tinha um sonho de comprar uma
 sanfona para aprender a tocar. Me falou que
 aprendeu a tocar pandeiro sozinho. Mesmo com
 o incentivo do Flávio, seu Chico de Ze de
 noite ficou envergonhado para cantar, e tanto
 que ele só quis gravar uma vez, eu também
 não quis insistir.

Antes da gravação dos vídeos, nós conversamos
 por cerca de 45 minutos, ele me falou tanto
 sobre como o caso de rock entrou na vida
 dele quanto sobre suas experiências de

sobrevivência neste Povoço de Chão.

Após todo o processo de gravação, ainda ficamos por longo tempo conversando. Falamos da vida, das dificuldades, do inverno, da Política e da sobrevivência. Seu Chico mais uma vez me perguntou sobre o motivo pelo qual eu estava fazendo esse trabalho. Eu lhe expliquei que fazia parte de um trabalho da Universidade, disse que para eu me formar como mestre em jornalismo, tinha que fazer uma reportagem sobre um determinado assunto, e que então eu havia escolhido o caso de toda, porque eu gostava muito da cultura e guerra divulsos o caso de Koola e os personagens do caso para todos os sobreviventes. Nesse momento, estava presente um primo da esposa de ele, então ao terminar de explicar os motivos pelos quais eu estava fazendo esse trabalho, o Chico de Ze de tonhe me falou uma coisa que pagou toda essa jornada, mesmo que não fosse certo. Ele me disse: "Eu nasci em 1952, estou com 69 anos, Gado Bravo nasceu em 1964, e foi morto em 1983, para dar lugar ao caso de Koola". Eu agradeço o elogio e disse que quem estava de parabéns era ele e os outros coqueiros, pois fazem parte da cultura Gado-bravense.

Já estava escurecendo quando eu pedi licença a seu Chico para ir embora. Expliquei a ele que eu precisava ir e tinha que ir. Ele me disse que ainda era cedo e me convidou para jantar, eu aceitei o convite, mas disse que tinha que ir.

Impressões e resultados da décima quarta ida à campo

Nome: José Primitivo da Silva Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 28 de abril de 2021

Quantidade de horas realizadas: 15h15 a 15h25

Hoje, quarta-feira, fiz uma visita rápida a mais um Personagem do Culo de Gado Bravo. Foi conversar com Didi de Antônio Zarrulinda, o José Edvan. Diferente dos outros coqueiros, eu conhecia Didi, porque ele já foi candidato a vereador aqui no município. Ele mora no Sítio Rosinha. Para chegar à casa dele, eu tive que pedir algumas orientações a Lela Leal, minha tia, para eu encontrar a casa, já que eu nunca tinha ido lá. Após Lela me ensinar como chegar no lugar onde ele mora, sai da casa dela, que fica aqui mesmo em Lagoa dos Marcos, e fui conversar com Didi. Ao sair da casa de Lela, percebi que o pneu da minha motocicleta estava furado, então eu tive que voltar em casa para deixar essa moto e pegar a motucilleta do meu irmão emprestada para continuar o meu trajeto.

Em acontecimentos levou bastante tempo, no entanto, eu só estou colocando com horas realizadas o tempo que eu sai com a moto do meu irmão e conversei com Didi por cerca de 10 minutos no total. Diferentemente dos outros primeiros visitas, esta foi bem

rápida.

Ao chegar na casa do Personagem, ele estava deitado no chão da casa próximo a porta da sala de visitas. Ao me ver chegamos, ele levantou-se e veio me receber. Me perguntou o que estava acontecendo, então eu lhe expliquei que estava fazendo uma reportagem sobre o caso de roda de Gado Bravo, que esse trabalho fazia parte do meu projeto de mestrado em jornalismo da UFPA e que estava ali para marcar um quinto dia para gravar algumas coisas sobre o caso de roda. Ele demonstrou muita satisfação e disse que voltaria comigo com muito prazer. Então combinamos para eu voltar lá no dia 02 de maio, no domingo, às 10h.

Didi é um dos coqueiros mais novos da região, ele tem 39 anos, ele é agricultor e também tem um bar no lugar onde mora. Nesse bar, ele costuma fazer algumas brincadeiras de coco, mas essas brincadeiras não tem uma ciclicidade, da aconteça às vezes.

Outra coisa que eu quero registrar, foi minha passagem pela casa dele, foi muito rápida, e tanto que nem passei pela minha cabeça pegar o contato do personagem e passar o meu. Nesse dia eu estava meio perturbado, não sei se pelo fato de ter que fazer de moto ou qualquer outra coisa.

Impressões e resultados da décima quinta ida a campo

Nome: José Primitivo local n.º

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 03 de maio de 2021

Quantidade de horas realizadas: 14h30 a 19h

Neste sábado eu realizei mais uma visita e entrevista com mais um personagem do caso de saúde, fui conversar com Didi. Eu havia prometido ir no domingo, dia 02 de maio, mas como ele teve uma vigília de última hora programada para este dia, eu fui no sábado à tarde à casa dele.

Na verdade, essa mudança de data aconteceu de forma até engraçada, porque eu soube outra vigília de Didi permitida por meio da minha tia Mercedes. Ela me enviou uma mensagem pelo whatsapp, dizendo que uma irmã de Didi tinha ligado para ela, pedindo que me falasse para ir conversar com Didi no sábado, que ele tinha uma vigília para fazer no domingo. Minha sorte é que a família dele conhecia minha tia e tinha o número de telefone dela para dar o recado. tudo isso só aconteceu porque eu esqueci de dar e pergatar o meu número de telefone e pergatar o dele.

Então, assim eu fiz, fui sábado à tarde. Chegando lá fui recebido na boateja dele. Estava junto com ele seu Antônio o irmão,

um dos personagens que eu já havia conversado e
 • Didi me pediu desculpas por ter precisado mudar a data. Então eu falei para ele que quem devia pedir desculpas seria eu, porque esqueci de deixar meu contato com ele, para ele ligar em caso de alguma mudança, como aconteceu.

Didi me falou que havia chamado jornalista, filho de Ze de Marina, para conversar com ele, me explicou sua sequência que assim a gravada da música ficaria mais legal e mais animada. Falei para ele que estava ótimo. Ele me pediu para esperar um pouco que já tinha mandado mensagens para jornalista e ele já estava vindo.

Enquanto esperávamos, fiquei conversando com Didi, seu Antônio Antônio e Didi me perguntou se eu já havia conversado com outros coqueiros, disse que tinha pouco ouvido a toca e cantos coco, mas não sabia nada sobre a história do coco, sabia que os cantores mais velhos da brincadeira era Vital Costa e Ze da Velha. Eu também me falei da primeira vez que foi a um brincadeira de coco, ele como gostava de cultura, gostava de coco, de música de viola, de sanfona, de baque de coco, me disse também que todo dinheiro que ganhava com o coco, reunia no coco. Eu comprei os instrumentos, caixa de som, ele também ganhava alguns na época das eleições.

Enquanto conversávamos seu Antônio o nônio também comentou que eu também tinha ido lá, também me relatou que as festas de coco antigamente eram feitas de casa em casa, ele lembrou a época que ~~acompanhava~~ acompanhava a festa na sua localidade de origem, o Sítio Comaá. Eu, inclusive, aproveitei para colher um relato dele.

Ao perceber que Jonivaldo estava demorando, Didi sempre me perguntava se dava para eu esperar. Eu sempre lhe falava que não se preocupasse, que eu estava ali e não tinha hora para ir embora, a gravadora poderia levar o tempo que necessitasse.

Eu havia levado alguns pontos ~~para~~ conversas com ele anotados em um caderno para conversar com ele e gravar essas falas, mas a conversa entre nós estava tão fluida que eu decidi não gravar áudio.

O personagem foi muito agradável, sempre me perguntava se eu estava à vontade, se eu queria alguma coisa para comer ou beber. Eu me relatei que sempre tive um sonho de falar sobre o coco de roda, de como o aprendeu e de como gostava de fazer, e que eu estava realizando esse sonho. Me disse que aprendeu a contar coco com 12 anos de idade mesmo sem saber muito foi se aprimorando. Me disse que sempre buscava reunir coisas os adquiridos nas festas, mesmo algumas

eles temo algumas desavenças entre si
 ele me confessou que gosta quando todos estão
 unidos. Me contou que já fez serenatas, cantoria
 de viola e vários cocos no bar dele, só não
 estava fazendo mais por conta da pandemia.
 Me chamou, inclusive, para fazer uma grava-
 ção de todo mundo cantando junto. Eu
 lhe falei que seria um prazer, que estava
 esquecendo a passagem da pandemia,
 depois olino podíamos combinar.

Após algum tempo esperando, finalmente
 chegou. Ele pediu desculpas pelo atraso e
 comentou que não teve jeito, que não
 conseguiu se livrar da gravacão. Ele comentou
 que, quando eu fui lá, ficou escondido que
 era para não chama-lo para gravar nada.
 Me falou que até tentou mandar o pai dele
 vir, mas não deu certo, então ele teve que
 atender ao pedido de Didi e vir dar uma
 força para ele. Fez também um pedido, disse
 que só começaria a gravacão depois que
 tomasse alguma bebida alcoólica, para tirar
 a vergonha, a timidez. Então, eles três se reuni-
 ram para beber e combinar sobre o que
 iriam contar. Os coqueiros de que geralmente
 utilizam como mote um verso de um coco
 já conhecido por todos, como por exemplo,
 coqueiro da Bahia quero ver meu bem
 agora, quer ir mais eu vamos, quer ir
 mais eu embora". Essas e outras estrofes são
 decoradas pelos cantadores de coco, muitas

deles são passadas um para o outro de forma oral, se perdendo o autor original. Essas inspirações, provavelmente, vêm dos cantores de violão ou foleiros que eles escutam via rádio ou televisão. Como uma estrofe que eu citei anteriormente, que é contada em uma música de Uava Machado e Mancolino, denominada de ~~o acordeão do sertanejo~~ ^{o queixo da Bahia}. Era dupla costuma cantar, ao som da viola, foleiros e aboios. Uma faixa específica faz parte do álbum o acordeão do sertanejo, lançada em 1976.

Após beber algumas doses de Whisky black e white, eu gravei uma música e alguns depoimentos dos personagens e também tirei algumas fotografias. Após terminar essas gravações, fiquei conversando com eles. Jorinaldo comentou conosco que eles mesmos eram para fazer as gravações alguns dos brincadeiras que fizeram e me parabenizou pela minha iniciativa de fazer esse material, que vai servir para as próximas gravações. Didi, Jorinaldo e seu Antônio Onório continuam vendo e, por isso, chegaram a um ponto que estavam todo desinibidos, então me pediram para gravar outras músicas. Em um determinado momento, cheguei outro morador da região com seu filho, o João, esse rapaz também começou a tocar sanfona e cuidar os acústicos, o filho de Didi, o Rafael, com aproximadamente 8 anos também entrou na brincadeira com um violão.

No final, acabou em muita diversão, as copistas já haviam bebido bastante e estavam fazendo muita graça. Após esse excesso de bebedeira, eles pediram para gravar várias músicas de coco, eu então me deixei levar pela situação, demos muitas risadas e no final, no momento da minha despedida, me comprometi voltar lá para mostrar o resultado do material colhido. Agradei a todos um pela acolhida, pelo tempo maravilhoso e muito divertido. Dessa vez, eu pedi o contato de Didi com recomendações dele de enviá-lo os vídeos.

Impressões e resultados da décima sexta ida a campo

Nome: João Primitivo Local Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 16 de maio de 2021

Quantidade de horas realizadas: 24h40 a 76h

Hoje eu fui realizar a entrevista com dona Lindalva Sabino. Tinha ido à casa dela no dia 17 de abril, no mesmo dia que gravei com Ze da Vênia. Na oportunidade, tínhamos combinado que, quando ela se sentir segura para conversar comigo, me ligaria para combinarmos outra ocasião. Eu também tinha falado que ligaria para ela para saber se eu poderia ir na casa dela. Até brinquei com dona Lindalva, lhe disse que não iria deixá-la esquecer, que ligaria se eu visse que ela não me ligaria. Eu disse o tempo correu, quis deixá-la decidir se falava comigo.

Se pensou quase um mês, mas no dia 15 de maio, no sábado, ela me ligou. O engracado que eu também estava pensando em ligar para ela nesse dia, mas ela foi mais rápida. Eu estava olhando, brincando com minha irmã, quando o celular tocou. Foi ver quem era, era dona Lindalva Sabino. Me ofereceu boa tarde, se apresentou e me perguntou se eu ainda queria falar com ela sobre o caso. Lhe respondi que sim, que estava inclusive pensando em ligar. Ela me perguntou quando eu poderia

que estava com o pé e a rede. Deixei a coolina preguiçosa na área da casa de lá, e de lá fui até a cozinha, para a vista do lado para identificar algum local que fosse melhor para gravar. Naquela ambiente não poderia ser porque era muito escuro, então pedi a ela para voltarmos para a área, onde a luz era abundante por conta do portão de ferro que deixava a luz do sol entrar. Nesse espaço havia três coolinas, algumas plantas e uma coxinha de som pendurada do armador de rede, dona Lindalva me falou que era amiga de uma era para ouvir música e rádio.

Nós sentamos nas coolinas, enquanto eu montava a câmera para gravar as falas, dona Lindalva me perguntava o que eu queria saber. Lhe expliquei que era as histórias que ela sabia sobre o caso. Foi bem geral para não induzir ela sobre as respostas, porque poderia acontecer dela responder todas as perguntas assim que eu ligasse a câmera.

terminei de montar os equipamentos, me posicionei em frente à personagem e comecei a gravar. Lhe fiz algumas questões momentâneas. Chaves e depois fazia alguma intervenção caso quando necessário. No geral, dona Lindalva era quem conduzia a história, no sentido que minhas perguntas surgiam após algum assunto atrelado por ela. Ela falou sobre as festas de coola que fez na época que tinha um bar, no

sítio Campo Alegre, contou que tinha muitas festas que acontecia nos dias dos santos católicos, Santo Antônio, São João, São Pedro, Santa Ana, nesses momentos ela quem organizava a festa, comprava uma lenha para cortar madeira para fazer a fogueira e depois convidava os coqueiros para cantarem, segundo ela, eram festas cheias de alegria e não havia brigas ou confusões, as festas aconteciam durante toda a noite e não acontecia modo de ruim, diferente de hoje em dia, que sempre tem briga, roubo e de muito.

Dona Lindalva contou que ficou viúva muito cedo, que por conta disso trabalhou em casa de mães de famílias, só o pai colocou o Var, lugar de onde tirava o sustento. Ela não tinha nenhum instrumento musical, mas eu levei um ganzá para que recordasse dos tempos que participava dos rodas de coco respondendo as músicas. Então, eu fiz um vídeo dela cantando esses trechos de cocos e balançando o ganzá. Também fiz algumas fotografias dela e depois que terminamos, ela fez questão que eu tomasse um café, que ela havia pedido para sua neto fazer. Logo após isso, eu me despedi dela, lhe agradei pela hospitalidade, pelas histórias que ela contou. Ela me falou que havia sido um prazer me conhecer.

Na volta para casa, quando passava em frente a casa velha, me contaram minha mãe

de cima, Soconu Buto, Eu parei o moto, ficamos conversando ali alguns minutos. Lhe falei que vinha de uma entrevista sobre o caso de voda. Aproveitei também para combinar um dia para ir conversar com ela sobre umas memórias que ela tinha sobre o caso, principalmente dos que acontecia na casa velha, uma casa de madeira muito antiga do sítio Lagoa dos Marcos, onde moraram os bisavós dela. Ela aceitou e eu disse que mandaria mensagem para combinar um dia e um horário que ela estivesse livre. Me despedi dela e fui para casa.

impressões e resultados da décima sétima volta a campo

Nome: José Primitivo Beal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 26 de maio de 2021

Quantidade de horas realizadas: 15h a 16h77

Hoje eu fui conversar com Socomo Brito sobre algumas memórias que ele tinha sobre o coco. Ela é minha madrinha de crisma e é também prima do meu pai, é uma pessoa muito próxima do meu familiar. Nesse sentido, eu não fiz pauta para guiar o momento, tendo em vista que eu já a conheço há muito tempo. Socomo é agricultora e dona de casa, ela também é artesã, atividade que pratica por lazer, ela borda, crochêta, faz fuxico e costura.

Socomo é uma grande incentivadora das festas da casa velha. Uma comemoração que acontece todos os anos no ritmo da época dos marcos, em época de São João. Em algumas oportunidades, ela nos contava que nessa mesma casa velha tinha muitas festas. Na época da brincadeira, tinha os jogos do mês marcados, as comemorações dos santos católicos. Em muitos desses momentos tinha coco de roda. Na sua infância, seu pai também costumava fazer festas, em muitos desses momentos eles brincavam de roda.

Foi através dessas memórias que eu fui conversar com ela. Nós combinamos o encontro na casa velha. Foi nesse espaço que

gravamos nos relatos dela. O anário foi muito significativo, porque foi ali, no tempo daquela casa de taipa que aconteceram muitas festas e brincadeiras de coco. A duração da gravação dos vídeos foram pequenas, mas ficamos naquele espaço por mais tempo. Estava junto conosco uma irmã de Socorro, Luíza e uma nora dela, Deinha. Ficamos ali conversando sobre as festas que aconteciam ali e sobre as histórias da infância dos dois irmãos, contada por eles mesmos.

Após terminarmos ali, meu pai chegou lá para pegar a moto que eu estava, ele estava procurando o veículo para ir até a casa de um vizinho em outro sítio. De manhã, eu voltei para casa a pé. Foi uma caminhada proveitosa, serviu para movimentar o corpo.

impressões e resultados da última etapa ida a campo

Nome: José Primitivo Beal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 30 de maio de 2021

Quantidade de horas realizadas: 16h20 a 17h27

Hoje eu não sei para entrevistas ou conversar com alguém sobre o coco, não diretamente. Durante minhas leituras sobre o coco de roda e também já tenho brincado como em Gado Bravo, eu posso perceber algumas características do canto-dançar que se assemelham com a ciranda, outras brincadeiras de roda que ~~são diferentes~~ tem passos diferentes e a melodia também é diferenciada.

Esses aspectos me inquietaram, então a fim de conhecer melhor ~~sobre~~ o assunto, eu decidi conversar com uma ativista cultural de Campina Grande. Ela tem uma vivência muito forte com os movimentos culturais e conhece a manifestação do coco. No entanto, eu não estava conseguindo o contato dela, procurei-a nas redes sociais e encontrei seu perfil, mesmo assim não consegui diretamente. Contudo, achei uma fotografia dela brincando no coco de roda aqui de Gado Bravo. Nesta publicação, Gueneira Virginia Pomes, marcava Francisquinha Marinho, moradora do sítio Chã dos Marinhos.

Foi a partir desse fato que eu decidi ir na casa de Francisquinha para tentar conseguir o telefone de Gueneira Virginia. Sai de casa

de muito e fui até a casa de Francisquinha, como eu não lembrava bem onde era a casa parei em uma casa do sítio Chã dos Macinhos para pedir informações. Foi aí que descobri que Francisquinha não morava mais ali, ela havia se mudado para Campina Grande. No entanto, o senhor que me atendeu me mostrou onde era a casa de uma prima de Francisquinha. Foi lá na casa dessa prima, dona Maria, que além de me ajudar muito bem ainda me passou o número do Whatsapp de Francisquinha.

Hoje mesmo mandei mensagem para ela explicando que estava em busca do telefone de Guenera Virginia, perguntando também se ela poderia me passar o telefone. Francisquinha me respondeu que sim, que tinha o número e que iria me passar.

Voltei para terminar o relatório, hoje é 31 de maio. Após conseguir o contato com Virginia Perez, liguei para ela hoje, mas não tive retorno. Então, eu decidi mandar mensagem pelo Whatsapp. Agora à noite obtive resposta dela e combinamos de eu ligar para ela amanhã à tarde para conversarmos.

Impressões e resultados da conversa com Virgínia

nome: José Primitivo Beal Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 07 de junho de 2021

Quantidade de horas realizadas: 17h29 a 18h35

Morx à tarde eu conversei com Guemira Virgínia Pares, coreísta e ativista cultural. Dessa vez, eu não me desloquei até o entrevistado. Como Virgínia mora em Campina Grande, por conta da pandemia, achei mais seguro conversar com ela por celular. Virgínia foi contactada por conta da vivência dela com as manifestações populares e também porque conhece o coco de roda de Gado Bravo.

A partir do momento que ela entendeu a ligação, eu expliquei o motivo de estar ligado e pedi para gravar a conversa. Em pedido foi uma forma de guardar o relato da entrevista. Minhas questões foram em torno de umas semelhanças que eu já percebia no coco de roda de Gado Bravo com a ciranda, principalmente na forma como as pessoas se comportavam durante a dança. Eu quis saber também como foi que Virgínia teve contato com o coco daqui, claro, como brincante.

Ela me explicou, inicialmente, que era natural a influência de outras brincadeiras no coco em um qualquer outra manifestação. Não existia, segundo conversamos, um coco igual a outro.

Cada comunidade brinca de uma forma, a maneira que São Paulo Brava dança o coco não é a mesma que Cariacá, Busuquí ou outra comunidade. Ela me citou um exemplo de um grupo de São Paulo Brava que é totalmente diferente de como São Paulo Brava dança o coco, lá ela disse que eles utilizam os pratos como instrumentos musicais. O importante, no coco, é não deixar de brincar, que sempre existe essas adaptações para que a manifestação continue em frente. Virgínia também salientou que a forma como é cantado, os instrumentos musicais são todos característicos do coco do rio de Janeiro, o improviso também. Virgínia, inclusive, pode perceber que a maneira que os mais velhos dançam é diferente dos mais jovens, que singado é diferente.

Virgínia me contou também como o tempo que o coco chegou. Ela fez um trabalho muito longo com crianças especiais em São Paulo Brava por meio da Capoeira. Em uma determinada data, ela veio até o Colégio Padre Goulart Joazeiro para fazer uma apresentação e após se apresentar, as crianças fizeram uma apresentação para o grupo de Capoeira que ela fazia parte. Virgínia contou que ficou encantada com a apresentação, as crianças de mãos dadas e dançando em roda.

Alguns anos depois ela veio para mais uma vez para São Paulo Brava para ver o coco dessa vez, ela acompanhou de perto o coco, com uma apresentação dos pais e crianças e da comunidade dançando.

virginia disse que, o que mais chamou sua atenção foi a quantidade de rapazes dançando, que geralmente isso não é comum. Ela veio outra vez em barbo bravo para outra brincadeira de lólo, mas outra vez, não aconteceu.

Falamos também de outros assuntos, como a falta de apoio do poder público as manifestações populares no geral, conversamos sobre as conquistas e também sobre as características que fui percebendo ao fazer as entrevistas.

No final, nos despedimos com votos de um dia nos encontrarmos em uma festa de lólo.

Resultados das ligações realizadas

Nome: José Primitivo Brasil Neto

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 02 de junho de 2021

Quantidade de horas realizadas: 13h40 a 16h

Outem, dia 02 de junho, eu fiz algumas ligações para verificar as informações dadas pelos 'coquitos' sobre o apoio cultural da Lei Aldir Blanc. todos os coquitos me informaram que não haviam recebido nenhuma ajuda proveniente da Lei. Alguns deles nem sabiam do que se tratava.

Essa verificação foi no sentido de entender o que tinha acontecido, já que o município de Gado Bravo recebeu um montante de R\$ 73 mil. Às 13h40 eu liguei para a antiga secretária do município, Cleina Neri, para questionar sobre o não atendimento aos coquitos. Conversamos por cerca de 15 minutos. Durante esse tempo ela me explicou que Gado Bravo recebeu o dinheiro um pouco tarde, por isso houve um atraso no repasse para os interessados. Me explicou também que lançaram um formulário via google forms para mapear os artistas do lugar e lançaram também um edital a fim de contemplar iniciativas com lives, expos on-line e outras iniciativas culturais. Segundo Cleina, a Federação das Associações de Municípios da Paraíba - Famerp, orientou que

fizem nos processos de maneira remota. Ainda segundo ela houve divulgações boca a boca, e via rede sociais. Cleina me reparou que poucas pessoas procuraram a secretaria de Educação e Cultura para pedir orientações. Ela também não soube explicar porque não alcançou os coqueiros e disse também que não existia uma estratégia além de formulá-los no google forms para chegar nos artistas de São Bráulio, já que muitos deles não tem acesso a redes sociais ou outras formas online de informações. Contudo, em dinheiro ainda não foi reparado para nenhuma artista de São Bráulio. Cleina disse que fizeram todas as solicitações, mas não reparou o dinheiro por conta das eleições, eles não foram autorizados a reparar, mas que o dinheiro estava em caixa.

Nesse sentido, eu também liguei para a atual secretária de Educação e Cultura do município, Lía Paulino, para entender o que estava sendo feito com relação ao dinheiro da Lei Aldi Blanco. Eu fiz algumas tentativas de ligações, mas não consegui falar com ela à tardinha. Lía me explicou que estava indo para Campina Grande e que por isso a ligação estava ruim, já o sinal de celular ficava ruim. No geral, ela me explicou que o dinheiro estava bloqueado e que eles faziam novas solicitações já que as realizadas anteriormente eram falhas. Ela me pediu para ir na secretaria

na próxima terça-feira dia 8 de junho, para
conversarmos melhor e para que ela me explicasse
os pontos que eles estavam demandando, mas me
adiantou que tinha tido uma reunião com
a secretária do Estado da Paraíba sobre o
conjunto e que estavam a prontando outros
editais.

Resultados da visita a secretaria de Educação

Nome: José Primitivo Belmonte

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Data: 08 de Junho de 2021

Horas realizadas: não se aplica

Hoje eu fui até a secretaria de Educação e Cultura do município de Gado Branco e o objetivo foi questionar sobre o andamento e aplicação da Lei Aldir Blanc. Havia combinado de conversar com a atual secretária Lida Paulino, no entanto, ao chegar na secretaria fui encaminhado para falar com Renata Queiroz, assistente da secretária. Como ela é uma funcionária concursada, ela também fez parte da gestão anterior.

Renata me explicou que o dinheiro repassado pelo governo federal para o município, por meio da Lei Aldir Blanc, estava bloqueado. O dinheiro não foi aplicado no ano de 2020 porque a secretaria não enviou a prefeitura não enviou um ofício para a Câmara de Vereadores para que os vereadores aprovassem a entrega do dinheiro da lei no orçamento do ano. Houve também um adiamento por conta das eleições.

A secretaria teve uma reunião com a secretária do estado para resolverem a pendência do bloqueio, já que na lei especifica que se o dinheiro não for utilizado pelo

munici pio, ele deveria ser extornado para o governo federal. Renata me explicou que eles est o tentando reverter a situa o e deixar o dinheiro em caixa. Renata me explicou tambem que os editais que foram ~~realizados~~ abortos ano passado para usar o dinheiro da lei v o ser cancelados porque foram feitos erroneamente e que, por isso n o poderiam valer. Eu expliquei para ela que as aquisi es n o foram contempladas, que houve uma falha na comunica o com essas pessoas a fim de inclu -las no projeto. Ela disse que n o poderia falar sobre isso, porque n o foi ela que ficou respons vel pela comunica o e divulga o do edital e do mapeamento feito pelo google forms. Renata me disse que est  sendo confeccionado outro edital, dessa vez mais inclusivo, que est  sendo elaborado pelo professor de geografia do munic pio Ivomilson Carneiro e pelo conselheiro tutelar Josiel Melo. Ela me explicou que esse edital poderia abranger mais quest es de alcan e aos artistas.